



**Universidade de
Aveiro
2010**

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

**Henrique Manuel
Testa Vicente**

**Família multigeracional e relações intergeracionais:
Perspectiva sistémica**



**Universidade de
Aveiro
2010**

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

**Henrique Manuel
Testa Vicente**

**Família multigeracional e relações intergeracionais:
Perspectiva sistémica**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Saúde, realizada sob a orientação científica da Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa, Professora Auxiliar com Agregação da Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro

Apoio financeiro da Fundação para a
Ciência e a Tecnologia do Ministério da
Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
através de Bolsa de Investigação no
âmbito do POCI 2010 – Formação
Avançada para a Ciência – Medida IV.3
(referência SFRH / BD / 23545 /2005)

Este trabalho é dedicado à minha família

o júri

presidente

Prof. Doutor Luís Filipe Pinheiro de Castro
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Prof. Doutor Nelson Fernando Pacheco da Rocha
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Madalena Moutinho Alarcão Silva
Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Prof. Doutor António Manuel Godinho da Fonseca
Professor Associado da Universidade Católica do Porto

Prof. Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

As minhas primeiras expressões de gratidão vão para as famílias participantes na investigação e, muito especialmente, para a Prof. Doutora Liliana Sousa, cujo suporte constante, disponibilidade quotidiana, e optimismo inabalável foram mais valias inestimáveis para que este trabalho atracasse em bom porto. Mas outras pessoas são igualmente lembradas. António Gouveia, Álvaro Mendes, Céu Baião, Denise Esteves, Marta Patrão, Mónica Subtil, Nuno Fonseca, Sofia Rodrigues. A elas consagro os meus mais sinceros e humildes agradecimentos.

palavras-chave

Família multigeracional; relações intergeracionais e intrageracionais; redes sociais pessoais; abordagem sistémica

resumo

Os sistemas familiares multigeracionais (três ou mais gerações vivas) passaram de raros no passado a uma realidade social cada vez mais comum na actualidade, devido ao fenómeno demográfico de envelhecimento populacional. Este estudo pretende contribuir para o conhecimento deste sistema social, situado entre a família nuclear e a comunidade, procurando descrever a sua estrutura, funções e padrões relacionais dos seus membros com outros familiares e com os sistemas sociais envolventes.

Para tal, foi organizada uma amostra de 25 famílias multigeracionais (contendo quatro gerações), à qual foi aplicada uma entrevista de genograma a um elemento das gerações intermédias e quatro entrevistas de análise da rede social pessoal (uma por geração), perfazendo um total de 25 entrevistas de genograma e 92 de avaliação da rede social (menos 8 do que o esperado devido a mortalidade experimental).

A análise dos dados possibilitou: 1) a aplicação do princípio de totalidade sistémica à família multigeracional, a sua definição como um sistema social de complexidade idiossincrática, a identificação dos subsistemas que compõem o objecto de estudo (indivíduo, núcleo familiar, composição familiar, geração, linhagem), e a definição de uma tipologia familiar multigeracional (família unificada, dispersa e fragmentada); 2) a identificação e análise de papéis sociais desempenhados pelos indivíduos no contexto familiar multigeracional especificamente relevantes neste nível sistémico (guardião das memórias familiares, elo de ligação familiar, pronto-socorro familiar); 3) a descrição das redes sociais pessoais e a identificação das diferenças estruturais e funcionais entre indivíduos pertencentes a diferentes subsistemas geracionais, que permitem reflectir sobre a evolução da rede social ao longo das várias fases de desenvolvimento individual e familiar; 4) um conhecimento mais aprofundado das redes sociais dos indivíduos mais idosos que pertencem a famílias multigeracionais, da composição da matriz relacional percebida como significativa e apoios disponibilizados.

Em suma, os dois primeiros capítulos reflectem o esforço de desenvolvimento de um modelo heurístico para o sistema familiar multigeracional, numa perspectiva estruturalista, enquanto os dois capítulos subsequentes, apoiando-se conceptualmente nos anteriores, facultam um quadro das relações entre subsistemas geracionais na actualidade, através de uma metodologia de análise das redes sociais.

keywords

Multigenerational family; intergenerational and intragenerational relations; personal social networks; systemic approach

abstract

Multigenerational family systems comprising four generations are increasingly common nowadays due to the demographic phenomenon of population aging. This study aims at a deeper understanding of this social system, placed between the nuclear family and the community, in particular by describing its structure, functions and relational patterns of its members with other members in the family and surrounding social systems.

A sample of 25 multigenerational families (comprising four generations) was selected. A genogram interview was applied to a member of the middle generations, and four personal social network questionnaires were administered to one element of each generation. A total of 25 genograms and 92 social network inventories were collected (minus 8 than expected due to experimental mortality).

Main findings were: 1) the application of systemic principles to the multigenerational family, which allowed us to define it as a social system of idiosyncratic complexity, involving specific subsystems (individual, family nucleus, family composition, generation, lineage), and also to define a multigenerational family typology (unified, dispersed and fragmented family); 2) the identification and analysis of social roles assumed by individuals in the multigenerational family context, that are specifically relevant in this systemic level (keeper of family memories, connecting link in the family, family first aider); 3) the description of the personal social networks and the identification of structural and functional differences among individuals belonging to different generational subsystems, which allowed for a reflection on the evolution of social networks through the various stages of individual and family development; 4) a deeper knowledge of the eldest family members social networks, i.e. the relational matrix of significant individuals and supports in old-old age.

In summary, the first two chapters reflect the development of a heuristic model directed at the multigenerational family, whereas the two subsequent chapters provide a view of contemporaneous relationships between generational subsystems, through a social network analysis methodology.

ÍNDICE

Índice de figuras e tabelas	xvii
Introdução	1
“Das relações intergeracionais à família multigeracional”	
Envelhecimento e relações familiares intergeracionais	1
Pensamento sistémico e reconceptualização do objecto de estudo	4
As múltiplas faces da família e a dicotomia passado/presente	7
O enfoque da investigação	11
A propósito da estrutura da família multigeracional	11
Em torno das relações na família multigeracional	12
Bibliografia	14
Capítulo I	17
“Família multigeracional: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar”	
1.1. Introdução	19
1.2. Família multigeracional	19
1.2.1. Família multigeracional: Definição	20
1.2.2. Família multigeracional: Solidariedades intergeracionais	21
1.2.3. Família multigeracional: Contexto social	22
1.3. Objectivos	23
1.4. Metodologia	23
1.4.1. Instrumento	23
1.4.2. Recolha dos dados	24
1.4.3. Caracterização dos inquiridos	25
1.5. Análise dos dados	25
1.5.1. Subsistemas na família multigeracional	26
1.5.2. Tipologia estrutural multigeracional	28

1.6. Implicações	32
1.6.1. Provisão de suporte/reservatórios e redes de comunicação	33
1.6.2. Processo de avaliação familiar e desafios à intervenção	34
1.7. Conclusões	35
1.8. Bibliografia	36
Capítulo II	39
“Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional”	
2.1. Introdução	41
2.2. Funções e ciclo vital da família nuclear	42
2.3. “Novas” funções na família multigeracional	43
2.3.1. Guarda das memórias familiares	43
2.3.2. Ligação entre subsistemas	44
2.3.3. Apoio aos vários subsistemas	45
2.4. Objectivos	45
2.5. Metodologia	45
2.5.1. Amostra	47
2.5.2. Análise dos dados	47
2.6. Resultados	50
2.6.1. “Guardião das memórias familiares”	53
2.6.2. “Elo de ligação familiar”	54
2.6.3. “Pronto-socorro familiar”	54
2.7. Discussão	54
2.7.1. Implicações para a intervenção familiar	57
2.8. Conclusões	57
2.9. Bibliografia	60
Capítulo III	63
“Relações intergeracionais, intrageracionais e redes sociais pessoais: A matriz relacional da família multigeracional”	
3.1. Introdução	65
3.2. Tendências da investigação em famílias multigeracionais	65
3.3. Relações familiares intergeracionais e redes sociais	67
3.4. Objectivos	68
3.5. Metodologia	68

3.5.1. Procedimentos e instrumento	69
3.5.2. Caracterização da amostra	71
3.6. Análise da rede social	72
3.6.1. Características estruturais	72
3.6.2. Características funcionais	75
3.7. Discussão dos resultados	77
3.8. Conclusões	80
3.9. Bibliografia	82
Capítulo IV	85
“Personal social networks of the eldest generations: The case of four-generation families”	
4.1. Introduction	86
4.2. Assessing social networks	86
4.3. The scope of multigenerational family studies	88
4.4. Social networks in old age	89
4.5. Objectives	90
4.6. Method	90
4.6.1. Procedures and instruments	90
4.6.2. Sample	93
4.6.3. Data analysis	93
4.7. Results	93
4.7.1. Size	93
4.7.2. Composition	94
4.7.3. Density	95
4.7.4. Dispersion	96
4.7.5. Frequency of contacts	96
4.7.6. Overall support	97
4.7.7. Contents	98
4.7.8. Reciprocity	100
4.7.9. Conflict / Intimacy	100
4.7.10. Durability (stability)	100
4.8. Discussion	101
4.8.1. Defining features of social networks in old-old age	101
4.8.2. Social networks and generational subsystems	102
4.8.3. Implications on network intervention	103
4.9. Conclusions	105
4.10. Bibliography	106

Conclusões gerais	109
“Considerações em torno da investigação sobre famílias multigeracionais e relações intergeracionais”	
Limitações do desenho metodológico e principais contributos	109
Os capítulos	110
Estrutura e funções na família multigeracional	110
Redes sociais pessoais e família multigeracional	113
Notas finais	118
Bibliografia	120

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1.1. Subsistemas na família multigeracional	26
Figura 1.2. Tipologia estrutural multigeracional	28
Figura 1.3. Exemplo da estrutura “família unificada”	29
Figura 1.4. Exemplo da estrutura “família dispersa”	30
Figura 1.5. Exemplo da estrutura “família fragmentada”	30
Figura 3.1. Peso relativo das várias gerações no quadrante familiar	75
Tabela 2.1. Categorias e subcategorias: definições e exemplos	48
Tabela 2.2. Caracterização sócio-demográfica dos indivíduos que exercem funções familiares	51
Tabela 2.3. Características dos papéis familiares	52
Tabela 3.1. Descrição do instrumento e variáveis mensuradas	70
Tabela 3.2. Variáveis estruturais da rede social segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)	72
Tabela 3.3. Diferenças estruturais entre os subsistemas geracionais (Teste de comparações múltiplas de Scheffé)	73
Tabela 3.4. Composição da rede social segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)	74
Tabela 3.5. Variáveis funcionais da rede social e apoio geral prestado por cada geração segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)	76
Tabela 3.6. Diferenças funcionais entre os subsistemas geracionais (Teste de comparações múltiplas de Scheffé)	76
Tabela 3.7. Apoio geral facultado por cada subsistema geracional (Médias e Análise da Variância)	77
Tabela 4.1. Description of the interview and variables	91
Tabela 4.2. Network composition, dispersion and frequency of contacts (mean values)	95
Tabela 4.3. Levels of overall support (means and correlations)	97
Tabela 4.4. Contents of the personal networks (means and correlations)	99
Tabela 4.5. Contents provided by network quadrant and generation	99

INTRODUÇÃO GERAL

“DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS À FAMÍLIA MULTIGERACIONAL”

Esta tese agrega um conjunto de manuscritos submetidos ou publicados em revistas científicas, centrado na temática das famílias multigeracionais e das relações intergeracionais, e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, através de Bolsa de Investigação no âmbito do POCI 2010 – Formação Avançada para a Ciência – Medida IV.3 (referência SFRH / BD / 23545 /2005).

O projecto originalmente submetido e aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia focava a análise das redes sociais pessoais (Alarcão & Sousa, 2007; Sluzki, 1996/2002) de indivíduos pertencentes a famílias com quatro gerações, de forma a conhecer as relações intergeracionais e intrageracionais que se desenvolvem no seio do sistema familiar multigeracional, e que envolvem bisavós, avós, pais, netos e bisnetos. Contudo, desde cedo, foram introduzidas modificações ao primeiro plano de trabalhos, que girava essencialmente em torno das relações intergeracionais mencionadas, para uma maior valorização do sistema social que as alberga. Como veremos de forma mais aturada nesta introdução, a revisão da literatura sobre as temáticas centrais do envelhecimento, família e redes sociais, levou a uma reconceptualização do objecto de estudo, cujas ondas de impacto se fizeram sentir em todos os procedimentos e tarefas, desde os métodos até à análise dos resultados, passando mesmo pela alteração do título original da tese. Em seguida, abordam-se os principais referenciais teóricos que determinaram a escolha da família multigeracional como objecto de estudo e conduziram às modificações ao projecto original.

ENVELHECIMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES INTERGERACIONAIS

Esta investigação encontra-se estreitamente associada ao envelhecimento como tendência social e demográfica dominante na contemporaneidade, cujo impacto se sente em diversas esferas da vida humana, particularmente no contexto familiar.

O envelhecimento, no sentido lato, não é uma novidade. Tão pouco é uma invenção da modernidade. As afirmações de biólogos relativamente à invariabilidade do limite da vida desde o aparecimento da nossa espécie (Cabrillo & Cachafeiro, 1992), assim como os registos históricos de pessoas que sobreviveram até propectas idades em momentos de baixíssima esperança média de vida à nascença (Cabrillo & Cachafeiro, 1992; Feio, 2006), posicionam o envelhecimento e a velhice como partes integrantes da experiência humana. Pitágoras e Platão são exemplos de

indivíduos que viveram até idades avançadas, séculos antes do nascimento de Cristo, quando a esperança média se saldava nuns exíguos 20 anos de vida (Feio, 2006). A este facto não é alheio o elevado estatuto social, riqueza e faustosas condições de vida que permitiam a uma minoritária elite atingir a velhice, por oposição a uma larga faixa da população sujeita a violentos e nefastos ambientes de carência e fome, doença e ignorância, desprotegida face aos elementos climáticos e enclausurada entre contendidas bélicas.

Ao longo dos tempos, mas sobretudo no decorrer do século XX, assistiu-se a uma melhoria significativa da qualidade de vida das populações (Cabrillo & Cachafeiro, 1992), com o conseqüente aumento da esperança média de vida à nascença que, na aurora do século XXI, ultrapassa os 80 anos para as mulheres e os 75 anos para os homens. Como refere Feio (2006: 36), “vivemos hoje na plebe tanto quanto os gregos privilegiados viveram noutros tempos”, um feito nada menos do que notável e uma das maiores histórias de sucesso da Humanidade (Bengtson, Lowenstein, Putney, & Gans, 2003). Aqui se situa, efectivamente, uma característica idiossincrática da modernidade, que a distingue das restantes épocas da história da Humanidade: o envelhecimento demográfico, definido como a “passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambos os fenómenos atingem níveis baixos” (Instituto Nacional de Estatística, 2002: 188). O aumento da longevidade e envelhecimento populacional tem ocorrido tanto nos países desenvolvidos como naqueles em vias de desenvolvimento. Este processo ocorre a par de um fenómeno de envelhecimento secundário, por vezes apelidado de envelhecimento dos idosos, com o grupo etário das pessoas com mais de 80 anos de idade a apresentar os maiores índices de crescimento (Bengtson *et al.*, 2003). Os ganhos nas idades avançadas, traduzidos numa rectangularização da curva de sobrevivência, constituem, actualmente, o principal contributo para o aumento da esperança de vida, sendo de esperar um abrandamento da longevidade no futuro pois, apesar de persistir o debate em torno do limite da vida humana, é expectável que os ganhos sejam pouco significativos (INE, 2003).

O cenário português é semelhante ao de outros países Europeus (Figueiredo & Sousa, 2001). Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2008), nos últimos anos em Portugal, as principais tendências demográficas são o abrandamento do crescimento populacional total e o envelhecimento populacional. Este último decorre, por um lado, do estreitamento da base da pirâmide etária fundado numa diminuição acentuada da fecundidade e, por outro, de um aumento da longevidade que se repercute numa maior colonização do topo da pirâmide. Entre 1960 e 2001 este fenómeno traduziu-se num incremento de 140% da população idosa (em valores absolutos, a população idosa aumentou cerca de um milhão de indivíduos) e um decréscimo de aproximadamente 36% na população jovem (INE, 2002).

O fenómeno de envelhecimento secundário da população idosa também se verificou na realidade portuguesa, com uma taxa de crescimento anual de 3.5% para a população com mais de 85 anos de idade por comparação com um valor de 2.7% para aqueles com mais de 75 anos. Em 2007, o índice sintético de fecundidade atingiu o valor mais baixo de que há registo na demografia portuguesa, saldando-se em 1.33 crianças por mulher, enquanto o índice de envelhecimento

atingia os 114 idosos por cada centena de jovens (INE, 2008). A redução nas taxas de mortalidade para todas as faixas etárias entre 2002 e 2007, assim como a tendência decrescente nas taxas de mortalidade infantil no mesmo período, tiveram como corolário o aumento da esperança média de vida à nascença. Em 2005-2007, este valor situou-se nos 75.18 anos para a população masculina e 81.57 anos para a feminina.

Se este cenário se mantiver, e as projecções assim o indiciam¹, o envelhecimento da população portuguesa prosseguirá, com importantes repercussões, tanto ao nível social e económico (por exemplo, nos custos de prestação de cuidados aos idosos e utilização de serviços, particularmente na área da saúde) (Figueiredo & Sousa, 2001) e na polémica questão da sustentabilidade do sistema de reformas e pensões; como ao nível do contexto relacional dos indivíduos, dos quais se destaca a esfera familiar, onde uma geração é adicionada à estrutura de muitas famílias (Bengtson *et al.*, 2003).

Ao fenómeno de “expansão intergeracional”, condensado neste aumento do número de gerações que convivem, deve-se acrescentar outro que ocorre paralelamente e deriva das quedas nos índices de fertilidade: a “contração intrageracional”, ou seja, a diminuição do número de indivíduos em cada geração na família. As famílias modernas, que emergiram na grande maioria das sociedades industrializadas do Ocidente, apresentam uma marcada tendência para a multigeracionalidade, se bem que com poucos efectivos por geração, razão pela qual Bengtson, Rosenthal e Burton (1990) avançaram com a designação “famílias em feijoeiro”.

Como assinala Harper (2004), as alterações demográficas têm importantes implicações no tecido da família e no exercício de papéis no seu seio. O decréscimo na fertilidade pode repercutir-se na redução da duração de determinados papéis familiares como os de progenitor de filho dependente, ou comprometer o exercício de outros como, por exemplo, o de irmão, mas o aumento da longevidade implica um aumento na duração de outros papéis, como os de cônjuge, progenitor de filho não dependente e avô. A extensão da família sobre o seu eixo vertical (Mietkiewicz & Jolliot, 2004) torna também cada vez maior o número de pessoas que vive uma parte das suas vidas em sistemas familiares com três ou quatro gerações (Harper, 2004), aumentando a probabilidade dos indivíduos assumirem o papel de bisavós e bisnetos².

O estudo das redes sociais pessoais de indivíduos que pertencem a famílias em que coexistem quatro gerações distintas afigurava-se, assim, relevante para desvelar os padrões interactivos entre as gerações que, actualmente, ganham um peso acrescido devido aos fenómenos demográficos supracitados. Contudo, as reflexões efectuadas sobre os conceitos de rede social e família conduziram a uma mudança de enfoque das relações intergeracionais para o sistema

¹ Para Portugal prevê-se que a percentagem da população idosa com mais de 65 anos ultrapasse a dos jovens com menos de 15 anos de idade entre 2010 e 2015 (INE, 1999), e que, em 2050, a esperança média de vida atinja os 79.0 anos para os homens e 84.7 anos para as mulheres (INE, 2003).

² Alguns estudos já foram dedicados a esta díade relacional emergente, se bem que o seu número ainda seja relativamente exíguo (e.g. Mietkiewicz & Jolliot, 2004; Reese & Murray, 1996).

familiar multigeracional, através da adopção de uma lente sistémica de leitura da realidade, que será abordada no ponto seguinte.

PENSAMENTO SISTÉMICO E RECONCEPTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

O conceito de “rede” deteve capital importância nesta investigação, desde a fase germinal de revisão bibliográfica até aos procedimentos de recolha de dados e análise dos resultados, principalmente porque o projecto inicial contemplava a adopção de uma metodologia de análise da rede social – através da aplicação da versão revista do Instrumento de Análise de Redes Sociais Pessoais (Alarcão & Sousa, 2007) – que implicou uma reflexão sobre as potencialidades da rede social pessoal como mecanismo de estudo quantitativo das relações intergeracionais.

Estando a avaliação das redes sociais pessoais em Portugal estreitamente associada à abordagem sistémica, com vários estudos no âmbito da Psicologia da Família, Terapia Familiar e Intervenção Sistémica (e.g. Abreu, 2000; Gonçalves, 2003; Sousa, 2005; Guerra, Vicente, Figueiredo, & Sousa, 2008, Machado, 2008), a revisão da literatura, que num primeiro momento se realizou com o objectivo de melhor conhecer e adaptar o instrumento, acabou por enformar as lentes epistemológicas utilizadas, que passaram também a reflectir esta “forma de perspectivar o mundo” (Guadalupe, 2009: 9), que se convencionou designar “Sistémica”.

Apesar da aplicação do conceito de “rede” nas ciências sociais e da utilização de modernas metodologias de análise de redes para estudar a realidade social apenas se encontrar na literatura a partir da segunda metade do século XX, desde tempos imemoriais que a noção mais abrangente de “rede” tem ocupado a mente daqueles que procuram divisar esquemas compreensivos para o mundo em que vivemos.

Uma das primeiras tentativas de aplicar o conceito à compreensão da realidade pode ser encontrada no sutra *Avatamska*, uma escritura atribuída a Shakyamuni Buddha, que contém a sua revelação mística em relação à natureza das coisas. Segundo Davis (1999), este sutra apresenta, provavelmente, uma das mais complexas conceptualizações de rede encontradas em textos religiosos. Os filósofos budistas chineses Hua-yen, que estudaram este texto durante os séculos VIII e IX, consideravam que a sua visão cosmológica estava contida na imagem da Rede de Indra (Davis, 1999), a qual foi descrita por Francis Cook (1977: 2) do seguinte modo:

“Far away in the heavenly abode of the great god Indra, there is a wonderful net which has been hung by some cunning artificer in such a manner that it stretches out infinitely in all directions. In accordance with the extravagant tastes of deities, the artificer has hung a single glittering jewel in each “eye” of the net, and since the net itself is infinite in dimension, the jewels are infinite in number. There hang the jewels, glittering like stars of the first magnitude, a wonderful sight to behold. If we now arbitrarily select one of these jewels for inspection and look closely at it, we will discover that in its polished surface there are reflected all the other jewels in the net, infinite in number. Not only that, but each of the jewels reflected in this one jewel is also reflecting all the other jewels, so that there is an infinite reflecting process occurring”.

Os filósofos chineses concluíram que esta rede holográfica simbolizava um cosmos de inter-relacionamentos infinitamente repetidos entre todos os seus elementos constituintes (Cook, 1977), e a identificação mútua e natureza mutuamente interpenetrante de todos os fenómenos, o que, num sentido dinâmico, significa que o universo é uma rede interdependente de agentes insubstanciais que constantemente influenciam e são influenciados por outros agentes (Davis, 1999).

Esta visão mítica e ancestral do mundo foi ressuscitada no início do século XX, quando as teorias sistémicas começaram a germinar nas mentes de físicos, biólogos, ecologistas, e psicólogos, particularmente no campo da Psicologia da *Gestalt*, disciplina que avançou com as ideias de campo, de forma global e totalidade (Guadalupe, 2009). Estes, ao invés de tentarem diligentemente compreender os objectos de estudo através da sua sistemática decomposição em partes mais pequenas, como a filosofia Cartesiana havia ensinado, introduziram um novo *olhar* que enfatizava a conectividade, a relação e o contexto. Segundo o pensamento sistémico:

“Living systems are integrated wholes whose properties cannot be reduced to those of smaller parts. Their essential, or ‘systemic’, properties are properties of the whole, which none of the parts have. They arise from the ‘organizing relations’ of the parts, i.e. from a configuration of ordered relationships that is characteristic of that particular class of organisms, or systems. Systemic properties are destroyed when a system is dissected into isolated elements” (Capra, 1996: 36).

A esta mudança de foco epistémico, das partes para o todo, agrega-se uma mudança na forma como os conhecimentos provenientes de ciências distintas se articulam, cruzam e interconectam. Na obra *General Systems Theory* de Von Bertalanffy, um dos marcos fundadores da Sistémica, “equacionou-se o problema dos saberes esboroados que não permitia (...) avançar no conhecimento, pois o método analítico entendia-se como profundamente desadequado à realidade, já que não permitia estudar e compreender os fenómenos na sua complexidade” (Guadalupe, 2009: 23). A Teoria Geral dos Sistemas (Guadalupe, 2009), também designada em língua portuguesa por Teoria do Sistema Geral (Durand, 1992), enfatizava o estudo dos objectos nas relações que mantinham com outros objectos, o que culminou num intercâmbio entre diferentes áreas do saber, que “aparentemente não se tocavam” (Guadalupe, 2009: 24).

Num movimento de corte com o modelo psiquiátrico tradicional, de cariz organicista e centrado no indivíduo, a nascente Terapia Familiar da década de 1950 começou a recuperar os contributos, não só de Von Bertalanffy, como da cibernética de Norbert Wiener, para a compreensão da família (Alarcão, 2000). A importância deste tipo de apropriação teórica veio a ser reconhecida e enfatizada por Reuben Hill em 1971 nos seminários organizados pelo *National Council on Family Relations*. Segundo o sociólogo, o desenvolvimento sistemático da teoria e investigação no campo da família passava pelo reconhecimento das teorias gerais que, embora desenvolvidas para outros

propósitos, tenham sido aplicadas de forma implícita ou explícita ao estudo da família como, por exemplo, a Teoria Geral dos Sistemas (Fuster & Ochoa, 2000)

Se bem que redutoras num primeiro momento, devido ao facto de desconsiderarem as interações da família com o meio e grupos sociais envolventes, adoptarem uma leitura mecanicista do funcionamento familiar, relegando para segundo plano a dimensão histórica do sistema, e substituírem uma ignorância reducionista por uma ignorância holista que “separava a família dos membros individuais que a compunham” (Alarcão, 2000: 28), estas primeiras incursões sistémicas ao estudo da família tiveram o mérito de enfatizar a necessidade de estudar e compreender a família como um sistema complexo³.

Enquanto sistema, a família é “composta por elementos e respectivos atributos e relações (...) contém sub-sistemas e é contida por diversos outros sistemas, ou supra-sistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada (...) e possui limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio” (Alarcão, 2000: 38). Igualmente relevante é que, se considerarmos a família um sistema aberto, esta apresentará as mesmas propriedades dos sistemas desta ordem. Como refere Alarcão (2000: 42), “atendendo à propriedade da totalidade, e de acordo com um dos seus corolários – o da não somatividade – não podemos reduzir a família à soma dos seus elementos (ou componentes) nem dos seus atributos (ou características). A vida da família é algo mais do que a soma das vidas individuais dos seus componentes, pelo que tem sentido observar a interação e equacionar o seu desenvolvimento como sistema total”. Outro dos corolários – a impossibilidade de estabelecimento de relações unilaterais – estabelece que “o comportamento de cada um dos seus membros é indissociável dos restantes e aquilo que lhe acontece afecta a família no seu conjunto” (Alarcão, 2000: 42). O estudo do indivíduo isolado em relação aos meios a que pertence, nomeadamente o familiar, passa a revelar-se insuficiente, afigurando-se necessário introduzir um foco de análise ecossistémico (Alarcão, 2000).

Apesar da relação entre pais e filhos ser, para todos os efeitos, uma relação intergeracional, e concretizar-se no seio de uma família nuclear, pelo menos enquanto a criança é dependente dos progenitores, uma grande fatia das relações entre indivíduos pertencentes a gerações distintas (entre as quais também se conta a relação entre pais e filhos, mas desta feita quando os primeiros são idosos e os segundos se encontram na meia-idade) enquadram-se e ocorrem num sistema social mais vasto apelidado de família extensa ou alargada. Segundo os princípios sistémicos acima elencados, poderíamos afirmar que, da mesma forma que a família nuclear é mais do que a soma das relações entre pais e filhos, cônjuges e irmãos e dos subsistemas individuais que a

³ O autor desta tese subscreve a posição de Alarcão (2000: 22) como ponto de partida para esta investigação, quando a autora refere que “para que uma possível nova evolução conceptual não nos acuse (e com razão) de novo reduccionismo, é importante que as nossas construções da realidade, nomeadamente as relativas ao sistema familiar, integrem vários pontos de vista, resultem de questionamentos diversos e de níveis diferentes de análise e não esqueçam que têm autores, seus pais mas não deuses, e, como tal, construtores de realidades não absolutas e, de alguma forma, imperfeitas. O nosso saber e o nosso sentir não são lineares mas alimentam-se, recursivamente, de vários componentes, situados em vários patamares. A nossa riqueza estará, então, na sua integração e não na sua clivagem.”

compõem, também a vida do sistema familiar alargado seria mais do que a soma das relações intergeracionais que constituíam o objecto de estudo inicial, a saber, aquelas que envolvem bisavós, avós, pais, netos e bisnetos. Um primeiro olhar sobre o sistema familiar alargado facilmente identifica outras relações intergeracionais para além daquelas acima elencadas, como por exemplo, aquelas que envolvem tios e tios-avôs, sobrinhos e primos, padrinhos e afilhados. Acresce que, embora alguns modelos teóricos tenham sido desenvolvidos para a família nuclear, como por exemplo, o modelo circunplexo de Olson e colaboradores (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen, & Wilson, 1989), e para as relações intergeracionais na adultez, como por exemplo, o modelo da solidariedade intergeracional (e.g. Rossi & Rossi, 1990; Silverstein & Bengtson, 1997), a família multigeracional continuava desprovida de um modelo de cariz sistémico que reconhecesse a sua individualidade enquanto sistema social. Desta forma, optou-se por alterar o objecto de estudo, das “relações intergeracionais” para a “família multigeracional e relações intergeracionais”, uma modificação de fundo que vê a sua expressão mais saliente no título da presente tese.

AS MÚLTIPLAS FACES DA FAMÍLIA E A DICOTOMIA PASSADO/PRESENTE

A família é uma das palavras mais utilizadas do léxico das diversas ciências sociais, embora o seu carácter polissémico, cobrindo um “leque de conteúdos que diferem consoante as circunstâncias do discurso e os países” (Segalen, 1999: 33), possa dar azo a mal-entendidos. Neste sentido, Fuster e Ochoa (2000) consideram que a definição do conceito é um dos primeiros e mais complexos problemas que se colocam ao investigador que procura estudar a família. A unidade conjugal, a rede extensa de familiares, o desenvolvimento dos grupos de parentela ao longo do tempo, podem todos ser considerados diferentes manifestações do sistema familiar pois *“representan aspectos diferentes y complementarios de una institución que tenía y tiene capacidad para exigir lazos de lealtad y autoridad”* (Fuster & Ochoa, 2000: 36).

O discurso sociológico e antropológico de finais do século XIX e princípios do século XX, profundamente influenciado pela corrente do evolucionismo social, perspectivava a família nuclear como produto final de um processo desenvolvimental que tinha na base ou origem sistemas mais complexos de parentela, coabitação e casamento, que perderiam relevância com o advento da modernidade. Esta visão encontra-se expressa, na sua forma mais polida e sistematizada, nos trabalhos de Talcott Parsons (1959, *in* Fuster & Ochoa, 2000). De carácter eminentemente positivista e funcionalista, Parsons considerava que as duas tarefas primordiais da família eram a socialização das crianças e o desenvolvimento e estabilidade do casal adulto. Este autor argumentava que as exigências laborais de uma sociedade industrial, que requeria uma força de trabalho móvel e flexível, eram incompatíveis com a estrutura da família extensa ou alargada, sendo que a “nova” organização atomista – a família nuclear isolada – era uma resposta adaptativa da família aos condicionantes externos.

Esta perspectiva encontra-se ancorada numa definição de família extensa ou alargada, como um conjunto de “famílias nucleares, ligadas entre si geneologicamente, com residência comum”

(Bernardi, 1974/1992: 290), isto é, “um grupo integrado de várias famílias nucleares ou conjugais que residem, normalmente, numa mesma casa ou num mesmo conjunto de moradias menores com serventias interdependentes” (Lima, Martinez, & Filho, 1991: 125-126), e na assunção de que esta seria o arranjo habitacional preferencial das sociedades tradicionais; ou seja, baseia-se num entendimento da família sob o duplo prisma do parentesco e da co-residência, que durante bastante tempo foi preponderante (Segalen, 1999).

Como Fuster e Ochoa (2000) assinalam, também o senso comum veicula uma imagem das famílias de outrora como muito numerosas e vivendo em coabitação, assumindo na contemporaneidade uma conversão gradual em torno da forma nuclear, fruto das necessidades funcionais da economia industrial. Esta representação evolutiva estaria ainda impregnada por juízos de valor, enraizados no discurso que segregava a vida familiar em dois pólos diacrónicos:

“el discurso ideológico en el pasado y en el momento actual gira en torno a dos tipos simplificados de familia supuestamente idealizados que forman parte de la imagenería popular y de algunos científicos sociales: por una parte, la gran familia extensa de antaño, y, por otra, la familia reducida contemporánea o familia nuclear. Para Segalen éste es un contraste maniqueo entre lo que era bueno y lo que es malo. Así, los «buenos» valores familiares corresponden a la gran familia extensa de antaño: por ejemplo, la presencia de abuelos asegura la continuidad familiar, facilita los cuidados y la educación de los hijos. Sin embargo, la pareja contemporánea, en la que los esposos trabajan, no puede conocer la verdadera vida familiar, los hijos son confiados a la guardería, a la escuela, a la calle, lo que crea la delincuencia juvenil, drogodependencias, etc., y todo, porque dicen que la transmisión familiar ya no existe” (Fuster & Ochoa, 2000: 44)

A questão da mudança na vivência familiar permanece um objecto de debate intenso. Por exemplo, reportando-se à questão do aumento da incidência do divórcio e do número de pessoas que optam por voltar a casar, uma das mudanças sociais que alguns autores argumentam que afecta a forma como as gerações interagem entre si (e.g. Sousa, 2006), Dimmock e colaboradores referem:

“There is a tendency for some research to start from an assumption that family change and discontinuity is somehow new, or on a new scale (...) Current concerns about dealing with family change and its intergenerational consequences are not new, even if a major cause of change, divorce, and remarriage on a mass scale, is. It should also be noted that part of the concern is created by assumptions that family life is significantly less stable now than it was in the past. There are arguments on both sides in this area, but it is a contested matter, not a fact” (Dimmock et al., 2004: 92).

Apesar da análise histórica, no momento actual, facultar provas de que os grupos domésticos de família alargada nunca foram a norma, tanto no contexto mais restrito português como no resto da

Europa (Wall, 2005), colocando algumas reservas à dicotomia entre família do passado e família do presente, tal não significa que se ignorem as mudanças significativas que ocorreram no século passado, mesmo em termos de padrões residenciais. Cautela e moderação são as recomendações de Goody (1985) ao estudioso da vida familiar, em particular aquele que se debruça sobre os aspectos “afectivos” das relações entre os seus membros que, de uma maneira ou de outra, também ele próprio experienciou na sua vida pessoal. Muitas vezes, a investigação tem como ponto de partida preocupações contemporâneas (Goody, 1985), situa-se em períodos de transição económica, política e social (Cole & Durham, 2007), mas estes elementos não devem obnubilar a visão do cientista social.

Assumir que a evolução da família não ocorreu da forma preconizada pelos sociólogos e antropólogos do século passado, não significa que se negue ou ignore que numerosos Estados e governos assumiram um papel substancialmente interventivo na vida das populações, tornando-se a força dominante na moldagem dos processos de reprodução social, e reforçando, directa ou indirectamente, a nuclearização da família e a habitação independente dos idosos (Cole & Durham, 2007). Desde os Estados Unidos da América à União Soviética, passando pelos países do Bloco de Leste e da Europa Ocidental (embora com múltiplos cambiantes entre si), as instituições governamentais instituíram medidas como a escolaridade obrigatória, construíram equipamentos para suportar as políticas postas em prática, definiram directrizes precisas sobre a educação das crianças, facultaram subsídios que permitiam às famílias estabelecer residências independentes, com base numa lógica matrimonial de companheirismo, e definiram apoios sociais para quem se via marginalizado pela economia de mercado e pelas novas políticas de aposentamento. Esta lógica viria a inverter-se ainda no decorrer do século passado, a partir dos anos 1980, através da diminuição do papel interventivo e do apoio social veiculado pelo Estado, num movimento ideológico de retirada corporizado por Ronald Reagan nos Estados Unidos da América, Margaret Thatcher no Reino Unido, Helmut Kohl na Alemanha, e pelo colapso do socialismo na Europa de Leste e liberalização económica na China (Cole & Durham, 2007). Claro que esta evolução apresenta variados matizes contextuais, sendo que o debate sobre o Estado-Providência no sul da Europa revela um quadro bastante diferente para a realidade portuguesa:

“Na discussão sobre a classificação dos diferentes Estados-providência na Europa, Portugal é colocado ao lado dos outros países do Sul no modelo residual e conservador cujos traços incluem um Estado-providência fraco que, apesar de enfatizar uma ideologia familialista, dá pouco apoio às famílias. Nesse modelo, os subsídios são baixos, os equipamentos insuficientes e a legislação pouco protectora. Em contrapartida, sublinha que as famílias asseguram uma grande parte da «providência» (propõe-se, aliás, o conceito de «sociedade-providência»), substituindo o Estado em muitas das suas funções de assistência e apoiando-se, nessas tarefas, em redes alargadas de parentes. O conceito de «sociedade-providência» sugere a existência de um «familialismo» forte e de laços familiares extensos que compensam, especialmente no

caso dos mais desfavorecidos, a ausência de apoio por parte do Estado” (Wall, 2005: 36-37)

Para além da questão clássica da mudança na família entroncar na diferença entre realidades nacionais distintas, de primordial importância para o presente estudo são os efeitos que os dois elementos acima descritos, a definição de família com base em critérios de parentesco e residência partilhada e a suposta inevitabilidade evolutiva de formas de coabitação alargada para formas nucleares, tiveram no estudo e compreensão da família. Segundo Bedford e Blieszner (2000), tal desembocou numa marginalização das relações familiares com os membros mais idosos por parte dos estudiosos da família, terapeutas familiares, ou actores políticos, que muitas vezes optavam por arranjos residenciais independentes dos restantes familiares, vivendo, assim, em casal ou sozinhos.

Em 1959, enquanto Parsons concretizava as suas teses sobre a família, Sussman (1988), com o trabalho *“The isolated nuclear family: Fact or fiction?”*, coloca em causa a visão da família nuclear estar desconectada da rede alargada de parentela, argumentando que os laços familiares forjados entre as gerações têm uma influência decisiva nos processos familiares e que a família nuclear, longe de se encontrar isolada, está integrada numa rede de assistência e actividade mútua.

Vários outros autores trilharam caminhos semelhantes, facultando evidências que, para além de contrariarem as teses parsonianas, tiveram o mérito de “desviar o olhar sociológico da conjugalidade” e mostrar que “não é só nos grupos domésticos que se faz a mobilização dos recursos e se vive quotidianamente a vida familiar, sendo que as relações sociais primárias e as sociabilidades familiares, em regra, extravasam o grupo de co-residência” (Vasconcelos, 2005: 601). A partir daí, a família alargada enquanto experiência relacional ganhou peso. Entre os autores que reconheceram a importância das relações intergeracionais com membros da família alargada, destacam-se Carter e McGoldrick (2005), que procuraram divisar um esquema do ciclo vital da família com base na conectividade intergeracional. Segundo as autoras:

“Our view is that “family” comprises the entire emotional system of at least three and now frequently four, generations. This is the operative emotional field at any given moment. We do not consider the influence of the family to be restricted to the members of a particular household or to a given nuclear family branch of the system. Thus although we recognize the dominant American pattern of separately domiciled nuclear families, they are, in our view, emotional subsystems, reacting to past, present, and anticipated future relationships within the larger three-generational family system”
(Carter & McGoldrick, 2005: 6)

Sampaio e Gameiro (1998: 9) subscrevem esta perspectiva quando referem que: “o termo família designa um conjunto de elementos emocionalmente ligados, compreendendo pelo menos três gerações, mas não só: de certo modo consideramos que «fazem parte da família» elementos não ligados por traços biológicos, mas que são significativos no contexto relacional do indivíduo, ou

indivíduos (...) assim, falaremos da família nuclear tradicional (pais e filhos), da família extensa (família alargada com várias gerações) e de elementos significativos (amigos, professores, vizinhos, etc.)”. A propósito da premência da família multigeracional na actualidade, Relvas (2004: 188) refere: “pode dizer-se que o tipo de família dominante é a família multigeracional, considerada em termos vivenciais e relacionais e sem nos reduzirmos ao agregado familiar”.

Reconhecendo a necessidade de adoptar uma definição de “família” mais inclusiva, de forma a incluir os elementos mais idosos, Bedford e Blieszner (1997: 526, cit. Bedford & Blieszner, 2000: 218) avançam com a seguinte proposta: “*a family is a set of relationships determined by biology, adoption, marriage, and, in some societies, social designation and existing even in the absence of contact or affective involvement and, in some cases, even after the death of certain members*”. Os mesmos autores consideram que esta definição é fundamental pelas seguintes razões: “*acknowledge that elders are family members (...) recognize the diverse ways in which elders define and execute family relationships (...) account for demographic trends resulting in family relationships that did not exist in the past*” (Bedford & Blieszner, 2000: 218).

Olhar para além das limitações da residência, parentesco, noções preconcebidas da evolução familiar, e mesmo da morte, parece, então, ser um caminho viável para uma melhor compreensão do sistema familiar alargado multigeracional.

O ENFOQUE DA INVESTIGAÇÃO

A propósito da estrutura da família multigeracional

Retome-se o mito da Rede de Indra para compreender os passos dados ao longo do processo de investigação. Neste caso, o objecto de estudo ou “pedra preciosa”, que seria o sistema familiar multigeracional, encontra-se imerso numa rede de relações sociais que compreende a comunidade e o sistema social alargado em que está ancorado. Mas, quando observado de perto, revela muitas outras “pedras preciosas” ou subsistemas, entre os quais também existe uma complexa rede de relações. É precisamente a identificação e definição destes subsistemas, bem como os padrões interaccionais que mantêm uns com os outros, que constituem os objectivos do primeiro capítulo. Neste sentido, pela ênfase na ideia de estrutura, tomada como ponto de partida para explicar e organizar a realidade da família multigeracional, este estudo revela uma forte influência do estruturalismo, componente integrante do “tríptico basilar do primeiro quadro sistémico” (Guadalupe, 2009). O instrumento utilizado – o genograma – é de valor extensamente reconhecido pela perspectiva transgeracional ao estudo e terapia da família (Sampaio & Gameiro, 1998), cujos praticantes utilizam como meio auxiliar para compreender os problemas das famílias nucleares que se apresentam a consulta, através de uma análise do sistema familiar alargado e da sua história, razão pela qual foi privilegiado nesta primeira fase de cariz essencialmente qualitativo e exploratório.

O segundo capítulo, que partilha as características metodológicas do primeiro, aborda o desempenho de determinadas funções sociais que emergem e ganham sentido no contexto da família multigeracional alargada, as quais se hipotetizou estarem intimamente associadas ao

desenvolvimento familiar e ao desenvolvimento psicológico individual (Vicente & Sousa, 2009), numa lógica de interconectividade e interpenetrabilidade entre dimensões ou níveis sistémicos distintos.

Em torno das relações na família multigeracional

Os dois capítulos subsequentes centram-se na dimensão relacional e interaccional do sistema familiar multigeracional, nas relações existentes entre os subsistemas que compõem a família, versando particularmente os subsistemas geracionais e, destes últimos, com os sistemas sociais exteriores à família, tais como a escola, vizinhança e local de trabalho. O autor esperava que, ao desvelar a configuração de relacionamentos que os indivíduos mantêm com familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho/estudo e técnicos/instituições, se atingisse uma melhor compreensão do sistema social sob escrutínio, complementando as componentes estruturais e funcionais dos dois primeiros capítulos com a vertente relacional da família multigeracional, de forma a reflectir os três critérios-chave dos sistemas vivos propostos por Capra (1996): estrutura, processos vitais e padrões de organização. Estes capítulos revelam igualmente uma outra faceta do estudo, com um enfoque metodológico de cariz quantitativo. Resumidamente, o terceiro capítulo contém uma análise descritiva e comparativa das redes sociais pessoais de indivíduos pertencentes a quatro gerações diferentes de famílias multigeracionais, ao passo que, no quarto e último capítulo, são analisadas, com maior pormenor, as redes da geração mais idosa. Tal consiste, para todos os efeitos, num desvio do “todo” familiar para uma das suas “partes”, o que, aparentemente, contrariaria a opção do investigador em focar a totalidade sistémica em apreço. Morin (*in* Alarcão, 2000: 27) sustentava que “o todo é, ao mesmo tempo, mais e menos do que a soma das partes”, facultando assim um alerta para que a “cegueira reducionista (que só vê os componentes isoladamente)” não cedesse lugar a uma “cegueira holista (que não vê mais do que o todo)”. Este capítulo, dedicado ao estudo de um só subsistema, procura superar os constrangimentos que inevitavelmente acompanham uma análise holista, a qual poderia, eventualmente, obscurecer as particularidades daquela geração que se pode considerar ser fruto das tendências demográficas acima referenciadas.

Entre os antropólogos britânicos, a utilização do conceito de “rede” surge como resultado da insatisfação com o modelo estrutural-funcionalista clássico, embora fosse utilizado de forma metafórica na análise de grupos restritos como, por exemplo, no caso da comunidade piscatória norueguesa analisada por Barnes⁴, ao que se seguiu um desenvolvimento sistemático do conceito

⁴ Barnes (1954, 1987) é habitualmente creditado como um dos primeiros autores a utilizar o conceito de rede no contexto das ciências sociais mas, como pertinentemente assinala Portugal (2007: 4), a questão da sua primazia é discutível: “tal como noutros domínios, é difícil aferir a “paternidade” dos conceitos, teorias e métodos da teoria das redes. Da antropologia de Manchester, à sociometria de Moreno e à teoria dos grafos, do “problema do pequeno mundo” de Milgram, ao pensamento de Simmel, os autores dividem-se quanto às influências mais marcantes. No entanto, parece existir alguma unanimidade em torno do nome de Barnes como o autor que usou, pela primeira vez, a noção de “rede social” para descrever as estruturas sociais de uma comunidade”.

por forma a analisar sistemas de relações sociais (Portugal, 2007). A investigação aqui apresentada segue o mesmo percurso efectuado pela antropologia britânica, condensado na passagem de uma análise estrutural-funcionalista dos dois primeiros capítulos, para uma análise quantitativa das redes sociais do terceiro e quarto capítulos. Embora a teoria da recapitulação de Haeckel, resumida na frase “a ontogenia recapitula a filogenia” tenha sido refutada pela biologia moderna, neste caso particular, a ontogenia da tese parece efectivamente recapitular a filogenia das ciências sociais associadas ao tema em estudo.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, S. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade*. Dissertação de mestrado em Família e Sistemas Sociais, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Miguel Torga. Orientação da Prof. Doutora Madalena Alarcão.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Barnes, J. A. (1954). Class and committees in a Norwegian island parish. *Human Relations*, 7, 39-58.
- Barnes, J. A. (1987). This week's citation classic. *Current Contents*, 23, 18.
- Bedford, V. H. & Blieszner, R. (2000). Older adults and their families. In D. H. Demo, K. R. Allen, & M. A. Fine (eds.) *Handbook of family diversity* (pp. 216-231). New York: Oxford University Press.
- Bengtson, V. L., Lowenstein, A., Putney, N. M., & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein (eds.) *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). New York: Aldine de Gruyter.
- Bengtson, V., Rosenthal, C., & Burton, L. (1990). Families and ageing: diversity and heterogeneity. In R. H. Binstock & L. K. George (eds.) *Handbook of aging and the social sciences* (3 ed., pp. 263-287). San Diego: Academic Press.
- Bernardi, B. (1992). *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1974).
- Cabrillo, F. & Cachafeiro, M. L. (1992). *A revolução grisalha*. Lisboa: Planeta Editora.
- Capra, F. (1996). *The web of life: A new synthesis of mind and matter*. London: Harper Collins.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon.
- Cole, J. & Durham, D. (eds.) (2007). *Generations and globalization: Youth, age, and family in the new world economy*. Bloomington: Indiana University Press.
- Cook, F. H. (1977). *Hua-yen Buddhism: The jewel net of Indra*. University Park, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press.
- Davis, E. (1999). *Techgnosis: Myth, magic + mysticism in the age of information*. London: Serpent's Tail.
- Durand, D. (1992). *A sistémica*. Lisboa: Dinalivro.
- Dimmock, B., Bornat, J., Peace, S., & Jones, D. (2004). Intergenerational relations in UK stepfamilies. In S. Harper (Ed.) *Families in ageing societies: A multi-disciplinary approach* (pp. 82-94). New York: Oxford University Press.
- Feio, M. (2006). Teorias do envelhecimento. In H. Firmino (Ed.) *Psicogeriatría* (pp. 35-41). Coimbra: Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

- Figueiredo, D. & Sousa, L. (2001). Portugal (January 2000). In I. Philip (Ed.) *Family care of older people in Europe* (pp. 189-210). Amsterdam: IOS Press.
- Fuster, E. G. & Ochoa, G. M. (2000). *Psicología social de la familia*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Gonçalves, M. (2003). *Vinculação, rede social pessoal e psicopatologia no primeiro ano do ensino superior*. Dissertação de mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica do Desenvolvimento) apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Orientação da Prof. Doutora Madalena Alarcão.
- Goody, J. (1985). *The development of the family and marriage in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção social: Serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guerra, S., Vicente, H., Figueiredo, D. & Sousa, L. (2008). *Informal caregivers of elderly people: Social network and life satisfaction*. Poster apresentado no XXIX International Congress of Psychology, Berlin, Germany, July 20-25.
- Harper, S. (2004). *Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias*. Comunicação apresentada no Congresso dos Avós, Lisboa, 26 de Novembro de 2004.
- Instituto Nacional de Estatística (1999). *As gerações idosas. Série estudos nº 83*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de Estudos Demográficos*, 32, 185-208.
- Instituto Nacional de Estatística (2003). *Projeções da população residente*. Consultado a 6 de Outubro de 2009, <http://www.ine.pt>.
- Instituto Nacional de Estatística (2008). *Estatísticas Demográficas 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Lima, A. M., Martinez, B., & Filho, J. L. (1991). *Introdução à antropologia cultural*. Lisboa: Editorial Presença, Lda..
- Machado, I. (2008). *Rede social pessoal em vítimas de violência conjugal: Transformações desejadas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica sob a orientação da Professora Doutora Madalena Alarcão. Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Mietkiewicz, M.-C., & Jolliot, C. (2004). Grands-parents, arrière et beaux-grands-parents: Les représentations de jeunes enfants. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 52, 330-336.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H. L., Larsen, A. S., Muxen, M. J., & Wilson, M. A. (1989). *Families: What makes them work*. Newbury Park: Sage Publications, Inc.
- Portugal, S. (2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do CES*, 271. Coimbra: CES-UC. Consultado a 1 de Dezembro de 2009, <http://www.ces.uc.pt>.

- Reese, C. G. & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10 (4), 245-251.
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rossi, A. S. & Rossi, P. H. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1998). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103 (2), 429-460.
- Segalen, M. (1999). A revolução industrial: Do proletário ao burguês. In A. Burguière, C. Klapisch-Zuber, M. Segalen, & F. Zonabend (Dir.) *História da família. O Ocidente: Industrialização e urbanização* (Vol. 4). Lisboa: Terramar.
- Sluzki, C. E. (2002). *La red social: Frontera de la practica sistémica* (3rd ed.). Barcelona: Gedisa Editorial. (Original work published 1996).
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multi-problem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19 (2), 159-175.
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: Uma relação afectiva, uma relação de afectos. *Povos e Culturas*, 10, 39-50.
- Sussman, M. B. (1988). The isolated nuclear family: Fact or fiction. In S. K. Steinmetz (ed.) *Family and support systems across the life span* (pp. 1-10). New York: Plenum Press.
- Vasconcelos, P. (2005). Redes sociais de apoio. In K. Wall (org.) *Famílias em Portugal* (pp. 599-631). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vicente, H. & Sousa, L. (2009). The multigenerational family and the elderly: A mutual or parasitical symbiotic relationship?. In L. Sousa (ed.) *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 27-48). New York: Nova Science Publishers.
- Wall, K. (Org.) (2005). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

CAPÍTULO I

“FAMÍLIA MULTIGERACIONAL: ESTRUTURAS TÍPICAS. CONTRIBUTO PARA A AVALIAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR”⁵

Henrique Testa Vicente* e Liliana Sousa**

* Doutorando em Ciências da Saúde

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro
henrique.vicente@cs.ua.pt

** Professora Auxiliar com Agregação

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro
lilianax@cs.ua.pt

RESUMO

Um dos efeitos da “revolução cinzenta” é o aumento da frequência de famílias multigeracionais, que apresentam um nível de complexidade distinto da família nuclear. Este estudo exploratório procura traçar um caminho para a caracterização deste sistema, focando a sua estrutura e organização hierárquica dos seus subsistemas. Nesse sentido, procura-se definir e caracterizar uma tipologia familiar multigeracional que possa constituir uma ferramenta heurística em investigações subsequentes ou na avaliação e intervenção familiar. Para tal, aplicou-se uma entrevista semi-estruturada com vista à realização do genograma familiar a 12 elementos de famílias com representantes vivos de quatro gerações.

Os resultados apontam para a existência de cinco subsistemas na família multigeracional: indivíduo, núcleo familiar, composição familiar, geração e linhagem. Com base nestes subsistemas, e em dois critérios centrais no estudo das relações intergeracionais (distância/proximidade geográfica e distância/proximidade relacional), definiram-se três tipos de famílias multigeracionais: unificada, dispersa e fragmentada.

PALAVRAS-CHAVE: Família Multigeracional; Avaliação Familiar; Intervenção Familiar.

⁵ Publicado na revista “Psychologica” da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (referência bibliográfica: Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Família multigeracional: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psychologica*, 46, 143-166)

RÉSUMÉ

L'une des conséquences de la "révolution grise" c'est l'augmentation de la fréquence de familles multigénérationnelles, lesquelles présentent un niveau de complexité distinct de la famille nucléaire. Cette étude exploratoire cherche à tracer un chemin pour la caractérisation de ce système, focalisant sa structure et l'organisation hiérarchique de ses sous-systèmes. Dans ce sens, on cherche à définir et caractériser une typologie familiale multigénérationnelle qui puisse constituer un outil heuristique pour des investigations à venir ou pour l'évaluation et l'intervention familiale. Dans ce but, une entrevue semi-structurée a été appliquée à 12 éléments appartenants à des familles constituées par des représentants vivants de quatre générations, à fin de pouvoir réaliser un génogramme familial.

Les résultats indiquent l'existence de cinq sous-systèmes dans la famille multigénérationnelle: individu, noyau familial, composition familiale, génération et lignage. Prenant pour base ces sous-systèmes, et deux critères centraux dans l'étude des relations intergénérationnelles (distance/proximité géographique et distance/ proximité relationnelle), trois types de familles multigénérationnelles ont été définis: unifiée, dispersée et fragmentée.

MOTS-CLÉS: Famille multigénérationnelle; Évaluation familiale; Intervention familiale.

ABSTRACT

One of the consequences of the "grey revolution" is an increase in the frequency of multigenerational families. These families show a distinct level of complexity regarding the nuclear family. This exploratory study aims to trace a path in the characterization of this system, focusing on its structure and on the hierarchical organization of its subsystems. Thus, in this article it is defined and characterized a multigenerational family typology that functions both as a heuristic tool in further investigations and in the process of family evaluation and intervention. To achieve these objectives a semi-structured interview was applied to 12 members of four-generation families in order to elaborate the family genogram.

The results point to the existence of five subsystems in the multigenerational family: individual, family nucleus, family composite, generation and lineage. Based on these subsystems, and in two central criteria in the study of intergenerational relations (geographical distance/proximity and relational distance/proximity), were defined three multigenerational family types: unified, dispersed and fragmented.

KEY WORDS: Multigenerational Family; Family Evaluation; Family Intervention.

1.1. INTRODUÇÃO

As famílias multigeracionais, com elementos vivos em 3 ou 4 gerações, tornam-se actualmente mais comuns, devido a um conjunto de alterações sociais, familiares e demográficas (principalmente, a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da longevidade). A inerente verticalização das famílias (coexistência de várias gerações, cada uma com poucos elementos) permite o encontro e o entrecruzar de várias gerações. Contudo, outras mudanças (por exemplo, o aumento da mobilidade geográfica) promovem o desencontro das gerações, apesar da coexistência temporal. As famílias multigeracionais, devido a apresentarem múltiplas gerações, cada uma pouco numerosa (Harper, 2004), têm sido designadas “famílias em feijoeiro” (Bengtson, Lowenstein, Putney, & Gans, 2003). A multigeracionalidade tem implicações na família e nos seus membros, tais como: a maior longevidade pode aumentar a duração de determinados papéis, como os de cônjuge, pai/mãe, avô/avó ou irmão; a diminuição da fertilidade pode reduzir a duração de outros, como de progenitor ou a oportunidade de exercer alguns papéis (ex.: irmão).

No entanto, apesar das alterações na composição familiar das famílias serem relativamente fáceis de definir, as implicações e mudanças nas dinâmicas familiares são menos claras e estão numa fase inicial de investigação. Tem-se sugerido que as famílias multigeracionais constituem uma fonte de suporte adicional (Brannen, Moss, & Mooney, 2004), essencialmente centrada nas relações intergeracionais pois, com a diminuição dos elementos de cada geração, as relações intrageracionais ficam comprometidas. Com este estudo exploratório, pretende-se, por um lado, definir um modelo de compreensão das estruturas familiares multigeracionais e, por outro, definir uma tipologia estrutural, analisando os seus padrões relacionais. Neste sentido, aplicou-se uma entrevista semi-estruturada a 12 famílias multigeracionais, com vista à elaboração do genograma familiar.

1.2. FAMÍLIA MULTIGERACIONAL

Nas últimas décadas, a investigação tem-se centrado no agregado familiar (conjunto de pessoas que vivem sob o mesmo tecto), relegando para segundo plano as relações ou dinâmicas entre agregados ligados por laços familiares. Contudo, o reconhecimento da família multigeracional enquanto fonte de suporte face ao declínio, por exemplo, do Estado Providência ou da família nuclear (ex.: mais avós a assumirem o cuidado dos netos), conduziu a um maior interesse no conceito de geração e ao estudo do seu impacto na dinâmica familiar (Brannen, *et al.*, 2004).

Partindo dos princípios mecanicistas cartesianos, o estudo da família multigeracional seria efectuado através da análise das propriedades dos seus elementos, por exemplo, através do estudo dos agregados familiares, de alguns elementos da família ou de um número limitado de relações entre estes. Mas, as abordagens sistémicas demonstram que em sistemas complexos existem diferentes níveis, ou seja, um determinado sistema faz parte de outros sistemas (supra-sistemas) e é composto por vários sistemas (subsistemas). Estes níveis representam graus de complexidade diferentes, pois em cada nível os fenómenos observados apresentam propriedades que não existiam nos outros, as propriedades “emergentes” (Capra, 1996). O estudo da família

multigeracional passa, então, pela análise dessas propriedades e das relações organizadoras das partes constituintes, que transformam o conjunto em algo diferente da adição dos elementos.

A principal finalidade deste estudo é a formulação de um modelo de compreensão do sistema familiar que se funda na família multigeracional enquanto unidade de análise. A partir deste sistema, são identificadas as várias combinações estruturais possíveis, bem como as suas características, necessidades e cuidados que colocam à intervenção social e psicoterapêutica. Deve sublinhar-se que a verticalização e multigeracionalidade são mais comuns actualmente, mas outras mudanças sociais, demográficas e familiares tornam-nas apenas uma das possibilidades. Designadamente, verifica-se uma outra tendência: como os indivíduos têm filhos cada vez mais tarde, a diferença etária entre gerações é superior e, portanto, também são comuns famílias com duas gerações com diferenças etárias elevadas.

1.2.1. Família multigeracional: Definição

Uma família pode ser caracterizada como o conjunto de pessoas ligadas pelo nascimento, casamento, adopção ou escolha, partilhando laços sociais e emocionais pautados por responsabilidades duradoiras, particularmente em termos de desenvolvimento, socialização, suporte e educação (Allen, Fine, & Demo, 2000). O campo emocional da família pode abarcar, num dado momento, três ou mais gerações (Carter & McGoldrick, 2005). Este sistema possui uma história longa e complexa, onde questões tão críticas como as heranças, cuidados aos idosos e crianças, lealdades, sentimentos de justiça e segurança emergem e se repercutem nas várias gerações (Hargrave & Anderson, 1992).

Neste artigo, o termo “família multigeracional” é utilizado em referência às famílias onde existem representantes vivos de pelo menos quatro gerações (embora a literatura considere que podem ter desde 3 gerações). Este sistema abarca uma multiplicidade de famílias nucleares e corresponde, sensivelmente, ao que se convencionou designar por “família alargada”. Contudo, o termo “família alargada” tem sido utilizado com dois sentidos distintos (Kart & Kinney, 2001): a) pode descrever um conjunto de indivíduos que mantém relações através de laços de consanguinidade ou casamento; b) pode caracterizar três ou mais gerações que vivem sob o mesmo tecto. Esta segunda forma tem sido considerada como a estrutura típica das sociedades pré-industriais ou pré-modernas. Nesta época, considerada por muitos a “idade de ouro” da família e da velhice, o idoso estaria integrado na vida familiar, com os vários elementos da família a viverem, trabalharem e apoiarem-se mutuamente, em harmonia, sob um tecto comum.

Este ideal poderá, contudo, estar um pouco afastado da realidade. Os dados demográficos relativos à longevidade das populações indicam que poucas pessoas sobreviviam tempo suficiente para que os agregados familiares com três gerações fossem comuns (Kart & Kinney, 2001). Por exemplo, uma revisão dos recenseamentos da população britânica entre 1574 e 1821 indica que apenas 6 por cento dos agregados tinham três ou mais gerações (Back, 1974, *in* Kart & Kinney, 2001). Este estudo, em consonância com outros (Hareven, 1996), revela que os agregados multigeracionais ocorriam sobretudo perante tragédias familiares, como a viuvez ou uma doença

incapacitante. Em Portugal, os recenseamentos da população mostram uma gradual diminuição da proporção de agregados multigeracionais ao longo das últimas décadas: 1960 - 15%; 1991 - 14%; 2001 - 10% (Wall, 2005). Apesar da diminuição deste tipo de agregado, as percentagens ainda são superiores e contrastam com o forte decréscimo da coabitação nos países do norte da Europa (Attias-Donfut *et al.*, 2002, *in* Wall, 2005).

1.2.2. Família multigeracional: Solidariedades intergeracionais

A solidariedade intergeracional constitui o tema de investigação mais comum no âmbito das famílias multigeracionais. Este tópico emerge com Sussman (1951), que facultava evidência empírica que contradiz o conceito de uma família nuclear isolada e atomizada, desafiando a visão prevalecente de que as famílias nucleares se encontravam desconectadas da rede de parentela extensa. Nas décadas seguintes, assistiu-se à proliferação de dados que revelavam a inexistência de um declínio das relações intergeracionais na família (Bengtson *et al.*, 2003; Hank, 2006).

O estudo da solidariedade e suporte intergeracional é uma das tendências de investigação mais produtivas e profícuas no campo das relações intergeracionais (Fine & Norris, 1989). Por exemplo, Silverstein e Bengtson (1997) estudaram as relações entre pai idoso e filho adulto, indicando que a solidariedade entre estas gerações pode ser codificada em seis dimensões: estrutural (proximidade geográfica, número de familiares vivos, composição dos agregados familiares); associativa (frequência do contacto social e das actividades partilhadas entre os membros); emocional (sentimentos de proximidade emocional, afirmação e intimidade entre familiares); consensual (consenso real ou percebido sobre opiniões, valores e estilos de vida); funcional (trocas de assistência e apoio financeiro e instrumental); normativa (obrigações sentidas para com os familiares). Nesse estudo, os autores definiram cinco classes de relações intergeracionais tendo como base o cruzamento dos indicadores de solidariedade: “próximos” (“*tight-knit*”), os filhos adultos encontram-se ligados aos pais em todos os indicadores de solidariedade; “sociáveis” (“*sociable*”), os filhos adultos estão ligados aos pais pela proximidade geográfica, frequência de contactos, proximidade emocional e similaridade de opiniões, mas não na dimensão funcional de providenciar ou receber suporte; “obrigatórios” (“*obligatory*”), os filhos adultos relacionam-se com os pais devido à proximidade geográfica e frequência de contactos, mas esta relação não se baseia na proximidade emocional ou na similitude de opiniões; “íntimos mas distantes” (“*intimate but distant*”), os filhos adultos estão ligados aos pais apenas com base na proximidade emocional e similitude de opiniões; “desligados” (“*detached*”), os filhos não se encontram ligados aos pais em nenhuma dimensão. Os seus resultados apontam para a inexistência de um tipo modal de relações intergeracionais.

Um dos principais contributos deste modelo consiste em ultrapassar as limitações dos estudos iniciais sobre relações intergeracionais que se focavam sobretudo na distância ou proximidade geográfica. Silverstein e Bengtson (1997) incluem a importância da distância relacional enquanto determinante da dinâmica familiar alargada.

De qualquer modo, a constatação de que as relações na família alargada continuam a importar, não deverá enevoar o impacto da modernidade. O individualismo continua a ser uma das características da sociedade actual onde o primado da atitude tolerante em relação aos outros implica que *eu nunca me aproxime demasiado desses outros* (Žižek, 2006). Vejamos alguns exemplos: as duas normas contraditórias no papel de avô, por um lado, “não interferir” (manter fronteiras claras) na educação que os seus filhos dão aos netos e, por outro, a obrigação de fazer tudo para ajudar filhos e netos (Sousa, Figueiredo, & Cerqueira, 2004); a preferência das famílias por grupos domésticos de coabitação simples (casal com ou sem filhos), que apenas cede lugar a outros arranjos (com outros familiares) num quadro de necessidade e entreaajuda familiar (por exemplo, casais recém-formados podem residir com outros familiares, por motivos de apoio económico).

1.2.3. Família multigeracional: Contexto social

Dois alterações sociais têm sido reconhecidas como apresentando significância para a experiência familiar multigeracional actual: o aumento da mobilidade geográfica e a inclusão da mulher no mercado de trabalho.

O impacto do aumento da mobilidade geográfica dos indivíduos em idade activa na dinâmica familiar multigeracional é inegável, apesar de variar consoante as características dos sujeitos. Com efeito, diferentes sujeitos lidam de formas diferentes com o que Fischer (1982, *in* Phillipson, Bernard, Phillips, & Ogg, 2001) denominou de “peso da distância”. Por exemplo, para os grupos economicamente desfavorecidos a gestão das distâncias coloca maiores dificuldades, pois encontram-se dependentes da rede de transportes públicos, enquanto que os com mais recursos financeiros possuem viaturas próprias. Será igualmente de esperar que tenham maiores dificuldades no acesso ao telefone e à *Internet*, tecnologias que minimizam as distâncias físicas (Phillipson *et al.*, 2001).

A crescente inclusão da mulher no mercado de trabalho coloca um dilema, pois estas foram durante muito tempo apelidadas de “guardiãs da parentela”. Os estudos apontam para a manutenção da importância dos elementos do sexo feminino na família multigeracional. Num estudo sobre redes sociais de idosos residentes em comunidades urbanas no Reino Unido, 70% dos inquiridos confidenciavam com as filhas sobre questões importantes, 63% referiam que as filhas os ajudariam nas tarefas domésticas caso fosse necessário, enquanto que relativamente aos filhos do sexo masculino os valores eram de 41% e 38% respectivamente (Phillipson *et al.*, 2001). Assim, a mulher fica numa situação de acumulação de funções que tem sido discutida com base em duas teorias concorrentes sobre o impacto da mudança dos papéis sociais da mulher no seu bem-estar e saúde (Takeda, Kawachi, Yamagata, Hashimoto, Matsumura, Oguri, & Okayama, 2004): a) a hipótese da “escassez” advoga que a acumulação de papéis está associada a uma maior experiência de tensão e conflito, com efeitos perniciosos na saúde; b) a hipótese da “expansão” postula que os custos da acumulação de papéis são minorados pelas recompensas,

tais como prestígio, auto-estima, apoio social, remuneração financeira, maior poder e controlo dentro da família.

De um modo geral, os dados acumulados nas últimas décadas na América do Norte, Europa Ocidental e Reino Unido não mostram qualquer associação entre a maior implicação das mulheres no mercado de trabalho e o declínio do estado de saúde (Walsh, Sorensen, & Leonard, 1995, *in* Takeda *et al.*, 2004). Contudo, certas combinações de papéis, tais como empregos de grande tensão e responsabilidade pelo cuidado de crianças em idade pré-escolar, podem ter efeitos negativos na saúde.

1.3. OBJECTIVOS

O avanço da investigação sobre as famílias, em particular as envelhecidas, requer a extensão da unidade focal de análise: do indivíduo para as díades e para os sistemas familiares (Blieszner & Bedford, 1995). Assim, torna-se relevante usar técnicas que permitam avaliar e compreender a família como um todo (Mangen, 1995). Os estudos das relações intergeracionais e da família multigeracional têm-se focado em díades, tais como: pais e filhos; pais idosos e filhos cuidadores; avós e netos (Fine & Norris, 1989). Além disso, nos anos 1980 e 1990, os agregados familiares receberam mais atenção do que as relações entre agregados unidos por laços familiares (Brannen *et al.*, 2004).

Este estudo exploratório procura contribuir para um melhor conhecimento das estruturas típicas na família multigeracional, salientando os papéis intergeracionais (Harper, 2004). Especificamente, pretende-se: definir um modelo de compreensão para as estruturas das famílias multigeracionais, identificando os seus subsistemas e a natureza dos limites; com base neste modelo, definir tipologias estruturais; que, depois, são descritas em termos de provisão de suporte, padrões relacionais, influência nos seus elementos e adaptação às condições sociais actuais. Os resultados terão impacto nos processos de avaliação, compreensão e intervenção com famílias multigeracionais, pois permitem compreender as suas especificidades (estruturais e relacionais).

1.4. METODOLOGIA

O trabalho sobre estruturas familiares multigeracionais aqui apresentado constitui apenas o primeiro passo num estudo mais abrangente sobre este tópico. Como tal, possui uma continuidade que ultrapassa os limites dos trabalhos aqui apresentados.

1.4.1. Instrumento

Neste estudo, recorreu-se ao genograma familiar, que permite representar a árvore familiar e que regista informação sobre os membros de uma família e as suas relações, proporcionando uma rápida *gestalt* de formas familiares complexas (McGoldrick & Gerson, 1987). O genograma tem sido muito utilizado num contexto clínico (por exemplo, por médicos de família e psicólogos, como um meio de recolher, organizar e interpretar dados) e mais raramente como uma técnica de investigação. Por isso, pouca preocupação tem existido com as suas características

psicométricas, fiabilidade e validade. A fiabilidade das informações veiculadas pelo genograma pode ser afectada por: alguns dados serem mais deduzidos que outros (a informação demográfica é mais objectiva do que os juízos sobre os aspectos relacionais); a informação estar sujeita a enviesamentos decorrentes das inclinações teóricas dos profissionais; existirem múltiplas perspectivas sobre um acontecimento significativo na vida da família (efeito Rashomon). Apesar da existência de poucos estudos empíricos sobre a fiabilidade do genograma, Jolly, From e Rosen (1980) indicam que os técnicos conseguem deduzir e registar a maior parte da informação “relevante” para a elaboração de um genograma familiar durante uma entrevista de 16 minutos.

A administração do genograma familiar teve por base uma entrevista semi-estruturada e um formato uniforme para a sua construção como recomendam McGoldrick e Gerson (1987). A entrevista organizou-se da seguinte forma: a) solicitação dos dados pessoais do entrevistado (idade, sexo, situação profissional e estado civil); b) identificação dos restantes elementos da família, com especial incidência na linhagem que conduz do bisavô ao bisneto (idade, sexo, situação profissional e estado civil); c) restantes relações horizontais na família, composição e localização geográfica dos agregados familiares; d) identificação de migrações e movimentos familiares relevantes. Ao longo desta inquirição, e com base nas respostas facultadas, o entrevistador desenhava a estrutura base do genograma. Por fim, solicitava-se ao inquirido informação sobre problemas nos membros da família: problemas de saúde, emocionais ou comportamentais; consumo de substâncias; problemas com a lei (especificando o tipo de crime ou delitos cometidos e penas ou sanções aplicadas); violência familiar (especificando o tipo de violência, duração e estratégias utilizadas). Durante a entrevista, consoante a informação transmitida, são assinalados os padrões interaccionais: relações de conflito, fortes, fusionais, distantes e cortadas.

O registo da informação transmitida pelo sujeito era realizado pelo entrevistador numa folha branca, utilizando a simbologia de McGoldrick e Gerson (1987). O entrevistador confrontava regularmente o entrevistado com o registo gráfico, para que este introduzisse elementos adicionais e/ou correcções sobre o funcionamento familiar.

1.4.2. Recolha dos dados

O processo de amostragem foi em “bola de neve”. Assim, no final da entrevista de genograma, perguntava-se ao entrevistado se conhecia outra(s) família(s) com as mesmas características (4 ou mais gerações vivas). Em caso afirmativo, era o sujeito que facultava o contacto e apresentava o entrevistador à nova família. Como acontece noutros estudos sobre famílias multigeracionais (Brannen *et al.*, 2004), em que o investigador necessita de informação sobre vários elementos da família, é inevitável que as famílias identificadas sejam aquelas que mantêm, pelo menos, uma frequência de contactos mínima e em que as relações são relativamente positivas, sendo pouco provável a inclusão de famílias pautadas por afastamento ou desavença.

Para a identificação das gerações utilizou-se uma nomenclatura, similar a outros estudos sociológicos sobre relações intergeracionais (Rossi & Rossi, 1990), usando a letra “G” seguida de um número: G1 corresponde à geração mais idosa e G4 à mais nova.

A aplicação da entrevista realizou-se junto de elementos das gerações intermédias (G2 e G3), pois a sua posição central na estrutura familiar geracional faria prever um conhecimento mais alargado em termos de relações verticais. Paralelamente, durante a realização de um estudo piloto com 3 famílias, o entrevistador verificou que as gerações mais idosas se mostram relutantes em identificar conflitos ou distanciamento familiar, procurando veicular uma imagem idílica da família. Nas gerações intermédias, o facto do entrevistador assegurar a confidencialidade tinha como efeito um decréscimo da desejabilidade social nas respostas.

Os dados deste estudo baseiam-se nas respostas deste indivíduo (denominado “ponto-de-entrada”), sem confrontação com outras visões que podem existir no sistema familiar, logo reflectem a percepção subjectiva e idiossincrática que tem da família. Nem sempre este aspecto é uma limitação, podendo até tornar-se uma vantagem. Por exemplo, em duas das entrevistas, os entrevistados apenas identificaram conflitos e problemas familiares após lhes ser assegurado que mais nenhum elemento da sua família iria ser entrevistado.

A duração das entrevistas variou entre 45 minutos e 2 horas, consoante a família, o número de elementos e os comentários do entrevistado. O local de realização variou de acordo com a disponibilidade do interessado. Algumas entrevistas realizaram-se em casa do próprio, outras no seu local de trabalho ou em locais públicos (ex.: instituições sociais).

1.4.3. Caracterização dos inquiridos

Foram recolhidos 12 genogramas de famílias multigeracionais, correspondendo a 12 entrevistados, quatro são elementos de G2 e oito de G3. As idades variam entre os 24 e os 66 anos, com uma média etária em G2 de 59.25 anos e em G3 de 32.25 anos (média etária global: 41.17 anos). No global, 2 inquiridos são do sexo masculino e 10 do feminino; em G3 todos são mulheres, enquanto que em G2 existem 2 homens e 2 mulheres. Em termos de situação laboral, 10 estão empregados, 1 é reformado e 1 estudante.

1.5. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados recorreu em simultâneo à literatura sobre o tema e ao exame dos genogramas e das entrevistas, tratando-se de uma análise inferencial e dedutiva. O processo utilizado para criar as tipologias não foi acompanhado da análise da concordância entre os juízes envolvidos. Os estudos subsequentes devem considerar este elemento, de forma a tornar o genograma um instrumento mais viável ao nível da investigação e a testar a aplicabilidade da tipologia familiar proposta.

Partindo do princípio de globalidade sistémica (Durand, 1992), um sistema é mais do que a soma dos seus elementos. Assim, a família multigeracional não pode ser compreendida como a soma das famílias nucleares, mas como um sistema de maior complexidade. A organização é uma

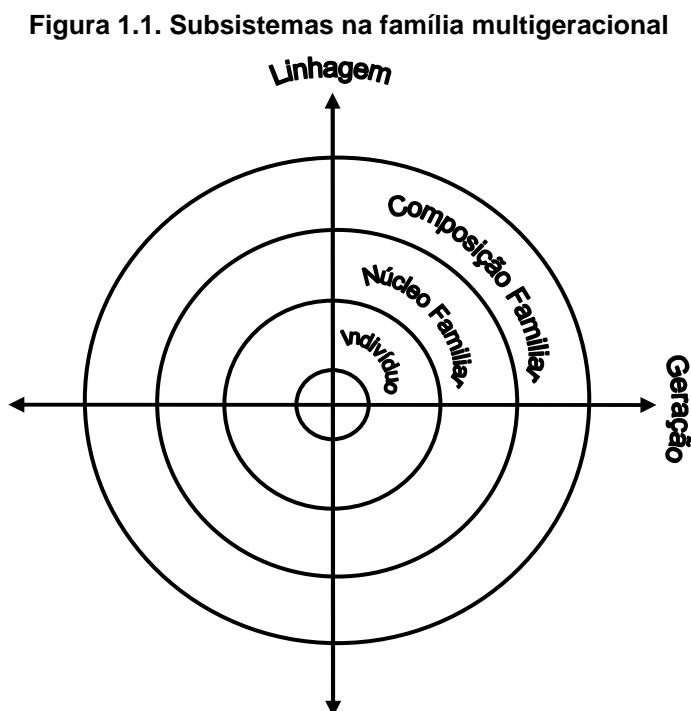
propriedade-chave de todos os sistemas, sem a qual não existe mais do que agregação ou caos, podendo dela ser elencadas duas modalidades: organização em subsistemas e organização hierárquica.

Numa família nuclear podem ser identificados os subsistemas parental, conjugal, fraternal, filial e individual (Alarcão, 2000), daí que seja importante compreender se num nível de complexidade diferente (família multigeracional) existirão novos ou diferentes subsistemas. É, ainda, necessário compreender como esses subsistemas se relacionam, considerando que um sistema comporta quatro componentes: fronteira (separa o sistema do meio); elementos (identificação e classificação num sistema ou subsistema); rede de relacionamentos, transporte e comunicação (veículos de matérias e informação); reservatórios (armazenamento dos materiais, energia ou informação) (Durand, 1992).

A organização hierárquica permite abordar o fluxo horizontal e vertical de *stress* na família, identificando-se cinco níveis (Carter & McGoldrick, 2005): contexto político, sociocultural e económico; comunidade, que compreende relações de vizinhança, trabalho, amizades, pertença a religiões ou outras organizações; a família alargada ou extensa; a família imediata; e, o indivíduo.

1.5.1. Subsistemas na família multigeracional

Tendo por base a literatura e o conteúdo das entrevistas, identificaram-se cinco subsistemas na família multigeracional: indivíduo, geração, linhagem, núcleo familiar e composição familiar (Figura 1.1.). Os 3 primeiros foram definidos essencialmente com base na literatura, enquanto os seguintes se basearam mais nos dados recolhidos neste estudo.



O subsistema individual é composto por cada um dos indivíduos que desempenham funções e papéis também noutros (sub)sistemas. “Esta dupla pertença cria-lhe um dinamismo que se repercute no seu desenvolvimento e na forma como está em cada um desses contextos” (Alarcão, 2000: 52). Por exemplo, a acumulação de papéis pela mulher, na família e no mercado de trabalho, demonstra esse dinamismo de desdobramento funcional que poderá ou não ser conflitual.

O subsistema geracional é composto pelos indivíduos com a mesma posição geracional, por norma com idades similares e vivências partilhadas (Fine & Norris, 1989). A geração é um conceito central nas relações familiares intergeracionais (Rossi & Rossi, 1990), embora seja frequentemente confundido com o conceito de *coorte* (grupo de indivíduos, com nível etário similar, que partilham experiências históricas comuns). A geração define-se pela relação familiar, enquanto a *coorte* se define pela interação com os eventos históricos que afectam o curso de vida e o desenvolvimento de um grupo: “os *mais velhos* [elemento de G3 a referir-se a G1] *conhecem melhor a história da família*”.

A linhagem define-se pela associação vertical de indivíduos de diferentes gerações, com diferentes idades e vivências sociais e culturais. É pautada pela consanguinidade e partilha do património genético, envolvendo pessoas que partilham laços de ascendência ou descendência: “os *pais e irmãos do meu marido* [linhagem masculina ou patrilinear] *estão um pouco afastados da ‘nossa’ família* [filhos, pais e avós do elemento do sexo feminino em G3]”. As relações entre elementos de uma linhagem são sempre intergeracionais, por contraponto às relações intrageracionais de elementos de um subsistema geracional. Ao estudarem as redes sociais de idosos residentes em França, Attias-Donfut e Rozenkier (1996) concluíram que estas orbitam mais em torno de relações intergeracionais, ou seja, tendem a ser relações de longa duração, por vezes desenvolvidas cedo nas suas vidas, carregadas de vários sentimentos complexos, como gratidão e ressentimento, obrigação e necessidade, expectativas implícitas e explícitas.

Os restantes subsistemas foram identificados com base na análise dos dados das entrevistas, nas quais era solicitado aos sujeitos que delimitassem os agregados familiares, verificando-se que, muitas vezes, mencionavam este conjunto de pessoas como uma entidade autónoma que se relacionava com outros agregados: “*estes [agregado] dão-se bem com estes outros*”. Quando questionados acerca de papéis e funções na família alargada, identificavam conjuntos de agregados familiares que funcionavam de forma independente de outros numa família: “*a parte da família [conjunto de agregados ou núcleos] que reside na localidade X procura ajuda junto de pessoas diferentes, enquanto que a parte que reside na localidade Y vem ter comigo em momentos de necessidade [elemento de G3 residente na localidade Y]*”. Estas constatações conduziram à definição de dois subsistemas: núcleo familiar e composição familiar.

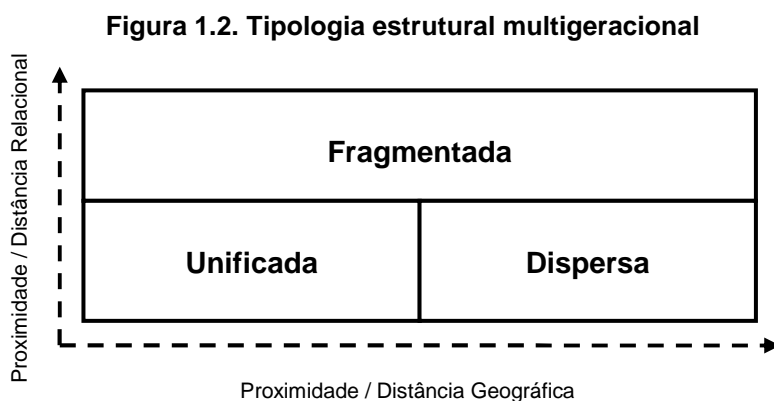
Os núcleos familiares compreendem um determinado número de indivíduos que coabitam, ligados ou não por laços familiares (consanguinidade ou afinidade), e equivalem, em geral, ao agregado familiar. Por vezes, os núcleos incluem elementos que não partilham laços familiares como, por

exemplo, um estudante estrangeiro que venha morar por um período de tempo com uma família portuguesa. As relações e apoio familiares estão intimamente associados à composição dos núcleos familiares (Lowenstein, 1999). Os arranjos habitacionais não são apenas um ambiente físico, mas também um local de encontros, um palco de oportunidades para a ajuda e apoio mútuos. Actualmente, o mais comum em famílias multigeracionais é que as gerações mais idosas vivam sozinhas ou com o cônjuge: “agregados idosos” (Lowenstein, 1999). Os agregados familiares compostos por elementos de várias gerações tendem a surgir apenas em momentos de necessidade (Wall, 2005). Estes núcleos familiares multigeracionais constituem a aproximação física intergeracional, isto é, a eliminação da distância geográfica que separa gerações. Podem ainda verificar-se situações particulares em que existe rotatividade, com o elemento mais idoso a residir curtos espaços de tempo em casa de cada um dos filhos.

As “composições” são constituídas pela associação (por exemplo, pela proximidade geográfica), aliança (por exemplo, para obtenção de cuidados ou apoio) ou coligação (por exemplo, fundada no conflito) de dois ou mais núcleos familiares. Algumas composições assemelham-se a facções familiares, a diferentes equipas, que jogam sob o mesmo estandarte, mas de forma autónoma e independente e obrigam geralmente à duplicação (ou multiplicação) de papéis no contexto familiar alargado.

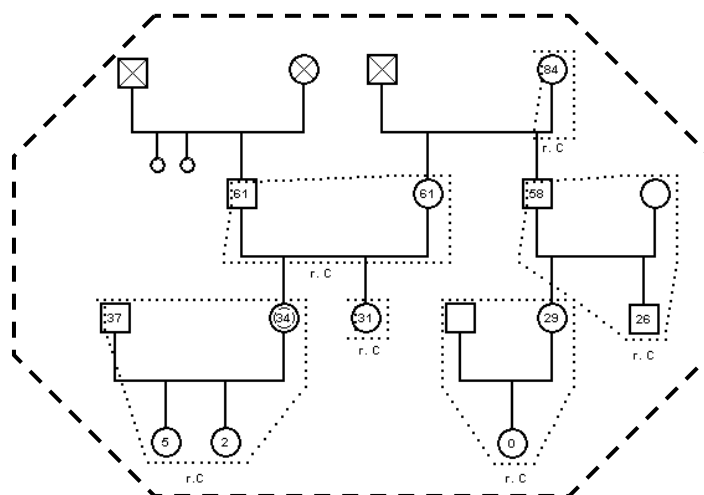
1.5.2. Tipologia estrutural multigeracional

Foram definidos três tipos de família (unificada, dispersa e fragmentada) a partir de dois critérios: 1) dispersão geográfica dos núcleos e/ou composições familiares; 2) padrões transaccionais na origem das composições familiares. Estes critérios foram definidos numa tentativa de conjugar dois elementos fulcrais no estudo das relações intergeracionais: a distância geográfica (Brannen *et al.*, 2004) e a proximidade relacional (Silverstein & Bengtson, 1997). Estes dois elementos podem ser avaliados no genograma: o primeiro pela delimitação dos agregados e da localidade de residência; o segundo pela identificação dos padrões relacionais (relações distantes, cortadas e conflituosas).



Para a definição das famílias dispersas, foi utilizado o critério de Brannen, Mooney e Moss (2004): aquelas que residem a mais de 45 minutos de viagem (por oposição às famílias próximas) acrescido da ausência de relações distantes, cortadas ou conflituosas entre os membros da família. Para a identificação da fragmentação, foram utilizados os dados da entrevista de genograma que indicam: duplicação de papéis intergeracionais; relações distantes, cortadas ou conflituosas; desconhecimento de informação relativa a certos elementos. Perante algum destes elementos, inquiria-se o sujeito quanto à formação de composições familiares e, quando existiam, averiguava-se se derivam de um corte relacional (família fragmentada) ou de um afastamento em virtude da dispersão geográfica (família dispersa). Esta classificação pode ser representada por uma matriz axial, em que um dos eixos corresponde à variável “proximidade *versus* distância relacional” e o outro à “proximidade *versus* distância geográfica” (Figura 1.2). A família unificada caracteriza-se pela proximidade geográfica e relacional, a dispersa pela distância geográfica e proximidade relacional, e a fragmentada pela distância relacional, apesar de poder existir proximidade ou distância geográfica.

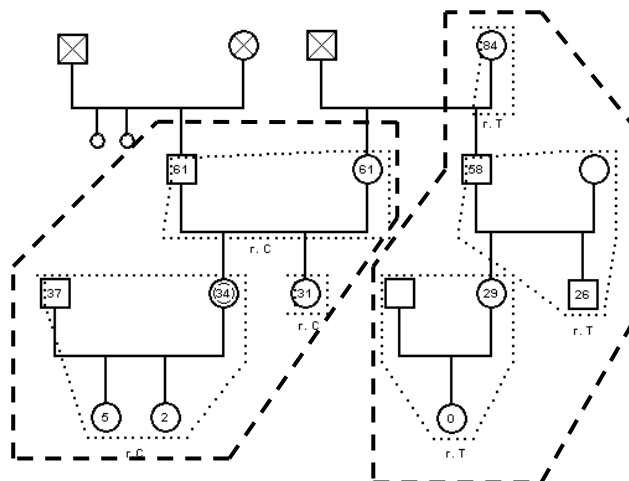
Figura 1.3. Exemplo da estrutura “família unificada”



A “família unificada” é pautada pela proximidade geográfica e relacional dos vários núcleos e pela ausência de composições familiares (Figura 1.3). As fronteiras entre os núcleos familiares são definidas pelo espaço residencial, embora sejam mais ou menos maleáveis consoante os arranjos habitacionais de cada família. Existem famílias unificadas cuja distância entre núcleos é considerável: por exemplo, em algumas famílias existem núcleos nos quatro pontos cardeais de uma cidade; noutras, os vários núcleos partilham um mesmo edifício, embora residam em apartamentos diferentes. Estas especificidades, não captadas pelo genograma familiar, são determinantes da dinâmica familiar. Assim, as trocas de apoio e os custos da deslocação, a disponibilidade para ajudar e a proximidade emocional podem variar entre duas famílias

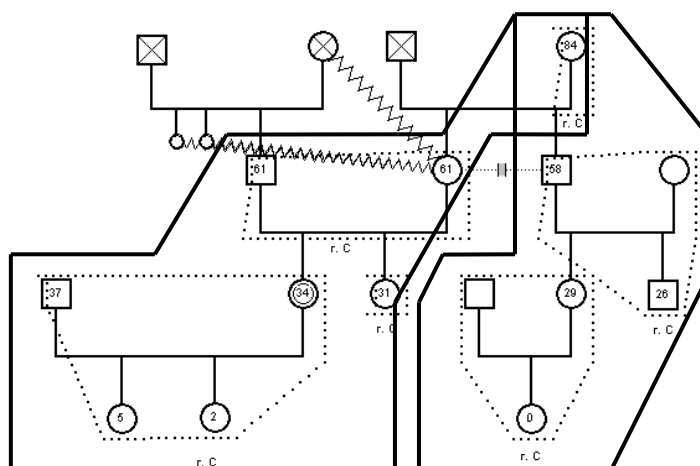
unificadas: “na família Z., embora todos os elementos da família residam na mesma localidade e as relações se pautem pela proximidade relacional, existe um conjunto de quatro núcleos familiares que, por habitarem na mesma rua, e alguns no mesmo prédio, apresentam maior frequência de contactos, de apoio social e de intimidade percebida”.

Figura 1.4. Exemplo da estrutura “família dispersa”



A “família dispersa” (Figura 1.4.) é caracterizada pela existência de composições familiares, constituídas por dois ou mais núcleos familiares, cujas fronteiras são definidas em função da dispersão geográfica. Estas famílias apresentam fronteiras bem definidas entre as composições e núcleos familiares, mas maleáveis e flexíveis. O contacto presencial é menor, mas a frequência total de contactos poderá ser semelhante à das famílias unificadas, devido à disseminação de tecnologias como o telemóvel ou a *Internet* e a melhoria da acessibilidade dos meios e redes de transporte.

Figura 1.5. Exemplo da estrutura “família fragmentada”



A “família fragmentada” (Figura 1.5.) caracteriza-se pela existência de composições familiares (no exemplo da figura 5 há duas, fundadas no corte e distanciamento relacional entre irmãos de G2, hipotetizando-se a existência de uma terceira pelas relações conflituais representadas no genograma), cujas fronteiras são definidas em função de padrões relacionais conflituais, distantes ou cortados entre núcleos, independentemente da distância geográfica que os separa. Há elementos que podem pertencer a mais do que uma composição (no exemplo apresentado o elemento mais idoso, G1, faz parte de ambas as composições). Nestas famílias existe uma elevada rigidez das fronteiras entre as composições, com consequente dificuldade na comunicação e provisão de suporte. Por isso, é frequente a duplicação ou multiplicação de papéis multigeracionais.

Neste estudo, foram identificadas 3 famílias unificadas, 7 dispersas e 2 fragmentadas. Não foram encontradas diferenças entre os tipos quanto a presença de divórcios, número de elementos (uma pequena tendência para as fragmentadas apresentarem um maior número de indivíduos) e de núcleos familiares. Os únicos critérios que efectivamente as distinguem são a distância e proximidade geográfica e/ou emocional.

Afigura-se relevante neste ponto tecer alguns comentários relativos a dois aspectos: a presença de divórcios e a matrilinearidade ou patrilinearidade das relações intergeracionais.

A existência de um divórcio ou separação poderá ter dois efeitos: a multiplicação de relações através do recasamento; o corte relacional entre quadrantes familiares em caso de conflito. O aumento do número de divórcios e de recasamentos confere complexidade aos sistemas familiares e de suporte. Por exemplo, os filhos que têm *quatro pares de avós*, têm maior probabilidade de encontrar um ou vários parceiros ideais no quadro relacional intergeracional: *“na família X um dos dois filhos de G3, fruto do primeiro casamento, trata os avós drastos por “avós”, e tem com eles uma relação de proximidade física e emocional, que não pode manter com os avós originais, que residem noutra localidade”*. Como Settles (1988) argumenta, o *preço pago* em termos de continuidade, pode ser ressarcido no grau de intimidade e unicidade destas relações. Os limites destas famílias reconstruídas são mais permeáveis e uma nova definição dos papéis deve ser atingida (Walker & Messinger, 1979). Neste quadro, ganha relevo o papel de cronista ou guardião das memórias familiares, ao preservar um registo simbólico e/ou material da evolução da família (Settles, 1988).

A matrilinearidade ou patrilinearidade consiste na desigualdade, numa família, da relevância de uma linhagem nas relações entre as gerações, o que tem influência decisiva no exercício de determinados papéis como os de avô ou bisavô e na prestação de apoio intergeracional. Pode estar associada à presença de divórcios nas gerações intermédias, mas tal não é condição para a sua ocorrência. Com efeito, após o divórcio, é frequente que a guarda do(s) filho(s) seja atribuída à mãe, o que conduz a que os familiares maternos tenham mais possibilidades de interagir com a criança/adolescente. Mas, também existem evidências que suportam a relevância da linhagem materna mesmo na ausência de divórcios ou separações.

Apesar de menos comum, a patrilinearização das relações intergeracionais também é possível: *“na família Y, a convivência e comportamentos de entreajuda familiar entre G2 (pais de G3 masculino) e G4 é superior aos de G2 (pais de G3 feminino) e G4, pois os primeiros residem no mesmo prédio”*. As possibilidades são múltiplas, podendo verificar-se ambos os movimentos numa família, por exemplo, a patrilinearização das relações entre G1 e G2 e a matrilinearização entre G3 e G4.

Este fenómeno consiste num corte (fragmentação) ou distanciamento (afastamento geográfico) do subsistema “linhagem” e as suas repercussões estendem-se aos restantes subsistemas. As relações entre subsistemas geracionais podem ficar comprometidas, pois os membros de uma linhagem podem deixar de ter acesso aos seus descendentes e/ou ascendentes. As implicações estendem-se ao subsistema individual, com as expectativas de contacto intergeracional a serem goradas. Pode igualmente estar na base da formação de composições familiares: *“quando casámos [elemento de G3 do sexo feminino], deixei a minha terra para ir morar com o meu marido junto dos pais dele [dispersão geográfica reflectida no subsistema linhagem, com consequente formação de, pelo menos, duas composições familiares]”*.

1.6. IMPLICAÇÕES

Esta análise estrutural serve como ponto de partida para a avaliação e estudo da família multigeracional. Os padrões identificados constituem apenas algumas das possibilidades que a realidade encerra, apesar do esforço no sentido de tornar esta classificação o mais abrangente possível, através da identificação de subsistemas e variáveis cuja combinação permite um número considerável de alternativas. Para além disso, qualquer tipologia estrutural é estática, enquanto a família é dinâmica nos seus tempos históricos, familiares e individuais (Carter & McGoldrick, 2005; Sousa, Figueiredo, & Cerqueira, 2004). Por exemplo, no estudo dos padrões de coabitação, importa analisar as “trajectórias domésticas ou residenciais”, ao longo da vida familiar (Wall, 2005), ou seja, obter informações a que um corte transversal não permite aceder. Assim, estas categorias não se esgotam e estudos futuros serão necessários para melhorar esta proposta inicial.

Este estudo acaba por se assemelhar a uma apologia da diversidade, embora procure definir tipos estruturais e identificar características comuns a várias famílias. Esta tarefa implica relegar para segundo plano as singularidades que marcam a diferença numa família e que a distinguem das restantes, em resumo, da diversidade familiar.

Apesar da maioria dos indivíduos pertencentes a famílias dispersas no espaço manterem “laços próximos à distância” (Mason, 1999, *in* Brannen *et al.*, 2004) e de serem capazes de o fazer devido às tecnologias ao seu dispor (Wellman & Berkowitz, 1988, *in* Brannen *et al.*, 2004), alguns agregados familiares podem aumentar a distância que os separa, com o objectivo explícito ou implícito de aumentar a distância relacional. Num estudo sobre famílias multigeracionais (Brannen *et al.*, 2004), aquelas que apresentavam maior dispersão geográfica eram precisamente aquelas onde havia menor proximidade afectiva. O aumento deliberado, em algumas famílias, da distância geográfica que separa os agregados familiares, como forma de aumentar a distância relacional

(Brannen *et al.*, 2004), poderá não ter as consequências negativas que frequentemente lhe vaticinam. De notar que os índices de intimidade e actividade dos laços familiares são mais resistentes ao aumento da distância do que os dos laços de amizade (Wellman, 1990).

1.6.1. Provisão de suporte/reservatórios e redes de comunicação

As composições unigeracionais em famílias fragmentadas afiguram-se como as constelações que exigem maior cuidado na avaliação por parte dos profissionais. Apesar de neste estudo não terem emergido, hipotetizamos que o seu isolamento possa conduzir a situações de precariedade, pelas dificuldades que colocam ao apoio intergeracional. As composições familiares decorrentes de uma matrilinearização ou patrilinearização das relações intergeracionais podem colocar em risco o exercício de determinados papéis e funções como os de avô ou bisavô. Assim, afigura-se relevante avaliar o carácter fragmentário de um divórcio nas gerações intermédias e os seus efeitos na família alargada. Contudo, o divórcio poderá assumir uma valência positiva, quando a fragmentação é mínima ou nula e se associa ao aumento das relações inter e intrageracionais através do recasamento. De um modo geral, não se pode afirmar que a família fragmentada coloca os seus elementos numa posição de maior vulnerabilidade, precisamente porque raramente isola uma única geração.

A presença de agregados multigeracionais verifica-se essencialmente em momentos de crise, quando a geração mais idosa necessita de cuidados diários. A selecção de um filho como cuidador tende a depender da proximidade geográfica e isto poderia levar a concluir precipitadamente que as famílias dispersas, com composições familiares unigeracionais (por exemplo, pais idosos que mantêm a residência em zonas rurais enquanto que os filhos, netos e bisnetos migram para um meio urbano) implicariam condições adversas para os mais idosos. Contudo, a associação entre mobilidade geográfica e ascensão no estatuto profissional (por norma, muda-se no sentido de uma melhor qualidade de vida), pode significar que a geração intermédia dispõe de recursos financeiros para custear os cuidados aos pais, mantendo a sua autonomia habitacional.

As duas gerações intermédias afiguram-se como os principais reservatórios de apoio, com maiores possibilidades de o prestar. Contudo, não serão de descurar outros tipos de ajuda, como a companhia ou o apoio emocional, que podem ser facultados pelas gerações mais novas e idosas.

O tão propalado termo “geração sanduíche” refere-se aos indivíduos que se encontram na posição de serem cuidadores de um ou mais filhos, bem como de um ou ambos os progenitores. Por norma, têm entre 40 e 65 anos de idade e, embora possam pertencer a ambos os sexos, os homens apresentam maior probabilidade de providenciar apoio monetário, enquanto as mulheres ministram mais apoio emocional, nas compras e transportes e nas tarefas domésticas (Chisholm, 1999).

A imagem prototípica do cuidador “ensanduichado” é a de uma mulher, esmagada pela tensão emocional, pelo pouco tempo de lazer, por vivências de *stress* e pelo conflito marital. A

multiplicação de papéis e responsabilidades multigeracionais poderá ter um efeito benéfico no cuidador, podendo mesmo constituir um estádio normativo para os adultos de meia-idade. Os efeitos deletérios desta posição poderão ser produto de relações familiares disfuncionais ou outras condições maladaptativas, ao invés de constituírem dificuldades típicas (Chisholm, 1999). Esta temática reporta para a importância da avaliação do subsistema geracional e, no caso particular deste estudo, para G2. O assumir desta dupla posição de cuidador implica a abertura das fronteiras dos subsistemas geracionais. A questão que parece surgir regularmente prende-se com o esvaziamento dos reservatórios de energia na geração intermédia, através do seu fluxo unidireccional em ambos os sentidos, para a geração superior e inferior. Neste estudo, a maior parte dos elementos de G2 encontrava-se reformada (ausência de pressões profissionais) e em G1 verificaram-se elevados níveis de funcionamento individual, razão pela qual este fenómeno não se revestiu de peso relevante na amostra.

1.6.2. Processo de avaliação familiar e desafios à intervenção

Este modelo de avaliação da família multigeracional denota a necessidade de considerar a sua organização estrutural, a que o profissional pode ter acesso através de uma entrevista de genograma, a qual pode ser complementada ao longo do tempo, nos vários contactos que vai mantendo com a família. Acresce a importância de avaliar os cortes ou fragmentações que ocorrem na família, especialmente os verticais (linhagem) e horizontais (geração), que podem ter efeitos na dinâmica familiar. A organização dos cuidados aos mais velhos poderá passar pela manutenção e/ou abertura das fronteiras entre as gerações, mas igualmente pela abertura das fronteiras intrageracionais, ou seja, as fronteiras de linhagem (por exemplo, entre compadres e comadres).

Vários acontecimentos familiares significativos (divórcios nas gerações intermédias, matrilinearização e/ou patrilinearização das relações intergeracionais, núcleos familiares multigeracionais e gerações “sanduíche”) podem intensificar as reacções emocionais dos indivíduos na adaptação às tarefas do ciclo vital, de forma positiva e negativa. A literatura indica que a qualidade do relacionamento prévio é determinante (Chisholm, 1999). Neste estudo, foram identificados poucos problemas familiares que dificultassem a adaptação dos indivíduos a estas condições. De qualquer modo, a evidência empírica aponta para uma multiplicidade de arranjos familiares, os quais não significam maiores ou menores dificuldades. A fragmentação ou distanciamento entre subsistemas não coloca necessariamente os indivíduos numa situação de precariedade, mas aumenta a sua vulnerabilidade. Uma forma de contornar o distanciamento (emocional ou geográfico) poderá passar pela (re)aproximação de outros subsistemas na família ou na comunidade.

Apesar de alguns autores esgrimirem argumentos que edificam um quadro negativo das relações comunitárias, caracterizando a comunidade “perdida” de um indivíduo isolado no local de residência, alguns estudos sobre redes sociais têm vindo a revelar o papel das relações exteriores à família, contradizendo esta visão da comunidade (Wellman & Leighton, 1979). Assim, seria

relevante complementar a análise do sistema familiar multigeracional com o estudo das suas redes sociais pessoais (Alarcão & Sousa, 2007).

Paralelamente, será de esperar a emergência de papéis específicos num sistema de complexidade diferente, como a família multigeracional. Esta linha de estudos já produziu conhecimentos, por exemplo, nas investigações sobre o papel dos avós (Neugarten & Weinstein, 1968), que assumem relevância no contexto de uma relação diádica: avô e neto. Neste sentido, tendo em conta as características do sistema familiar multigeracional (elevado número de laços, percurso histórico longo e complexo, crescente importância das relações intergeracionais para a prestação de apoio) podem ser derivadas algumas hipóteses a testar em estudos subsequentes, indagando nomeadamente, que sujeitos cumprem estas funções na família (de ligação entre subsistemas, de guarda das memórias familiares ou de prestação de apoio na crise), qual a sua posição na estrutura familiar e quais as suas características sócio-demográficas.

1.7. CONCLUSÕES

A família multigeracional apresenta características emergentes que a tipificam perante a família nuclear. Designadamente, os subsistemas que parecem mais importantes nesta estrutura familiar são divergentes. A família multigeracional descreve-se com base em cinco subsistemas: “indivíduo”, que apresenta características específicas que definem como vai participar nos outros subsistemas e reflectem o modo como é afectado por eles; “geração”, coexistência de diferentes gerações em relação (relações intrageracionais ou horizontais); “linhagem” salienta as relações verticais, intergeracionais, numa linha de descendência; “núcleos” que demonstram a organização familiar em unidades residenciais (incluindo ou não elementos sem laços familiares); “composições” que indicam como as famílias se estruturam nas relações de proximidade afectiva e/ou geográfica entre núcleos familiares. Ou seja, temos subsistemas organizados de forma: não opcional, marcados por relações de consanguinidade, de ascendência e descendência, essencialmente predefinidas (geração e linhagem); e opcionais, isto é, que dependem de quem se escolhe para viver sob o mesmo tecto e com quem da família se tem mais proximidade relacional (núcleos e composições).

A proximidade relacional e/ou geográfica tende a determinar as estruturas familiares: unificadas (proximidade relacional e geográfica), dispersas (proximidade relacional e distância geográfica) e fragmentadas (distância relacional). Estas configurações não são mais ou menos funcionais, mas implicam diferentes formas da família funcionar (por exemplo, as relações na linhagem ou na geração podem ser cortadas pelas composições) e a multiplicação de alguns papéis (por exemplo, o guardião das memórias da família). A avaliação e compreensão das famílias multigeracionais exigem a atenção a estes diferentes níveis e a análise das implicações nas dinâmicas familiares e nas respostas aos problemas (normativos e/ou não normativos) das famílias.

1.8. BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psicologica*, 44, 353-376.
- Allen, K., Fine, M. & Demo, D. (2000). An overview of family diversity: Controversies, questions, and values. In D. Demo, K. Allen, & M. Fine (Eds.) *Handbook of family diversity* (pp. 1-14). Oxford: Oxford University Press.
- Attias-Donfut, C. & Rozenkier, A. (1996). The lineage-structured social networks of older people in France. In H. Litwin (Ed.) *The Social Networks of Older People: A Cross-National Analysis* (pp. 31-53). London: Praeger.
- Bengtson, V. L., Lowenstein, A., Putney, N. M., & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein (Eds.) *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). New York: Aldine de Gruyter.
- Blieszner, R. & Bedford, V. H. (1995). The family context of aging: Trends and challenges. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of aging and the family* (pp.3-12). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Brannen, J., Moss, P., & Mooney, A. (2004). *Working and caring over the twentieth century*. New York: Palgrave Macmillan.
- Capra, F. (1996). *The web of life*. London: Harper Collins Publishers.
- Carter, E. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon.
- Chisholm, J.F. (1999). The sandwich generation. *Journal of Social Distress and the Homeless*, 8 (3), 177-191.
- Durand, D. (1992). *A sistémica*. Lisboa: Dinalivro.
- Fine, M. & Norris, J. E. (1989). Intergenerational relations and family therapy research: What we can learn from other disciplines. *Family Process*, 28 (3), 301-315.
- Hank, K. (2006). *Proximity and contacts between older parents and their children*. Comunicação apresentada na European Population Conference, Liverpool, 22 de Junho.
- Hareven, T. K. (Ed.) (1996). *Aging and generational relations: Life-course and cross-cultural perspectives*. New York: Aldine de Gruyter.
- Hargrave, T. D. & Anderson, W. T. (1992). *Finishing well: Aging and reparation in the intergenerational family*. London: Routledge.
- Harper, S. (2004). *Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias*. Comunicação apresentada no Congresso dos Avós, Lisboa, 26 de Novembro.
- Jolly, W., Fromm, J., & Rosen, M. G. (1980). The genogram. *Journal of Family Practice*, 10 (2), 251-255.
- Kart, C. S. & Kinney, K. M. (2001). *The realities of aging: An introduction to gerontology*. Boston: Allyn and Bacon.

- Lowenstein, A. (1999). Intergenerational family relations and social support. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 32 (6), 398-406.
- Mangen, D. J. (1995). Methods and analysis of family data. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of aging and the family* (pp. 148-177). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (1987). *Genogramas en la evaluación familiar*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Neugarten, B. & Weinstein, K. (1968). The changing American grandparent. In B. Neugarten (Ed.) *Middle age and aging*. London: University of Chicago Press.
- Phillipson, C., Bernard, M., Phillips, J., & Ogg, J. (2001). *The family and community life of older people*. London: Routledge.
- Rossi, A. & Rossi, P. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Settles, B. H. (1988). Family as a many splendored concept. In S. K. Steinmetz (Ed.) *Family and support systems across the life span*. New York: Plenum Press.
- Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103 (2), 429-460.
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família*. Porto: Âmbar.
- Sussman, M. B. (1951). *Family continuity: A study of factors which affect relationships between families at generational levels*. Doctoral dissertation. New Haven: Yale University.
- Takeda, Y., Kawachi, I., Yamagata, Z., Hashimoto, S., Matsumura, Y., Oguri, S., & Okayama, A. (2004). Multigenerational family structure in Japanese society: Impacts on stress and health among women and men. *Social Science & Medicine*, 59, 69-81.
- Walker, K. N. & Messinger, M. S. (1979). Remarriage after divorce: Dissolution and reconstruction of family boundaries. *Family Process*, 18, 185-192.
- Wall, K. (2005). Os grupos domésticos de co-residência. In K. Wall (Org.) *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais* (pp. 553-597). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Wellman, B. (1990). The place of kinfolk in personal community networks. *Marriage and Family Review*, 15 (1/2), 195-228.
- Wellman, B. & Leighton, B. (1979). Networks, neighbourhoods, and communities. *Urban Affairs Quarterly*, 14 (3), 363-390.
- Žižek, S. (2006). *Lacan*. London: Granta Books.

CAPÍTULO II

“FUNÇÕES NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL: CONTRIBUTO PARA A CARACTERIZAÇÃO FUNCIONAL DO SISTEMA FAMILIAR MULTIGERACIONAL”⁶

Henrique Testa Vicente* e Liliana Sousa**

* Doutorando em Ciências da Saúde

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro

henrique.vicente@cs.ua.pt

** Professora Auxiliar com Agregação

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro

lilianax@cs.ua.pt

RESUMO

Esta pesquisa procura contribuir para a compreensão do sistema familiar multigeracional, centrando-se na análise das funções desempenhadas no seu seio e das características de quem as desempenha. Para tal, definiu-se um conjunto de funções a partir das características idiossincráticas da família multigeracional e aplicou-se uma entrevista de genograma a elementos das gerações intermédias de 25 famílias com elementos vivos de quatro gerações. Os papéis definidos em consonância com as funções identificadas são: “guardião das memórias familiares”, “elo de ligação familiar” e “pronto-socorro familiar”. Os dados apontam para um contributo mais equitativo das diferentes gerações para a dinâmica família multigeracional, ou seja, o funcionamento deste sistema parece depender da participação das suas várias gerações. Para além disso, os dados fornecem pistas para a intervenção familiar e facultam um contributo teórico para o tópico das famílias envelhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Família Multigeracional; Funções Familiares; Memórias Familiares; Ligações Familiares; Apoio Familiar.

⁶ Submetido a publicação na revista “Psychologica” da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the comprehension and understanding of multigenerational family systems, mainly focusing on the analysis of specific functions performed within this system and on the personal characteristics of the individuals who assume them. To achieve this goal the authors defined a limited set of functions drawn from idiosyncratic characteristics of the multigenerational family and applied a genogram interview to elements of the intermediate generations of 25 families with living elements of four distinct generations. Specific roles were defined in accordance with the functions identified based on the literature: “keeper of family memories”, “connecting link in the family” and “family first aider”. The results point to a fairer and more equitable contribution of different generations to the multigenerational family dynamic. That is, it seems that the adequate functioning and survival of this system depends on the commitment and participation of its several generations. Beyond that, the data supplies guidelines for family intervention and offers a theoretical contribution to the topic of aging families.

KEY-WORDS: Multigenerational Family; Family Functions; Family Memories; Family Links; Family Support.

RÉSUMÉ

Cette recherche prétend contribuer à la compréhension du système familial multi-générationnel, dirigeant son attention sur l'analyse de ses fonctions et des caractères spécifiques de ceux qui les accomplissent. À cette fin, un ensemble de fonctions a été défini, à partir des caractères idiosyncratiques de la famille multi-générationnelle, et un entretien à génogramme a été appliqué à certains éléments des générations intermédiaires de 25 familles, composées d'éléments vivants de quatre générations. Les rôles définis qui s'accordent aux fonctions identifiées sont: le « gardien des mémoires familiales », le « maillon familial » et le «secouriste familial ». Les données obtenues indiquent une participation plus équitable de la part de chaque génération pour la dynamique familiale multi-générationnelle, autrement dit, le fonctionnement de ce système semble ressortir de la participation de ses diverses générations. En plus, les données fournissent des pistes pour l'intervention familiale et accordent un contribut théorique pour le thème des familles vieillissantes.

MOT-CLÉS : Famille Multi-générationnelle; Fonctions Familiales; Mémoires Familiales; Liaisons Familiales; Soutiens Familiaux

2.1. INTRODUÇÃO

O estudo da família multigeracional assume relevância num quadro de mudanças históricas, sociais e demográficas que tornam o entrecruzar de gerações a mais peculiar característica da família contemporânea (Sousa, Figueiredo, & Cerqueira, 2004). Como refere Prieur (1996/1999: IX): “tudo o que diz respeito à família se torna progressivamente mais universal e tudo funciona na coexistência e sucessão de gerações”. Apesar do padrão de distanciamento geográfico dos núcleos familiares e indivíduos ser cada vez mais comum, o estudo da família multigeracional permanece importante, pois as famílias nucleares “continuam a ser subsistemas emocionais que reagem a relações do passado, presente e futuro antecipado dentro do sistema familiar trigeracional” (Carter & McGoldrick, 2005: 3). Por isso, Minuchin e Fishman (1981) afirmam que a família extensa detém uma influência decisiva nas funções familiares nucleares.

Neste artigo, o termo “família multigeracional” designa famílias com representantes vivos de quatro gerações, apesar do conceito ser aplicável a famílias com três gerações. Trata-se de um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue ou de afinidade, vivendo ou não em coabitação, com diferentes distâncias geográficas e emocionais. Em geral, compreende diversos conglomerados habitacionais independentes, com um funcionamento relativamente autónomo, habitualmente apelidados “agregados familiares”. Engloba elementos distribuídos por todo o espectro etário, implicando a coexistência e convivência de pessoas num mesmo sistema social com vivências sociais, históricas e culturais distintas.

Vicente e Sousa (2007) procuraram caracterizar a tónica estrutural das famílias multigeracionais, que se revelou divergente da família nuclear, identificando cinco subsistemas: a) indivíduo (unidade básica de todos os sistemas sociais), b) núcleo familiar (indivíduos em coabitação que partilham ou não laços familiares), c) composição familiar (associação, aliança ou coligação de dois ou mais núcleos familiares), d) geração (associação horizontal de indivíduos que partilham a mesma posição geracional), e) linhagem (associação vertical de indivíduos de diferentes gerações, pautada pela consanguinidade e partilha do património genético, envolvendo pessoas que partilham laços de ascendência ou descendência). A interação destes subsistemas com duas variáveis (proximidade/distância geográfica e emocional) conduziu a uma tipologia estrutural com três categorias: a) família unificada (elevada proximidade geográfica e relacional), b) dispersa (elevada proximidade relacional e baixa proximidade geográfica), e c) fragmentada (baixa proximidade relacional). Numa amostra de famílias multigeracionais portuguesas, verificou-se que prevalecia o subtipo disperso.

No contexto das relações entre gerações, numerosos estudos se têm debruçado sobre pares relacionais muito específicos, por exemplo, avós e netos: estilos de ser avô (Neugarten & Weinstein, 1968); funções educativas dos avós (Kivnick, 1982); papéis desempenhados pelos avós (Kornhaber & Woodward, 1981); papel dos avós junto dos netos (Gonzaga & Cruz, 2000). Estes estudos são efectivamente de carácter multigeracional, mas possuem um limitado poder compreensivo da dinâmica do sistema familiar multigeracional que contém, influencia e é influenciado por essas relações diádicas.

Sendo a organização estrutural da família multigeracional diferente da família nuclear (Vicente & Sousa, 2007), torna-se importante estudar a organização funcional desse sistema, cuja tradução, ao nível da vivência individual no contexto familiar, se revela no exercício de determinados papéis familiares. A família multigeracional possui características que a distinguem dos restantes sistemas sociais e essas idiossincrasias têm como corolário teórico a existência de necessidades particulares e tarefas relevantes para a sua “sobrevivência” enquanto sistema social de direito próprio. Estudar essas funções, através da identificação e caracterização dos elementos que as desempenham, é importante para promover o desenvolvimento dos seus membros, facilitar a resposta a solicitações externas e internas e permitir a distinção dos restantes sistemas sociais.

2.2. FUNÇÕES E CICLO VITAL DA FAMÍLIA NUCLEAR

Minuchin (1982) concebe as tarefas da família em duas vertentes: a) a interna, referente à protecção psicossocial dos seus membros; e b) a externa, relativa à acomodação e à transmissão da cultura. A duplicidade funcional da família pode ser vista num sentido temporal: centrada no *aqui e agora*, nos problemas quotidianos dos seus membros; e espraiando-se no tempo, pelas questões desenvolvimentais que abarcam passado, presente e futuro (Sampaio & Gameiro, 1985). As funções familiares são alvo de forte influência social e cultural, pelo que existem diferenças culturais e, com a evolução da sociedade, são expectáveis modificações.

As funções, papéis e tarefas na família nuclear foram amplamente estudados no âmbito do ciclo vital da família. O esquema de Carter e McGoldrick (2005), pela ênfase que coloca na perspectiva sistémica multigeracional de Bowen (1978/1984; Miller, Anderson & Keala, 2004), ultrapassa a referência à família nuclear e alerta para os aspectos trigeracionais e para as “pontes genealógicas” entre gerações mais velhas e mais novas. Este esquema é um marco da aplicação do “ciclo vital da família” ao estudo das relações intergeracionais e da família multigeracional, pois reconhece a importância da família nuclear e da família extensa. Contudo, o enfoque desenvolvimental do “ciclo vital da família expandido”, de Carter e McGoldrick (2005), centra-se na família nuclear, facultando, por acréscimo, uma espécie de “fotografia instantânea” da família multigeracional.

Todos os estádios de desenvolvimento familiar desse modelo implicam tarefas com base na interacção de dois subsistemas da família multigeracional: a geração e a linhagem. Por exemplo: no estádio “jovem adulto solteiro”, o indivíduo/família procura a diferenciação do *self* em relação à família de origem, ou seja, relativamente ao núcleo familiar de onde procede e à geração que o antecede; nas fases de “junção de famílias através do casamento” e de “famílias com filhos pequenos” emergem aspectos do subsistema linhagem, com as tarefas de realinhamento das relações com a família extensa para acomodar o cônjuge e, em seguida, incluir os papéis de “pais” e de “avós”; nas “famílias no fim vida”, a transição emocional centra-se na aceitação da mudança dos papéis geracionais e no apoio ao papel mais central das gerações intermédias, ao mesmo tempo que se lida com a perda de relações intrageracionais (cônjuge, irmãos e primos). Os tópicos intergeracionais e intrageracionais são transversais à vida da família, mas têm sido os estudos

sobre a última fase do desenvolvimento familiar a debruçarem-se sobre o funcionamento da família multigeracional.

A importância da perspectiva transgeracional nos modelos de desenvolvimento familiar é reconhecida porque: existe continuidade nas famílias ao longo das gerações (por proximidade ou afastamento), ou seja, a identidade não se perde, renova-se (Sousa, 1998); essa continuidade é assegurada (Benoit, Malarewicz, Beaujean, Colas, & Kannas, 1988) pelos fenómenos conscientes da educação e tradição familiar e pelos processos menos conscientes de delegação (Stierlin, 1978), lealdades invisíveis (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1984) e mitos (Ferreira, 1981). Estas vivências permitem manter a aliança entre a antiga e a nova família, ao mesmo tempo que se opera a adaptação a uma nova época.

2.3. “NOVAS” FUNÇÕES NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL

A revisão da literatura sobre relações intergeracionais permitiu destacar três tópicos com relevo para caracterizar as funções na família multigeracional: 1) a importância dos legados e heranças; 2) a complexidade das redes sociais familiares; 3) o papel central do apoio familiar, inserido no quadro mais vasto do apoio ou suporte social. Por seu turno, o sistema familiar multigeracional apresenta determinadas características idiossincráticas, a saber: a) percurso histórico longo e complexo que agrega a história dos indivíduos, núcleos e composições familiares, linhagens e gerações que a compõem; b) número elevado de subsistemas, pois são normalmente famílias com numerosos indivíduos, que se distribuem por numerosos núcleos e múltiplas gerações e linhagens; c) coexistência de indivíduos e famílias nucleares em praticamente todas as fases do desenvolvimento individual e familiar, cada qual com tarefas e desafios particulares. Estas especificidades conduziram os autores a hipotetizar a existência de três funções essenciais neste sistema, as quais estão intimamente associadas aos temas abordados nos estudos sobre a intergeracionalidade: guarda das memórias familiares; ligação entre subsistemas; e apoio aos vários subsistemas.

A relevância destas funções, e das pessoas que as exercem e que assim passam a assumir um papel diferenciado e reconhecido socialmente, toca alguns referenciais teóricos que passamos a descrever.

2.3.1. Guarda das memórias familiares

O tema dos legados e das heranças emerge em termos da identidade familiar e individual, em estudos de sociologia da família (e.g. Goody, Thirsk, & Thompson, 1976), psicologia da família (e.g. Patrão & Sousa, 2008) e psicologia dinâmica (e.g. Prieur, 1999). Este tópico envolve relações entre subsistemas da família multigeracional, neste caso entre subsistemas geracionais. Apesar de se repercutirem no funcionamento da família nuclear, estas dinâmicas ocorrem sobretudo num nível de complexidade sistémica distinto: o sistema familiar multigeracional. Fine e Norris (1989) identificam a “transmissão intergeracional” de atitudes, orientações e/ou comportamentos como uma das áreas de investigação mais profícuas no domínio das relações intergeracionais,

argumentando que não são fenómenos unidireccionais (das gerações mais idosas para as mais novas), mas bidireccionais. Por exemplo, a aprendizagem com as gerações mais novas parece deter um papel importante no envelhecimento bem sucedido das gerações mais idosas (Vaillant, 2002). Segundo Corigliano (1996/1999), a transmissão dos saberes, valores e códigos entre as gerações constitui o eixo vertical da memória familiar, ao passo que a ligação entre a microcultura familiar e o ecossistema sociocultural traduz-se no seu complementar eixo horizontal. Como o sistema familiar multigeracional possui uma longa e complexa história e como a memória é imprescindível para o desenvolvimento e interacção humanas (Fonseca, 1997), os autores questionaram o seu papel no sistema familiar multigeracional. A inclusão da memória no plano sistémico não é novidade. Le Moigne (1978) refere-a num dos nove níveis da sua tipologia sistémica: a “memória” ocupa o sexto nível, depois da “decisão” e antecedendo a “coordenação ou pilotagem”, permitindo que um sistema atinja o mundo da comunicação, que constitui um prolongamento do domínio da informação. Assim, neste estudo, hipotetizamos a existência de uma função de preservação das memórias familiares. Ao(s) actor(es) familiar(es) que desempenha(m) esta função atribuiu-se a designação de “*guardião das memórias familiares*”.

2.3.2. Ligação entre subsistemas

A importância das ligações entre subsistemas na família multigeracional emerge nos estudos sobre redes sociais (Sluzki, 1996/2002), que salientam a importância do contacto intergeracional e intrageracional. Relações entre bisavós e bisnetos, avós e netos, pais e filhos; relações cortadas, distantes ou fusionais; ligações entre agregados familiares desavindos, unidos ou coligados, ou entre elementos da mesma geração ou da mesma linhagem, constituem exemplos da miríade relacional das redes sociais familiares que envolvem a interacção de numerosos subsistemas familiares. Na família nuclear “tradicional”, composta por quatro elementos (o casal e dois filhos), podem ser identificados, pelo menos, oito subsistemas (quatro individuais, um parental, um conjugal, um filial e um fraternal), num total de 28 ligações possíveis entre eles. Um exercício matemático similar aplicado à família multigeracional seria bastante mais complexo. O número de ligações num sistema familiar multigeracional revelar-se-ia bastante superior, pois este é constituído por uma rede intrincada de relacionamentos entre subsistemas de proporção assinalável, embora variável com o número de elementos no sistema.

Os estudos sobre redes sociais enfatizam a existência de elementos que condensam um maior número de ligações e cuja anulação pode tornar a rede ineficaz e conduzir ao desmembramento. Granovetter (1973, 1983) apelidou estes elementos de “pontes sociais” (“*social bridges*”). Buchanan (2002), no seu seguimento, refere que os elos mais fracos numa rede podem ser de maior importância do que os elos fortes, pois actuam como laços cruciais que mantêm a rede unida e que, se eliminados, podem causar o colapso da rede. Estas ideias encontram reflexo nas relações familiares multigeracionais: os laços “fortes” seriam aqueles entre elementos dum núcleo ou agregado familiar (por exemplo, entre pais e filhos ou entre marido e mulher); enquanto os laços “fracos” ocorreriam entre gerações mais distantes (por exemplo, a geração mais nova e a

mais idosa numa família de quatro gerações), entre linhagens distintas (por exemplo, entre compadres e comadres), ou entre núcleos ou agregados familiares dispersos geograficamente. Neste contexto, os autores hipotetizam a presença, na família multigeracional, de um ou mais elementos a exercer a função de ligação privilegiada entre subsistemas: o “*elo de ligação familiar*”.

2.3.3. Apoio aos vários subsistemas

Numa família multigeracional, existem indivíduos em praticamente todas as fases do desenvolvimento individual e familiar, apresentando necessidades variadas: a) individuais, decorrentes da posição no ciclo vital individual; b) familiares, associadas à vivência de cada núcleo familiar. A literatura sobre o suporte e apoio familiar tem-se centrado no papel de cuidador familiar de longa duração ao idoso (Figueiredo, 2007) e nas trocas de apoio entre pais e filhos ao longo da vida (Rossi & Rossi, 1990). Outros estudos reportam-se a relações diádicas, mas abrangem um espectro geracional mais alargado, por exemplo, quando os avós assumem os cuidados dos netos (Goodman & Silverstein, 2001; Hader, 1965; Poehlmann, 2003). Estes estudos apenas revelam uma das facetas do apoio familiar, aquele que é continuado e estendido no tempo, relegando para segundo plano o apoio prestado pontualmente ou numa emergência. Ao abordar os fluxos de *stress* na família (Carter & McGoldrick, 2005), verifica-se que acidentes, imprevistos e vicissitudes fazem parte da vida individual e familiar e requerem características particulares por parte de quem ajuda. Como a família multigeracional é habitualmente composta por numerosos agregados familiares, cada qual confrontado com tarefas inerentes à fase do ciclo vital em que se encontra, é de esperar que as necessidades sejam múltiplas e diversas e que, quando um problema é resolvido, logo surja outro noutra parte do sistema. Nesta linha, consideramos a possibilidade de haver um ou mais elementos que funcionem como interventores na crise, facultando primeiras ajudas, aconselhamento e/ou encaminhamentos: o “*pronto-socorro familiar*”.

2.4. OBJECTIVOS

Este estudo explora e aprofunda três funções na família multigeracional (“guarda das memórias familiares”, “ligação familiar” e “apoio familiar”), principalmente caracterizando as pessoas que os assumem no seio familiar. A relevância desta pesquisa está na continuação do contributo para o desenvolvimento de um modelo de compreensão da família multigeracional (Vicente & Sousa, 2007). Este estudo é ainda relevante num plano interventivo, pois os resultados têm implicações na planificação da intervenção e na compreensão do funcionamento familiar.

2.5. METODOLOGIA

Esta pesquisa integra-se num projecto de investigação mais abrangente no âmbito das famílias multigeracionais. Assim, torna-se necessário contextualizar a recolha dos dados sobre as “novas” funções na família multigeracional. No desenho metodológico alargado existem dois momentos de recolha de dados: 1º) junto de um elemento das gerações intermédias (G2 ou G3, sendo que G1 corresponde à geração mais idosa e G4 à geração mais nova) procede-se à construção do

genograma familiar (através de uma entrevista construída segundo as indicações constantes em McGoldrick e Gerson, 1987); 2º) junto de um representante de cada geração na família é aplicado o IARSP-R (Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais – forma Revista) (Alarcão & Sousa, 2007).

As questões sobre as funções na família multigeracional, das quais provêm os dados deste artigo, são colocadas no final da entrevista de genograma, representando a visão singular e idiossincrática de um sujeito acerca da sua família e da problemática colocada pelo entrevistador. Depois de elaborado o genograma, o entrevistador coloca a seguinte questão aberta centrada nas funções familiares acima elencadas:

“Considerando todos os membros da sua família representados neste genograma, existe algum que assuma, consciente ou inconscientemente, algum dos seguintes papéis: guardião das memórias familiares; elo de ligação entre elementos da família; pronto-socorro familiar em momentos de crise, emergência ou necessidade pontual?”

Quando o entrevistado dá uma resposta negativa, expressa alguma dúvida ou pede esclarecimentos, o entrevistador acrescenta informação sobre cada um dos papéis: a) o “*guardião das memórias familiares*” é “*o repositório das memórias ou da identidade familiar, alguém que conhece as histórias, os mitos e os segredos familiares ou que guarda fotografias ou outros objectos relevantes para contar a história da família*”; b) o “*elo de ligação familiar*” é o membro da família “*que funciona como ponte de ligação entre vários núcleos ou agregados da família alargada, aquele que mantém bons relacionamentos com a maioria dos familiares e que facilita a circulação de informação*”; c) o “*pronto-socorro familiar*” é “*alguém na família a quem os restantes recorrem numa emergência ou momento de aflição, a quem é reconhecida competência e disponibilidade para facultar uma primeira ajuda*”. Após a resposta e identificação do(s) elemento(s), o entrevistador solicita que o respondente caracterize cada personagem no panorama familiar e que enumere os aspectos pessoais ou atributos que motivaram a escolha.

Este momento foi eleito para colocar as questões relativas às funções na família multigeracional porque: a) após a realização do genograma o entrevistado já efectuou um esforço de reflexão sobre a sua família alargada, estando mais sensibilizado para os problemas deste sistema; b) o material gráfico (genograma) permite uma visão global do sistema familiar alargado; c) o elevado número de familiares identificados através da elaboração de um genograma de quatro gerações aumenta as opções de resposta.

As questões foram colocadas a um elemento da família, e sabe-se que indivíduos diferentes pertencentes à mesma família podem apresentar percepções discrepantes em relação ao seu meio e dinâmica familiares (Olson *et al.*, 1989). O recurso a múltiplos informadores numa família poderia contribuir para o enriquecimento desta análise.

2.5.1. Amostra

A amostra compreende 25 famílias multigeracionais (com elementos vivos de quatro gerações), tendo sido recolhida pelo processo de amostragem em bola-de-neve. O processo decorreu do seguinte modo: após a realização da entrevista de genograma, era perguntado ao participante se tinha contacto com outras famílias com as mesmas características; em caso de resposta afirmativa, era muitas vezes o entrevistado a apresentar a nova família ao investigador, que repetia o processo. Desta forma, as famílias distribuem-se por um conjunto limitado de concelhos da região centro de Portugal, aos quais o investigador tinha acesso. Seria difícil realizar uma amostragem aleatória da população portuguesa, ou mesmo de uma localização geográfica mais limitada, pois não existem registos, por exemplo nas Juntas de Freguesia, sobre quais as famílias portuguesas com elementos vivos de quatro gerações.

Os inquiridos pertencem às gerações intermédias das famílias multigeracionais em estudo: 10 são de G2 e 15 de G3. A maioria dos entrevistados é do sexo feminino, sendo que apenas dois (8%) pertencem ao sexo masculino. A média etária dos inquiridos é de 43,52 anos. Quanto à situação na profissão, 84% enquadram-se na categoria “empregado”, 8% “doméstico”, 4% “estudante” e 4% “reformado”. Relativamente ao estado civil, verificou-se uma predominância da categoria “casado” (64%), seguindo-se “divorciado” (20%), “solteiro” (8%), “separado” (4%) e “união de facto” (4%).

2.5.2. Análise dos dados

A análise contemplou dois conjuntos de dados: 1) as características sócio-demográficas dos elementos identificados como desempenhando algum dos papéis referenciados (sexo, idade, estado civil, situação na profissão, posição geracional), ou seja, a informação recolhida durante a elaboração do genograma; 2) as descrições e caracterizações efectuadas pelos entrevistados acerca dos elementos que desempenham os papéis (*como é que caracteriza este elemento?*) e as justificações para as respostas (*porque seleccionou este elemento e não outro?*). As informações veiculadas foram anotadas pelo entrevistador (primeiro autor) em folhas de registo, para que o entrevistado pudesse confrontar visualmente o genograma e as suas respostas. A duração das entrevistas foi variável, desde os 30 minutos até às 2 horas.

Os dados sócio-demográficos foram analisados através da estatística descritiva. As descrições sobre os papéis e quem os desempenha foram submetidas a análise de conteúdo, de acordo com um processo que compreendeu duas fases: 1) construção de categorias e subcategorias para a definição dos papéis, tendo em conta a literatura e os dados das entrevistas; 2) classificação das respostas dos inquiridos nas (sub)categorias.

O primeiro momento consistiu na criação de um sistema de classificação através de um processo de refinamento progressivo, envolvendo dois juízes independentes (os autores). Cada juiz leu as entrevistas e desenvolveu uma lista de categorias e subcategorias que considerou pertinente. Posteriormente, reuniram-se e discutiram ambas as propostas até um consenso ser estabelecido (Tabela 2.1.).

O segundo momento consistiu na classificação das entrevistas por cada um dos juizes de forma independente, à luz da lista categorial. Numa reunião subsequente, debateram e analisaram as discordâncias entre as duas categorizações produzidas. Os níveis de concordância entre investigadores foram calculados através da seguinte fórmula: *fiabilidade* = *número de concordâncias/número total de concordâncias + discordâncias*. Os resultados foram os seguintes: a) concordância global – 69,52%; b) “guardião das memórias familiares” – 68,1%; “elo de ligação familiar” – 73,79%; “pronto-socorro familiar” – 66,67%. Todos os valores representam níveis de fiabilidade razoáveis para esta fase do processo (Huberman & Miles, 1991). As respostas em que houve discordância foram analisadas posteriormente pelos juizes, que chegaram a uma concordância de: 97,41% para o “guardião das memórias familiares”; 98,06% para o “elo de ligação familiar”; e 99,07% para o “pronto-socorro familiar”. As frequências constantes na tabela 3 revelam as concordâncias no final deste processo, pelo que as classificações em que os juizes não chegaram a uma concordância não foram consideradas.

Tabela 2.1. Categorias e subcategorias: definições e exemplos

<i>(Sub)Categorias</i>	<i>Definição</i>	<i>Exemplos</i>
1. Aspectos funcionais: caracterização do desempenho de papel		
1.1. Transmissão	Acto de legar, transmissão intergeracional e/ou intrageracional de elementos narrativos/históricos, valores morais, e/ou objectos materiais.	“Tem interesse e preocupação em transmitir a história familiar”
1.2. Memória e conservação	Preservação e conservação de elementos narrativos/históricos, valores morais, e/ou objectos materiais; pode ser compreendida com referência ao acto de arquivar.	“Fez a árvore genealógica da família e colecciona fotografias”
1.3. Continuidade familiar	Aspectos funcionais herdados, que representam e transmitem uma ideia de continuidade e integridade das relações familiares alargadas.	“Os membros da família que estão a herdar esta função não têm as mesmas características que ela”
1.4. Conexão e manutenção	Manutenção e conexão de subsistemas na família alargada; promoção de encontros e abertura de vias de comunicação; promoção da união familiar alargada; promoção da solidariedade intergeracional e intrageracional na dimensão associativa, frequência do contacto social e actividades partilhadas (Silverstein & Bengtson, 1997).	“Ligam a família dos dois lados, do meu e do meu marido”

FUNÇÕES NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL: CONTRIBUTO PARA A CARACTERIZAÇÃO FUNCIONAL DO SISTEMA FAMILIAR MULTIGERACIONAL

1.5. Apoio e suporte	Apoio prestado na resolução de problemas (saúde, financeiros, quotidianos, gestão de conflitos e relações); promoção da solidariedade intergeracional e intrageracional na dimensão funcional, de trocas de assistência e apoio financeiro e instrumental (Silverstein & Bengtson, 1997).	“Eles estão disponíveis para ajudar nas tarefas do quotidiano”
1.6. Intervenção na crise	Primeiro apoio quando algum familiar é confrontado com um problema; a primeira pessoa a quem se pede ajuda.	“Quando algo acontece é o primeiro a chegar”

2. Características sócio-demográficas associadas ao desempenho de papéis na família

2.1. Idade	A idade é relevante para o exercício de um papel; inclui a posição na fratria.	“Pela idade que tem”
2.2. Sexo	O sexo é relevante no exercício do papel.	“Por ser o homem da família”
2.3. Localização geográfica	A zona de residência é relevante no desempenho do papel.	“A minha residência é central em relação à dos meus familiares”
2.4. Situação na profissão	A situação na profissão (empregado, desempregado, doméstico, reformado, estudante) é relevante para o papel.	“Como é doméstica, está mais a par do que se passa!”
2.5. Actividade profissional	Relevo da actividade profissional (p. ex. médico, psicólogo, construtor, contabilista) e dos conhecimentos associados.	“Por ser médico”
2.6. Recursos económicos	Saliência dos recursos económicos/financeiros para o exercício do papel.	“É a pessoa com mais meios, tem uma vida estável”
2.7. Recursos materiais	Os recursos materiais (p ex. computador, habitação, etc.) são relevantes para o exercício do papel.	“Porque vive numa casa grande”
2.8. Disponibilidade de tempo	Ter tempo disponível (por exemplo, devido a desemprego ou reforma); diferente da disponibilidade pessoal (inserida no ponto 3. características pessoais).	“Por ter maior disponibilidade de horários!”

3. Características pessoais: traços de personalidade, carácter ou aspectos inerentes ao funcionamento do indivíduo que assume a função

3.1. Conciliador	Procura minimizar ou resolver conflitos; pôr de acordo partes desavindas; pacificar e harmonizar; promover a união.	“Assumi o papel de gestor de conflitos”
3.2. Sociofilia	Tendência para procurar contactos com o meio social, num gosto das implicações sociais; desinibição.	“Nós gostamos de conviver, ter gente à volta”

CAPÍTULO II

3.3. Saudosismo	Apego ou nostalgia pelo passado; saudade pela ausência ou desaparecimento de pessoas, coisas, estados ou acções; não implica tristeza ou outra emoção negativa.	“São pessoas sensíveis e saudosistas, mais ligadas às tradições e ao passado”
3.4. Curiosidade	Desejo e/ou interesse por saber ou conhecer.	“Eu tenho curiosidade em saber de onde eram os meus avós”
3.5. Simpatia	Participa nos estados afectivos dos outros; compaixão; trato agradável; boa disposição e humor.	“É genuinamente simpática, é uma pessoa agradável”
3.6. Ponderação	Prudente; manifesta capacidade de reflectir; avalia maduramente; tem em conta várias perspectivas; expõe os seus pontos de vista com argumentos convincentes.	“É uma pessoa com sensibilidade e bom senso”
3.7. Culpabilidade	Experiencia sentimentos de culpa; manifesta tendências autopunitivas; manifesta sentimentos de responsabilidade por actos ou omissões repreensíveis.	“Talvez se sinta culpada de ter sido a única a construir uma família”
3.8. Controlo	Procura controlar, orientar, fiscalizar o próprio (auto-controlo) e/ou os outros (hetero-controlo); pode revelar-se numa tendência para a organização.	“Tentou sempre dominar a família, ter tudo sobre controlo, ter a família em seu redor”
3.9. Iniciativa	Tendência para ser o primeiro a pôr em prática uma acção ou ideia; assume a prestação de apoio sem lhe ser solicitada.	“Aceitam logo de imediato ajudar, não hesitam”
3.10. Valores religiosos	Conjunto de valores com base num credo religioso que influencia a conduta.	“Ele é uma pessoa católica e, como tal, ajuda os outros”
3.11. Disponibilidade	Pessoa que se pode chamar para ajudar a resolver qualquer problema; não significa desocupação, mas uma predisposição para ajudar; solidariedade.	“Dispõe-se a ajudar as pessoas e por isso recorrem a ele”
3.12. Competências comunicativas	Comunica facilmente com outras pessoas; transmite informação de forma clara; esclarece mal-entendidos.	“Nós contactamo-nos mais eficazmente”
3.13. Credibilidade	Digno de crédito; inspira confiança; boa reputação; pode revelar-se na atribuição à pessoa visada da característica “sabedoria”.	“É uma pessoa respeitada na família e fora dela”
3.14. Competência de resolução de problemas	Capacidade de analisar um problema, pensar em possíveis soluções e colocá-las em prática; eficiência.	“Ele é desenrascado”

2.6. RESULTADOS

A existência destas funções nas famílias foi patente na facilidade com que a maior parte dos entrevistados identificavam elementos da família que assumiam os papéis. Vejamos a

caracterização das pessoas identificadas como desempenhando cada um dos papéis (Tabela 2.2.).

Tabela 2.2. Caracterização sócio-demográfica dos indivíduos que exercem funções familiares

	<i>Número de elementos identificados</i>	<i>Posição geracional</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Situação na profissão</i>	<i>Estado civil</i>
<i>Guardião das memórias familiares</i>	Total = 37	G1 = 20	Feminino = 32	Média = 69,70	Reformado = 25	Viúvo = 13 (35%)
	Média = 1,48	(54%)	(86%)	anos	(67%)	Casado = 18 (49%)
	Máximo = 4	G2 = 13	Masculino = 5	Máximo = 94	Empregado = 10	União de facto = 1
	Mínimo = 0	(35%)	(14%)	Mínimo = 18	(27%)	(3%)
	Desvio-padrão = 0,90	G3 = 3 (8%) G4 = 1 (3%) Moda = G1	Moda = Feminino	Desvio-padrão = 20,02	Desempregado = 1 (3%) Estudante = 1 (3%) Moda = Reformado	Divorciado = 3 (8%) Solteiro = 2 (5%) Moda = Casado
<i>Elo de ligação familiar</i>	Total = 35	G1 = 6	Feminino = 25	Média = 58,48	Reformado = 13	Viúvo = 3 (9%)
	Média = 1,4	(17%)	(72%)	anos	(37%)	Casado = 26 (74%)
	Máximo = 4	G2 = 22	Masculino = 10	Máximo = 86	Empregado = 20	União de facto = 1
	Mínimo = 0	(63%)	(28%)	Mínimo = 31	(57%)	(3%)
	Desvio-padrão = 1,02	G3 = 7 (20%) G4 = 0 (0%) Moda = G2	Moda = Feminino	Desvio-padrão = 15,13	Desempregado = 1 (3%) N/S = 1 (3%) Moda = Empregado	Divorciado = 3 (8%) Solteiro = 2 (6%) Moda = Casado
<i>Pronto-socorro familiar</i>	Total = 35	G1 = 1 (3%)	Feminino = 19	Média = 52,06	Reformado = 10	Viúvo = 1 (3%)
	Média = 1,4	G2 = 22	(54%)	anos	(29%)	Casado = 28 (80%)
	Máximo = 4	(63%)	Masculino = 16	Máximo = 80	Empregado = 24	União de facto = 2
	Mínimo = 0	G3 = 12	(46%)	Mínimo = 31	(68%)	(6%)
	Desvio-padrão = 1,06	(34%) G4 = 0 (0%) Moda = G2	Moda = Feminino	Desvio-padrão = 11,02	Desempregado = 1 (3%) Moda = Empregado	Divorciado = 2 (6%) Separado = 1 (3%) Solteiro = 1 (3%) Moda = Casado

Em geral foi identificado um ou mais elementos na família a cumprirem cada uma das funções (Tabela 2.2.). A identificação de múltiplos elementos para o mesmo papel aponta para duas possibilidades explicativas cuja conjunção pode melhor traduzir a experiência familiar: a) a ocorrência de fragmentação ou dispersão da família multigeracional (Vicente & Sousa, 2007), que pode conduzir à duplicação de papéis pela desconexão dos subsistemas; b) o exercício de qualquer uma destas funções faz parte da experiência e personalidade de cada indivíduo, embora uns o façam com maior proeminência, frequência e alcance, razão pela qual são destacados e reconhecidos. Esta possibilidade é reiterada quando alguns entrevistados não indicam nenhum elemento como exercendo a função, pois afirmam que é praticada por todos os membros da família (importa salientar que na ausência de uma resposta específica por parte do entrevistado,

quando não refere um ou mais indivíduos assinalando que a função é desempenhada por “todos”, não é contabilizado qualquer elemento da família).

Os três papéis predefinidos apresentam características que os aproximam. Quanto à posição geracional verifica-se que: o “guardião das memórias familiares” pertence principalmente a G1 ou a G2; o “elo de ligação familiar” e o “pronto-socorro familiar” tendem a pertencer a G2 ou a G3. Apenas foi identificado um elemento de G4 a exercer uma função, a de “guardião de memórias familiares”. Estas funções multigeracionais recaem principalmente em G2, seguindo-se G1 e G3 consoante a função se repercute mais no plano simbólico e narrativo ou no campo mais pragmático do apoio familiar. Em termos de sexo, todas as funções são maioritariamente exercidas por mulheres, embora os homens apresentem valores percentuais próximos no caso do “pronto-socorro familiar”. Ao nível da idade, o “guardião das memórias familiares” é tendencialmente mais velho, seguindo-se o “elo de ligação familiar” e, por último, o “pronto-socorro familiar”. A situação na profissão acaba por reflectir a idade de quem exerce as funções: o “guardião das memórias familiares” tende a estar reformado; o “elo de ligação familiar” e o “pronto-socorro familiar” tendem a estar empregados. O estado civil segue uma linha paralela. Embora em todos os papéis se verifique um predomínio de indivíduos casados, a frequência de viúvos é superior entre os “guardiões das memórias familiares”.

Vejamos agora a caracterização dos papéis em termos funcionais e os atributos conferidos à personagem que os desempenha (Tabela 2.3.).

Tabela 2.3. Características dos papéis familiares

Categorias	PAPÉIS FAMILIARES								
	<i>Guardião das Memórias Familiares</i>			<i>Elo de Ligação Familiar</i>			<i>Pronto-socorro Familiar</i>		
	N	%	Ordem	N	%	Ordem	N	%	Ordem
1. Aspectos funcionais									
1.1 Transmissão	6	16.2	8	0	-	-	0	-	-
1.2. Memória e conservação	24	64.9	1	0	-	-	0	-	-
1.3. Continuidade familiar	10	27.0	3	0	-	-	0	-	-
1.4. Conexão e manutenção	1	2.7	14	26	74.3	1	0	-	-
1.5. Apoio e suporte	2	5.4	10	1	2.8	12	16	45.7	1
1.6. Intervenção na crise	0	-	-	0	-	-	3	8.6	8
2. Características sócio-demográficas									
2.1. Idade	8	21.6	4	0	-	-	3	8.6	8
2.2. Sexo	1	2.7	14	0	-	-	1	2.8	14

FUNÇÕES NA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL: CONTRIBUTO PARA A CARACTERIZAÇÃO FUNCIONAL DO SISTEMA FAMILIAR MULTIGERACIONAL

2.3. Localização geográfica	3	8.1	9	3	8.6	11	0	-	-
2.4. Situação na profissão	1	2.7	14	0	-	-	0	-	-
2.5. Actividade profissional	0	-	-	1	2.8	12	11	31.4	3
2.6. Recursos económicos	0	-	-	4	11.4	9	5	14.3	7
2.7. Recursos materiais	2	5.4	10	1	2.8	12	1	2.8	14
2.8. Disponibilidade de tempo	1	2.7	14	6	17.1	5	8	22.8	5
3. Características pessoais									
3.1. Conciliador	1	2.7	14	8	22.8	2	3	8.6	8
3.2. Sociofilia	7	18.9	5	8	22.8	2	3	8.6	8
3.3. Saudosismo	12	32.4	2	1	2.8	12	0	-	-
3.4. Curiosidade	7	18.9	5	0	-	-	0	-	-
3.5. Simpatia	1	2.7	14	6	17.1	5	0	-	-
3.6. Ponderação	2	5.4	10	8	22.8	2	3	8.6	8
3.7. Culpabilidade	0	-	-	1	2.8	12	0	-	-
3.8. Controlo	7	18.9	5	4	11.4	9	1	2.8	14
3.9. Iniciativa	1	2.7	14	1	2.8	12	6	17.1	6
3.10. Valores religiosos	0	-	-	0	-	-	1	2.8	14
3.11. Disponibilidade	2	5.4	10	5	14.3	7	15	42.8	2
3.12. Competências comunicativas	1	2.7	14	5	14.3	7	1	2.8	14
3.13. Credibilidade	1	2.7	14	1	2.8	12	3	8.6	8
3.14. Competência de resolução de problemas	0	-	-	0	-	-	11	31.4	3

2.6.1. “Guardião das memórias familiares”

O “guardião das memórias familiares” tem como função essencial a “memória e conservação” e, em alguns casos, também a “transmissão”. Trata-se de uma função que em 27% dos casos foi ou será herdada, o que suporta a sua importância na manutenção da continuidade familiar. A idade é referenciada como relevante para o exercício deste papel. Em termos de características pessoais, destaca-se o “saudosismo”, seguido da “sociofilia”, “curiosidade” e “controlo”. Ficou patente que os recursos pessoais necessários para exercer esta função são mais difíceis de quantificar do que, por exemplo, os rendimentos económicos, a disponibilidade de tempo ou as competências de resolução de problemas, que figuram abundantemente na literatura sobre relações intergeracionais.

2.6.2. “Elo de ligação familiar”

O “elo de ligação familiar” exerce quase exclusivamente uma função de “conexão e manutenção” entre os subsistemas da família multigeracional. A disponibilidade de tempo, os recursos económicos e financeiros e a localização da sua residência são elementos sócio-demográficos que parecem contribuir para o exercício da função. As características pessoais são: “conciliador”, “sociofilia” e “ponderação”, ou seja, pessoas que procuram e desejam contactos sociais e que procuram fazê-lo com tacto e sensibilidade, muitas vezes no sentido de solucionar conflitos. Outras características incluem: “simpatia”, “disponibilidade”, “competências comunicativas” e “controlo”.

2.6.3. “Pronto-socorro familiar”

O “pronto-socorro familiar” revela-se como prestador de “apoio familiar” e, com menos frequência, como elemento de “intervenção em crise”. Isto apesar da nomenclatura atribuída a esta personagem, nas questões colocadas, poder induzir os entrevistados a responder nesse sentido. Este dado é relevante do ponto de vista metodológico, conferindo validade às caracterizações funcionais dos restantes papéis, pois nestes também a nomenclatura utilizada nas questões poderia influenciar as respostas.

A actividade profissional aparece como o elemento sócio-demográfico mais relevante para o exercício desta função. Os entrevistados identificaram familiares com profissões específicas (p. ex. médicos, enfermeiros, advogados, contabilistas), acrescentando que os conhecimentos profissionais e a rede desenvolvida nestes meios são fundamentais para o apoio ao sistema familiar. Outro elemento sócio-demográfico relevante parece ser a disponibilidade de tempo: o “pronto-socorro familiar”, apesar de ser uma personagem profissionalmente activa, tem tempo para dedicar à família. Além disso, emerge a disponibilidade de recursos financeiros ou económicos, essenciais para facultar apoios mais instrumentais. No plano das características pessoais, salienta-se: a “disponibilidade pessoal” (é alguém a quem se pode recorrer, com predisposição para ajudar); as “competências de resolução de problemas”; e, com percentagens distantes das anteriores, encontram-se as subcategorias “conciliador”, “sociofilia”, “ponderação” e “credibilidade”.

2.7. DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam três aspectos relevantes: a) importância das relações conjugais e da posição geracional sobre o exercício de funções na família alargada, que aponta no sentido da reciprocidade intersistémica entre indivíduo, família nuclear e multigeracional; b) as diferenças de género na assunção de papéis dentro da família multigeracional, reafirmando o papel das mulheres na família mas reintegrando igualmente o sexo masculino no capital social familiar; c) as diferenças etárias entre os familiares que exercem as funções definidas, que traçam um ponto de contacto entre sistema familiar multigeracional, desenvolvimento individual e familiar.

Ficou patente que o “pronto-socorro familiar” e o “elo de ligação” tendem a estar casados e a pertencer às gerações intermédias. Ao estudarem os efeitos dos cuidados e apoios multigeracionais, Loomis e Booth (1995) não encontraram dados que confirmassem a hipótese de uma geração de adultos de meia-idade sobrecarregada. Uma das explicações avançadas pelos autores sugere a existência de um efeito selectivo na família, em que as pessoas com maiores capacidades de assumir as responsabilidades pelos apoios as tomam para si próprias. Nesse estudo, os dados revelaram que as pessoas com casamentos mais “fortes” tendiam a assumir responsabilidades multigeracionais. De facto, as pessoas casadas de meia-idade encontram-se no estágio “generatividade vs. estagnação” (Erikson, 1950/1976), ou seja, estão empenhadas no cuidado das gerações subsequentes (e antecedentes) como forma de avançar no desenvolvimento individual. Além disso, encontram-se no epicentro relacional de vários subsistemas geracionais e de linhagem. Assim, o facto do “pronto-socorro familiar” e do “elo de ligação familiar” partilharem estas características parece traduzir sobretudo a reciprocidade intersistémica entre indivíduo, subsistema conjugal, família nuclear e família multigeracional, ou seja, a complementaridade e acoplagem das tarefas inerentes a diferentes subsistemas. Os sujeitos identificados encontram-se efectivamente na convergência e ligação de duas linhagens distintas decorrentes do casamento, estão situados numa posição de charneira entre subsistemas geracionais, que muitas vezes necessitam de cuidados, e atravessam uma fase do desenvolvimento individual cujas tarefas se coadunam precisamente com a “conexão” e o “cuidado” do outro.

As funções de ligação entre subsistemas e guarda das memórias familiares são maioritariamente exercidas por mulheres, ao passo que o exercício do apoio familiar aos subsistemas revela uma distribuição menos desproporcional entre os sexos. Elementos de ambos os sexos parecem assim estar envolvidos e implicados no funcionamento do sistema familiar multigeracional, mas com abordagens e prioridades distintas. Os estudos sobre relações sociais e maturidade filial na meia-idade sugerem uma atitude mais pragmática dos homens em relação à prestação de apoio familiar, enquanto as mulheres apresentam maior tendência sociofílica. Assim, as mulheres têm mais contacto com os seus pais e amigos, enquanto os homens tendem a centrar as relações no cônjuge. Perrig-Chiello e Sturzenegger (2001) consideram que essa diferença pode ser atribuível ao papel tradicional do sexo feminino: assumir a responsabilidade pelos assuntos sociais dentro e fora da família.

Importa salientar a associação do exercício da função de guarda das memórias familiares aos elementos mais idosos. Tal é consistente com o processo de construção da integridade familiar (King & Wynne, 2004), típica das famílias envelhecidas, que envolve a criação de legados a partir da partilha de histórias ou rituais entre as gerações, e com a proposta de Vaillant (2002) de inclusão do estágio “guardião do significado” (*“keeper of the meaning”*) no seu esquema desenvolvimental, embora este último se reporte a uma esfera social mais vasta, não limitada à família. Trata-se de uma função desempenhada essencialmente por mulheres, frequentemente viúvas. Estes dados poderiam indiciar um papel associado ao género, mas uma explicação mais

simples pode ser avançada a partir do diferencial entre a esperança média de vida de homens e mulheres. Ou seja, os homens não sobrevivem o suficiente para exercerem com maior frequência este papel. O exercício desta função no contexto familiar alargado permite compreender as relações entre gerações de forma mais equitativa e equilibrada. Quando as pessoas idosas “*contam histórias do passado*”, estão a encontrar significados para as suas vidas, mas também a providenciar às gerações mais novas uma forma de reinterpretarem o presente e as suas histórias individuais em função das suas experiências, interesses e contexto cultural, ou seja, trata-se de um empreendimento dialógico (Tschuggnall & Welzer, 2002). Ambas as partes parecem beneficiar da transmissão: tanto os dadores, pela extensão do *self* nas gerações seguintes (Price, Arnould, & Curasi, 2000); como os recipientes, que adquirem elementos que os ajudam a desenvolver a própria identidade (Spira & Wall, 2007). Contudo, também o todo, a família multigeracional, retira ganhos desta relação, pois vê preservada a sua história.

A memória revela-se um elemento fundamental no desenvolvimento e interacção humanas pois, sem memória, não haveria passado nem futuro, apenas presente. Segundo Fonseca (1997: 361), “foram sobretudo os trabalhos de Bartlett (1967) que nos revelaram a função reconstrutiva da memória e a sua participação imprescindível, quer no domínio de actividades psicológicas altamente abstractas como a «imaginação», quer na execução de atitudes pragmáticas como o «hábito»”. Estes elementos acoplados a outro nível sistémico – a família – traduzem-se da seguinte forma: a memória familiar será indispensável para a família perspectivar ou imaginar formas diferentes de funcionamento pois, sem o reconhecimento de um padrão (particularmente os disfuncionais), não é possível alterá-lo; as memórias familiares também assumem uma função quotidiana, regulando e moldando as actividades familiares.

As funções de preservação, conservação e transmissão da memória poderão ser uma das *pedras de toque* do edifício sistémico familiar multigeracional, conferindo à geração mais idosa um lugar de destaque, muitas vezes ignorado nos estudos da família. Esta posição encontra fundamento na maior importância atribuída à dimensão processual (sobre a dimensão material) pelos proponentes dos modelos cibernéticos que providencia uma nova imagem “científica” do *self* incorpóreo (Davis, 1999: 90), uma imagem que reconceptualiza como padrões de informação aquilo que usualmente definimos como identidade. Como referia Wiener (1954), a individualidade de um organismo parece residir sobretudo numa continuidade de processos e na memória do seu desenvolvimento passado. Nesta perspectiva, a continuidade do sistema familiar multigeracional parece residir na geração habitualmente percebida como dependente desse sistema e cujo peso actual na sociedade é resultado de mudanças recentes, em particular do aumento da longevidade.

Todas as funções parecem encontrar eco teórico nos desafios enfrentados pelos sistemas (Durand, 1979/1992: 26): a) “estabelecer uma boa coordenação dos comportamentos” (manutenção de laços e comunicação através do “*elo de ligação familiar*”); b) “encontrar respostas adequadas às perturbações provenientes do meio” (e às oriundas do interior, onde se inclui a função do “pronto socorro familiar”); c) “aprender novos comportamentos” (sendo a memória indispensável à aprendizagem, o “guardião das memórias familiares” é fundamental para a

evolução do sistema familiar alargado). De assinalar que estas três funções se fazem sentir essencialmente no vivido familiar alargado, embora possam ter o seu correlato no sistema familiar nuclear (p. ex. pode existir alguém que assuma o papel de preservar e compilar a história da família nuclear).

2.7.1. Implicações para a intervenção familiar

As implicações de um modelo teórico desenvolvido para a compreensão do sistema familiar multigeracional são múltiplas. Neste caso, centramo-nos nas implicações da sua análise estrutural e funcional no domínio da intervenção familiar. Por exemplo: o “guardião das memórias familiares”, quando identificado e chamado à sala de terapia familiar, poderá contribuir para a identificação de padrões familiares e para o desvendar das suas origens, elementos de manutenção e de transformação; o “elo de ligação familiar” e o “pronto-socorro familiar”, nas intervenções em rede, poderão potenciar os resultados terapêuticos, pois podem activar ligações entre subsistemas e mobilizar recursos para a resolução dos problemas.

É possível avançar um exemplo mais concreto, no campo do aconselhamento genético onde é amplamente reconhecida a importância da família na vida do cliente. Daly e colaboradores (1999) exploraram as relações familiares no aconselhamento de risco oncológico, utilizando o genograma. Nesse estudo, o genograma incidia na identificação de membros da família com doenças do foro oncológico e nos padrões relacionais e comunicacionais. Eram avaliadas as relações do cliente com tios e tias, avôs e avós, frequentemente negligenciadas por constrangimentos de tempo ou falta de contacto com a família extensa. Esta limitação poderia ser colmatada através da identificação e recurso ao “elo de ligação familiar”, pois estas pessoas procuram contactos sociais, abrindo vias de comunicação entre subsistemas, promovendo a união familiar inter e intrageracional.

A identificação do “guardião das memórias familiares” e a sua colaboração no processo poderá aumentar a precisão da informação familiar, ao dispor da equipa multidisciplinar de aconselhamento genético, e auxiliar no planeamento de estratégias de intervenção centradas na família. No estudo supracitado, verificou-se que, apesar de mais de 75% dos participantes terem concordado em partilhar a informação do aconselhamento genético com a família, uma percentagem significativa reportou ter dificuldades emocionais em fazê-lo. O genograma familiar alargado e a conseqüente ênfase colocada na dinâmica familiar multigeracional, assim como a identificação e inclusão de indivíduos que cumprem funções relevantes no seio deste sistema, de guarda das memórias, ligação entre subsistemas e apoio familiar na crise, poderá ser um passo nesse sentido.

2.8. CONCLUSÕES

Torna-se relevante elaborar alguns comentários acerca das implicações epistemológicas deste estudo sobre funções na família multigeracional, assim como do precedente centrado na sua análise estrutural (Vicente & Sousa, 2007). Ambos os estudos procuram facultar os mecanismos

para a construção de uma prototeoria do sistema familiar multigeracional fundada no paradigma ou metamodelo sistêmico. Segundo Baltes e Willis (1977), a avaliação de teorias ou modelos passa por três aspectos: lógica interna; relação entre afirmações teóricas e evidências empíricas; relação entre as três funções de uma teoria (geração, disseminação e utilização do conhecimento).

Relativamente à lógica interna, apenas a realização de estudos subsequentes permitirá avaliar a consistência e testabilidade dos conceitos. Em caso afirmativo, o alcance e espectro de aplicabilidade deste modelo é vasto e ultrapassa as possibilidades deste artigo. Desde a psicologia da família, passando pela terapia familiar, em particular os modelos estruturais e transgeracionais, até à psicologia do desenvolvimento familiar e individual, as possibilidades são numerosas.

Quanto à relação entre afirmações teóricas e evidências empíricas, a literatura sobre relações intergeracionais tem facultado suporte à proposta estrutural avançada. Além disso, a facilidade de resposta dos entrevistados às questões sobre funções na família multigeracional vai de encontro às contextualizações teóricas que guiaram a construção do questionário.

A relação entre as três funções de uma teoria merece uma reflexão mais aprofundada. Consideramos que os dados quantitativos, de caracterização dos elementos que exercem funções nas famílias multigeracionais, cumprem um papel secundário, sendo que o principal contributo da análise estrutural e funcional do sistema familiar multigeracional se revela no plano teórico e conceptual. Enquanto ferramenta de trabalho para o profissional, saber em que posição geracional se encontra, por exemplo, o “guardião das memórias familiares”, é um conhecimento de valor limitado, pois a experiência familiar é alvo de influências sociais e históricas. Em virtude da rapidez das mudanças sociais, será natural que os dados acerca dos elementos que assumem papéis na família multigeracional se alterem num futuro mais ou menos próximo. Um tópico imediato recai no impacto da disseminação generalizada de “novas” tecnologias na dinâmica familiar alargada. Por exemplo, os computadores e as máquinas fotográficas e câmaras digitais, com capacidades de memória cada vez maiores, poderão alterar a forma como são preservadas as memórias familiares. Estas questões enfatizam que a abrangência e aplicabilidade da identificação de funções familiares multigeracionais específicas deste nível sistêmico, num quadro de rápidas alterações sociais e familiares, resistirá melhor aos efeitos do tempo e às alterações supracitadas e terá maiores repercussões na geração, disseminação e utilização do conhecimento (Baltes & Willis, 1977), do que os dados quantitativos revelados pelo estudo.

Contudo, os dados quantitativos apresentam alguma utilidade. No caso deste estudo, a constatação do exercício de funções familiares multigeracionais fundamentais por parte das gerações idosas vem contrariar a visão contemporânea prevalecente dos idosos como meros consumidores de recursos e facultar-lhes uma posição de relevo no sistema familiar alargado.

A prototeoria apresentada é, então, que a família multigeracional consiste num sistema de direito próprio, situado entre a comunidade e a família nuclear, num esquema hierárquico sistêmico de complexidade variável, que possui características distintivas, e que implica o exercício de

determinadas funções por parte dos seus membros com vista à sua sobrevivência. Este sistema não existiria se não contribuísse para o bem-estar dos elementos que o compõem, dos mais novos aos mais velhos, pelo que, aparentemente, o exercício destas funções na família multigeracional contribui igualmente para o desenvolvimento dos indivíduos.

2.9. BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Baltes, B. P. & Willis, S. L. (1977). Towards psychological theories of aging and development. In J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.). *Handbook of the psychology of aging*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Benoit, J., Malarewicz, J., Beaujean, J., Colas, Y., & Kannas, S. (Eds.) (1988). *Dictionnaire clinique des thérapies familiales systémiques*. Paris: ESF.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M. (1984). *Invisible loyalties*. Levittown, PA: Brunner/Mazel. (Obra original publicada em 1973).
- Bowen, M. (1984). *La différenciation du soi, les triangles et les systèmes émotifs familiaux*. Paris: ESF. (Obra original publicada em 1978).
- Buchanan, M. (2002). *Small world: Uncovering nature's hidden networks*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (2005). *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives*. New York: Allyn & Bacon.
- Corigliano, A. (1999). A dimensão transgeracional entre o mito e o segredo. In B. Prieur (Coord.) *As heranças familiares* (pp. 75-86). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1996).
- Daly, M., Farmer, J., Harrop-Stein, C., Montgomery, S., Itzen, M., Costalas, J. W., Rogatko, A., Miller, S., Balshem, A., & Gillespie, D. (1999). Exploring family relationships in cancer risk counseling using the genogram. *Cancer Epidemiology, Biomarkers & Prevention*, 8, 393-398.
- Davis, E. (1999). *Techgnosis: Myth, magic + mysticism in the age of information*. London: Serpent's Tail.
- Durand, D. (1992). *A sistémica*. Lisboa: Dinalivro. (Obra original publicada em 1979).
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade* (2 ed.). (G. Amado, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1950).
- Ferreira, A. (1981). Les mythes familiaux. In Y. Winkin (Ed.) *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil.
- Figueiredo, D. (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fine, M. & Norris, J. E. (1989). Intergenerational relations and family therapy research: What we can learn from other disciplines. *Family Process*, 28 (3), 301-315.
- Fonseca, A. F. (1997). *Psiquiatria e psicopatologia (I Volume)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonzaga, A. & Cruz, O. (2000). A percepção dos avós acerca das suas relações inter-geracionais. *Infância e Educação: investigação e práticas*, 1, 97-118.
- Goodman, C. C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22 (5), 557-578.

- Goody, J., Thirsk, J., & Thompson, E. P. (Eds.). (1976). *Family and inheritance: Rural society in western Europe 1200-1800*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78 (6), 1360-1380.
- Granovetter, M. (1983). The strength of weak ties: A network theory revised. *Sociological Theory*, 1, 201-233.
- Hader, M. (1965). The importance of grandparents in family life. *Family Process*, 4, 228-240.
- Huberman, A. M. & Miles, M. B. (1991). *Analyse des données qualitatives : Recueil de nouvelles méthodes*. Bruxelles: De Boeck-Wesmael.
- King, D. A. & Wynne, L. C. (2004). The emergence of "family integrity" in later life. *Family Process*, 43 (1), 7-21.
- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: An overview of meaning and mental health. *The Gerontologist*, 22, 59-66.
- Kornhaber, A. & Woodward, K. (1981). *Grandparents/grandchildren, the vital connection*. New York: Anchor Press/Doubleday.
- Le Moigne, J. L. (1978). *La théorie du système general*. Paris: PUF.
- Loomis, L. S. & Booth, A. (1995). Multigenerational caregiving and well-being: The myth of the beleaguered sandwich generation. *Journal of Family Issues*, 16 (2), 131-148.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (1987). *Genogramas en la evaluación familiar*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Meisser, W. W. (1964). Thinking about the family-psychiatric aspects. *Family Process*, 3, 1-40.
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30 (4), 453-466.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Neugarten, B. & Weinstein, K. (1968). The changing American grandparent. In B. Neugarten (Ed.) *Middle age and aging*. London: University of Chicago Press.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H. L., Larsen, A. S., Muxen, M. J., & Wilson, M. A. (1989). *Families: What makes them work*. London: Sage.
- Patrão, M. & Sousa, L. (2008). Transmissão da herança material: Uma tarefa normativa das famílias envelhecidas. *Psychologica* (submetido).
- Perrig-Chiello, P. & Sturzenegger, M. (2001). Social relations and filial maturity in middle-aged adults: contextual conditions and psychological determinants. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 34, 21-27.
- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren: Implications for intervention and research. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 149-173.

- Price, L. L., Arnould, E. J., & Curasi, C. F. (2000). Older consumers' disposition of special possessions. *Journal of Consumer Research*, 27, 179-201.
- Prieur, P. (Coord.) (1999). *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1996).
- Rossi, A. & Rossi, P. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sluzki, C. E. (2002). *La red social: Frontera de la practica sistematica* (3 ed.). Barcelona: Gedisa Editorial. (Obra original publicada em 1996).
- Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103, 429-460.
- Sousa, L. (1998). *Crianças (con)fundidas entre a escola e a família: Uma perspectiva sistémica para alunos com necessidades educativas especiais*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família*. Porto: Âmbar.
- Spark, G. M. & Brody, E. M. (1970). The aged are family members. *Family Process*, 9, 195-210.
- Spira, M. & Wall, J. (2006). Issues in multigenerational families: Adolescents' perceptions of grandparents declining health. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 23 (4), 390-406.
- Stierlin, H. (1978). *Delegation und familie*. Franckfurt: Suhrkamp.
- Tschuggnall, K. & Welzer, H. (2002). Rewriting memories: Family recollections of the national socialist past in Germany. *Culture & Psychology*, 8 (1), 130-145.
- Vaillant, G. E. (2002). *Aging well: Surprising guideposts to a happier life from the landmark Harvard Study of Adult Development*. Boston: Little, Brown and Company.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Família multigeracional: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psicologica*, 46, 143-166.
- Wiener, N. (1954). *The human use of human beings*. New York: Doubleday Anchor Books.

CAPÍTULO III

“RELAÇÕES INTERGERACIONAIS, INTRAGERACIONAIS E REDES SOCIAIS PESSOAIS: A MATRIZ RELACIONAL DA FAMÍLIA MULTIGERACIONAL”⁷

Henrique Testa Vicente* e Liliana Sousa**

* Doutorando em Ciências da Saúde

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro

henrique.vicente@cs.ua.pt

** Professora Auxiliar com Agregação

Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro

lilianax@cs.ua.pt

RESUMO

As relações familiares intergeracionais ganham relevo à medida que as famílias multigeracionais (coexistência de três ou mais gerações) se tornam mais comuns. Neste estudo, analisam-se as redes sociais pessoais de indivíduos pertencentes a famílias com elementos em quatro gerações, procurando-se desenvolver uma compreensão da matriz relacional que sustenta o sistema familiar multigeracional. Os dados foram recolhidos através do IARSP-R (Instrumento de Análise da Rede Social Pessoas – Revisto; Alarcão & Sousa, 2007, baseado em Sluzki, 1996), administrado a 92 indivíduos, pertencentes a 23 famílias multigeracionais (foi entrevistado 1 membro de cada geração). Os principais resultados indicam que: existem diferenças significativas nas características estruturais/morfológicas da rede consoante as gerações; os conteúdos funcionais/suporte da rede mantêm-se inalterados a partir da idade adulta; as características estruturais e funcionais do quadrante familiar revelam a importância da contiguidade geracional; o contexto familiar multigeracional permanece relevante para o desenvolvimento individual mesmo face às pressões sociais da modernidade. Este estudo constitui um contributo para aprofundar o conhecimento das famílias multigeracionais e envelhecidas, do ciclo vital individual e familiar, complementando outros estudos sobre aspectos estruturais (Vicente & Sousa, 2007) e funcionais (Vicente & Sousa, 2009) do sistema familiar, com a dimensão processual das redes sociais dos seus membros.

⁷ Submetido a publicação em revista científica da especialidade

PALAVRAS-CHAVE: Família multigeracional, relações intergeracionais e intrageracionais, rede social pessoal

3.1. INTRODUÇÃO

Um conjunto de alterações sócio-demográficas, nomeadamente o aumento da esperança média de vida ou, como Kohli (1985) assinala, a diminuição da variância na idade da morte, associado à diminuição das taxas de natalidade, provocou mudanças significativas na estrutura familiar, traduzidas no aumento das relações intergeracionais e diminuição das intrageracionais. Portugal segue esta tendência mundial: entre 1960 e 2001 o envelhecimento demográfico traduziu-se num decréscimo de cerca de 36% na população jovem e um incremento de 140% da população idosa (INE, 2002). A estrutura etária da sociedade passa de uma forma piramidal para uma rectangular, com números similares nos diversos grupos etários (Bengtson, Lowenstein, Putney, & Gans, 2003). Estes padrões demográficos fariam prever que a vivência em famílias multigeracionais com quatro gerações (ou mais) fosse uma realidade contemporânea comum. Contudo, Rossi e Rossi (1990) assinalam que esta conclusão é precipitada e deriva apenas da interpretação do significado do aumento da longevidade. Referem que viver numa família com quatro ou cinco gerações é um fenómeno social raro, pois essas famílias tendem a ser entidades sociais fugazes, sendo que os elementos mais idosos (bisavós) tendem a falecer quando os mais novos (bisnetos) se encontram nos primeiros anos de vida. Apesar disso, continua a ser relevante aprofundar o conhecimento do sistema familiar multigeracional, das relações intergeracionais, intrageracionais e com o meio social envolvente, porque: i) particularmente no contexto português, as redes de suporte tendem a equivaler a redes de parentesco (Vasconcelos, 2005); apesar de fugaz, este sistema social revela alguma ubiquidade na contemporaneidade, com uma proporção significativa de indivíduos a exercerem o papel de bisavós e bisnetos, mesmo que por curtos períodos de tempo. Este estudo constitui, assim, um contributo para a sociologia e psicologia da família, ao focar uma realidade social relativamente difícil de captar e que, por isso, tem sido alvo de poucos trabalhos de investigação.

3.2. TENDÊNCIAS DA INVESTIGAÇÃO EM FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS

Em geral, os principais contributos para a compreensão da família multigeracional derivam da investigação no domínio das relações entre as gerações. Importa contudo salientar que os estudos intergeracionais não se limitam à esfera familiar e que as relações intergeracionais na sociedade, entre indivíduos mais novos e mais idosos sem laços familiares, também têm sido estudados (e.g. Calouste Gulbenkian Foundation, 2008).

Os estudos das relações intergeracionais familiares, tendencialmente centrados na idade avançada, têm sido baseados na integração de conhecimentos da sociologia da família e da gerontologia (Lowenstein, 1999). Na psicologia, com uma participação mais modesta, pelo menos em número de publicações, os principais contributos emergem das teorias do ciclo vital da família, em particular do modelo de Carter e McGoldrick (2005), cujas tarefas dos diversos estádios do desenvolvimento familiar envolvem a interacção dinâmica de diferentes gerações. As teorias do desenvolvimento psicológico co-extensivas à duração da vida (destaca-se a teoria clássica de

Erikson, 1976) também facultam pistas para a vivência dos indivíduos em famílias multigeracionais, nomeadamente através da extrapolação da relação entre tarefas desenvolvimentais e exercício de papéis sociais no contexto familiar (Vicente & Sousa, 2009).

A investigação sobre relações intergeracionais tem-se centrado em três tópicos: a) transmissão intergeracional (de atitudes, orientações e/ou comportamentos); b) percepção intergeracional (in/congruência perceptiva entre gerações e diferenças associadas a mudanças no ciclo vital); c) solidariedade intergeracional (características dos vínculos entre indivíduos de gerações diferentes), focando efectivamente o sistema familiar multigeracional, mas de forma tangencial, pois centra-se em díades (tais como avós e netos, pais idosos e filhos adultos ou bisavós e bisnetos) e não no sistema como um todo (Fine & Norris, 1989).

Acresce que parte considerável dos estudos no domínio das famílias multigeracionais utiliza um único respondente para facultar informação acerca das relações familiares, o que tem sido alvo de várias críticas. Alguns autores consideram necessário recolher informação através de múltiplos sujeitos ou usar técnicas que avaliem a família como um todo, para captar o máximo de variáveis familiares (Mangen, 1995). Blieszner e Bedford (1995) consideram que o avanço da investigação no campo da gerontologia da família requer a extensão da unidade focal de análise do indivíduo para os sistemas familiares.

Apesar da literatura sobre relações intergeracionais tender a ser ateórica (Aldous, 1995; Luescher & Pillemer, 1998), alguns modelos heurísticos têm sido sugeridos. Por exemplo, Silverstein e Bengtson (1997) propõem codificar a solidariedade entre gerações em seis dimensões (estrutural, associativa, emocional, consensual, funcional e normativa), o que lhes permitiu identificar classes latentes de relações intergeracionais, atestar a multiplicidade de possibilidades relacionais na família e a inexistência de um tipo modal de relações intergeracionais. Esta proposta suscitou o debate e a emergência de novas formulações nesta área. Neste sentido, Luescher e Pillemer (1998) advertem que as abordagens centradas na solidariedade intergeracional se têm revelado insuficientes para apreender os aspectos positivos, negativos, contradições e tensões da vida e relações familiares. Para colmatar esta limitação, os autores avançam com o conceito de "ambivalência intergeracional", que designa as contradições irreconciliáveis subjacentes às relações entre pais idosos e filhos adultos, que podem surgir, por exemplo, perante expectativas concorrentes entre actores sociais.

Em suma, a literatura reforça a necessidade de divisar metodologias de investigação que contemplem um largo espectro de variáveis, para abarcar a variedade, complexidade e multidimensionalidade das relações intergeracionais. Contudo, alguns imperativos de ordem pragmática podem limitar essa intenção, nomeadamente alcançar um nível de complexidade aceitável e viável na sua aplicação prática. Os modernos instrumentos de avaliação das redes sociais, pela brevidade de aplicação e multiplicidade de variáveis que permitem avaliar, têm-se revelado importantes adições às ferramentas de investigação social, permitindo responder às necessidades identificadas.

3.3. RELAÇÕES FAMILIARES INTERGERACIONAIS E REDES SOCIAIS

Para além das questões metodológicas da investigação sobre relações intergeracionais, também o enfoque das pesquisas tem condicionado o conhecimento de que dispomos sobre a família multigeracional. Desde os primórdios das ciências sociais que a relação entre pais e filhos tem sido alvo de diversos estudos e formulações teóricas, mas as relações intergeracionais que implicam a ligação de dois subsistemas geracionais não contíguos apenas começou a granjear importância na segunda metade do século XX. Tal ocorreu paralelamente ao reconhecimento do envelhecimento populacional como tendência demográfica dominante e à emergência e refutação da hipótese de desmembramento das redes de parentela extensa, exteriores à família nuclear (Sussman, 1951).

A relação entre avós e netos é a relação intergeracional não contígua com maior relevo na literatura, existindo diversos estudos sobre o papel dos avós na família e a sua importância para as diversas gerações do sistema familiar (e.g. Botcheva & Feldman, 2002; Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003). Outras investigações alargaram o espectro intergeracional, centrando-se na relação entre bisavós e bisnetos (e.g. Reese & Murray; Johnson & Barer, 1997), mas as limitações na compreensão do sistema familiar multigeracional permanecem, pois estes estudos ainda não contemplam todas as possibilidades relacionais contidas numa família multigeracional (como, por exemplo, as relações com tios, sobrinhos, sogros, genros, tios-avós, primos e cunhados). Ou seja, fica por conhecer como os subsistemas geracionais interagem entre si, daí que o estudo das redes sociais permita alargar o espectro de análise do contexto relacional dos membros destas famílias.

Existe evidência empírica acerca da importância de uma rede social suportiva ao longo da vida do indivíduo (Sluzki, 1996), que remonta ao clássico estudo de Durkheim (1951) sobre o suicídio datado de 1897. O conceito de rede social foi sendo desenvolvido por diversos autores (Sluzki, 1996), sendo possível actualmente caracterizá-la como uma estrutura de complexidade variável constituída por nódulos, geralmente pessoas, e laços, usualmente as relações entre essas pessoas. Para além da multiplicidade de conceptualizações, também os métodos de avaliação das redes sociais variam, sendo que as centradas no *ego* (ou seja, num indivíduo ou respondente), também denominadas redes sociais pessoais, se têm revelado mais operacionais (Litwin, 1996).

A aplicação de metodologias centradas nas redes sociais tem contribuído para o conhecimento da família multigeracional e das relações entre gerações. Vários estudos se têm debruçado sobre as redes sociais pessoais de alguns elementos, usualmente os mais idosos e/ou os seus cuidadores. Estudos sobre redes sociais na velhice tendem a caracterizar os elementos que fazem parte da rede e a descrever os apoios ou funções assumidas pela rede social. Neste âmbito, vários tópicos têm sido abordados (Sousa, 2009): tipo de rede e risco de mortalidade nas fases avançadas da vida, presença do cônjuge e frequência de interacção com outras pessoas, tipologias de redes sociais e saúde mental, declínio cognitivo, depressão e isolamento, diferenças na rede consoante o género, idade e estatuto socioeconómico.

Estes estudos apresentam diversas vantagens: a) caracterizar laços que unem as pessoas nas suas dimensões estruturais (organização dos vínculos) e funcionais (trocas de apoio); b) avaliar como o indivíduo interage com a família e outros sistemas sociais; c) definir tipologias de rede que facilitam a compreensão das necessidades das populações. Como exemplo, refira-se o estudo de Litwin (1995), no qual propõe uma tipologia de redes sociais na velhice composta por quatro tipos: 1) “rede de parentela” (distribuição dos elementos com ênfase na família extensa); 2) “rede familiar intensiva” (composição da rede com ênfase no cônjuge e filhos); 3) “rede focada nos amigos” (redes sociais centradas nas relações de amizade); 4) “rede de laços difusos” (distribuição equitativa dos vários quadrantes da rede: amigos, cônjuge e filhos, família extensa, outros). Este estudo constituiu um avanço na compreensão sistêmica do meio social dos sujeitos, pois permitiu agrupar um conjunto de redes sociais em tipos específicos com características estruturais e funcionais idiossincráticas.

Através da utilização de uma metodologia de análise das redes sociais, que permite análises para além das relações diádicas, e utilizando múltiplos respondentes por família de gerações distintas, almeja-se neste estudo uma visão mais integradora da interacção entre subsistemas geracionais, que poderá facultar *um outro olhar* sobre as dinâmicas internas ao sistema familiar multigeracional e deste com outros sistemas sociais.

3.4. OBJECTIVOS

Este estudo exploratório procura contribuir para uma melhor compreensão da vivência familiar multigeracional através da análise das redes sociais pessoais de elementos pertencentes a quatro gerações num sistema familiar. Pretende-se caracterizar estrutural e funcionalmente as redes sociais pessoais, discriminando diferenças e semelhanças entre gerações e a influência de cada subsistema geracional nos restantes. Os objectivos específicos são: a) analisar as diferenças estruturais e funcionais nas redes sociais pessoais consoante a geração de pertença do sujeito focal; b) analisar a composição das redes sociais pessoais, considerando as relações intra e intergeracionais e as relações extrafamiliares; c) descrever os apoios disponíveis para cada geração; d) analisar as diferenças de apoio recebido por cada geração.

Dadas as características da amostra (sujeitos distribuídos por diversas faixas etárias e etapas do desenvolvimento psicossocial), este estudo contribui para o conhecimento de: a) evolução da rede social pessoal ao longo do ciclo vital; b) ligação entre desenvolvimento individual e familiar; c) relações entre gerações separadas por dois subsistemas geracionais como, por exemplo, as relações entre bisavô e bisneto.

3.5. METODOLOGIA

No plano metodológico, este estudo tem três influências principais: 1) em termos teóricos e conceptuais, é devedor das formulações de Sluzki (1996), fundadas no paradigma sistémico, sobre o que designou de “rede social pessoal”, como soma das relações que um indivíduo percebe como significativas ou diferenciadas da massa anónima da sociedade, e nicho

interpessoal intimamente associado à identidade e imagem que a pessoa tem de si; 2) o instrumento aplicado resultou da adaptação que Alarcão e Sousa (2007) realizaram das conceptualizações teóricas de Sluzki e de uma reflexão exaustiva elaborada a partir de um conjunto de investigações realizadas com versões anteriores do instrumento; 3) a análise dos dados seguiu a metodologia e as técnicas estatísticas aplicadas por Litwin (1995) no estudo sobre redes sociais de imigrantes judeus soviéticos idosos em Israel.

3.5.1. Procedimentos e instrumento

Devido à inexistência de informação sobre que famílias portuguesas possuem quatro gerações, optou-se por um processo de amostragem “bola de neve”: após a identificação de uma família que cumpria os critérios de elegibilidade (existência e disponibilidade de elementos de quatro gerações distintas), o investigador perguntava aos sujeitos se conheciam outras famílias com as mesmas características; em caso de resposta afirmativa, os respondentes apresentavam o investigador a outra família e assim sucessivamente. O primeiro contacto com a nova família ocorria com um elemento das gerações intermédias (G2 ou G3) que constituía o primeiro momento de avaliação familiar, durante o qual era realizada uma entrevista de genograma, cujo propósito era: 1) identificar os restantes elementos, pertencentes a gerações distintas, passíveis de serem entrevistados; 2) estudar a organização estrutural e em subsistemas da família multigeracional (Vicente & Sousa, 2007); 3) estudar papéis sociais desempenhados no seio da família multigeracional (Vicente & Sousa, 2009). O segundo momento da avaliação familiar (apresentado neste estudo) consistiu na aplicação do instrumento de análise da rede social pessoal a elementos de diferentes gerações da mesma família. Assim, em cada família eram realizadas 5 entrevistas: 1 entrevista de genograma e 4 entrevistas de análise da rede social pessoal. Todos os participantes assinaram o consentimento informado, após lhes serem explicados os objectivos e metodologia do estudo e assegurada a confidencialidade e anonimato das respostas.

O instrumento utilizado foi o IARSP-R (Alarcão & Sousa, 2007), adaptado aos objectivos e à população deste estudo, através da realização de um pré-teste com três famílias multigeracionais. As modificações foram: redução das opções de resposta nas escalas de Likert, referentes às questões sobre apoio social, de 5 para 3 pontos (os mais novos e mais idosos revelaram dificuldade com as escalas de 5 pontos; mesmo com as restantes gerações, este elemento tornava a aplicação do questionário mais morosa, traduzindo-se no cansaço de entrevistador e entrevistado); para os elementos do quadrante familiar elencados pelo entrevistado, era acrescentado o laço familiar que os unia e a geração de pertença (para agrupar os elementos mencionados pelo sujeito em subsistemas geracionais); introdução de questões sobre a duração da relação (medida aproximada da estabilidade da rede), intimidade e conflito percebidos. A tabela 3.1. discrimina a entrevista, que começava com o seguinte pedido:

“Indique o nome das pessoas ou instituições/técnicos com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses, que sejam significativos na sua vida (podendo a sua

relação com essa pessoa assumir uma carga positiva ou negativa/conflictual), distribuindo-as segundo a ligação que mantém com cada uma, nas seguintes categorias: família, amigos, vizinhos, relações de trabalho ou estudo, técnicos ou instituições. No caso da família, especifique o parentesco e a geração a que pertencem. Se uma pessoa se enquadrar em duas ou mais categorias, coloque-a somente numa.”

Tabela 3.1. Descrição do instrumento e variáveis mensuradas

Questão	Variável	Definição
Dimensão 1. Estrutural, relacional e contextual – Características morfológicas da rede		
“Indique o nome das pessoas com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses que sejam significativos na sua vida.”	Tamanho	Número total de membros da rede
“Identifique o quadrante a que pertence cada pessoa (família, amigos, vizinhos, colegas de escola/trabalho, técnicos/instituições e, no caso da família, especifique o parentesco e a geração a que pertencem).”	Composição	Proporção de membros da rede social que são colocados em cada sector
	Heterogeneidade	Número de quadrantes com elementos
“Quem conhece quem na rede social?”	Densidade	Conexões entre os membros que compõem a rede social
“Refira a distância aproximada existente entre o local onde reside cada uma das pessoas que identificou e a sua residência.” (1 – na mesma casa; 2- no mesmo bairro ou rua; 3 – na mesma terra ou cidade; 4 – até 50 km de distância; 5 – a mais de 50 km de distância)	Dispersão	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira o apoio que dá a cada uma das pessoas identificadas.” (1 – nenhum; 2 – algum; 3 – muito)	Reciprocidade	Comportamentos de reciprocidade do inquirido em relação aos membros da rede
“Refira com que frequência contacta ou é contactado pessoalmente, por telefone, por carta, ou através da Internet por cada uma das pessoas que referiu.” (1 – diariamente; 2 – algumas vezes por semana; 3 – semanalmente; 4 – uma ou mais vezes por mês; 5 – algumas vezes por ano)	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede
“Há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento identificado.”	Durabilidade (Estabilidade)	Duração total do relacionamento (em anos)
“Qual o grau de intimidade que mantém com cada pessoa?” (Escala de Likert de 5 pontos: 1 - “nada íntima” a 5 - “muitíssimo íntima”)	Intimidade	Grau de intimidade percebido
“Assinale a frequência com que costuma discutir ou aborrecer-se com cada membro da sua rede” (Escala de Likert de 5 pontos: 1 – “nunca” a 5 - “sempre”)	Conflito	Frequência de conflito percebida
Dimensão 2. Funcional – Conteúdos disponíveis e providenciados pela rede		
“Assinale, das 8 funções consideradas, aquela(s) que habitualmente cada pessoa assume perante si” (1 – apoio emocional, 2 – apoio financeiro, 3 – apoio	Apoio global	Média do apoio recebido em todos os quadrantes

instrumental, 4 – apoio técnico ou de serviços, 5 – guia cognitivo e aconselhamento, 6 – acesso a novos contactos, 7 – companhia social, 8 – regulação social) (Pontuação: 1 – nenhum; 2 – algum; 3 – muito)	Conteúdo relacional	Conteúdos ou funções desempenhados por cada quadrante ou geração
---	---------------------	--

3.5.2. Caracterização da amostra

A amostra original do estudo compreendia 25 famílias com elementos de quatro gerações. Contudo, devido a morte experimental, a amostra ficou reduzida a 23 famílias, perfazendo um total de 92 entrevistas de análise da rede social pessoal, subdividas em igual número pelas quatro gerações de cada família. Temos assim 23 entrevistas realizadas por subsistema geracional, sendo que G1 designa o subsistema mais idoso e G4 o mais novo.

Os participantes de G1 têm uma média etária de 84.74 anos ($SD=5.41$), num espectro que vai dos 75 aos 94 anos de idade; 13.04% são homens. Na composição do agregado familiar, verifica-se que 47.8% reside sozinho, 34.8% reside com os filhos, e 17.4% com o cônjuge. Em média, o número de elementos no agregado familiar é de 2.09 ($SD=1.41$), variando entre 1 pessoa (o respondente vive sozinho) e 6 pessoas. Quanto à escolaridade, têm em média 4.7 anos de escolaridade (escolaridade primária) ($SD=3.80$) e todos estão aposentados ou reformados.

A subamostra G2 apresenta uma média etária de 58.65 anos ($SD=5.60$), variando entre 47 anos e 68 anos; 17.39% são homens. Quanto à composição do agregado familiar: 65.22% reside com o cônjuge; 21.74% com o cônjuge, pais idosos e/ou filhos; 8.7% com o cônjuge e filhos; e 4.5% vive sozinho. A média de elementos no agregado familiar é 2.39 ($SD=0.78$), variando entre 1 e 4 pessoas. 56.52% exerce uma actividade remunerada, 26.09% está reformado e 17.39% são domésticas.

G3 apresenta uma média de idades de 35.43 anos ($SD=5.56$), variando entre 24 anos e 45 anos; 17.39% são homens (igual a G2). Quanto à composição do agregado familiar, 82.61% reside com o cônjuge e filhos, 8.7% vivem sozinhos e 8.7% habitam sozinhos com filhos; 3.57 é o número médio de elementos no agregado familiar ($SD=1.16$), variando entre 1 e 5 pessoas. 95.65% apresenta uma actividade remunerada e 4.35% é estudante.

G4 apresenta uma média etária de 9.7 anos ($SD=3.77$), tendo o respondente mais novo 5 anos e o mais velho 18 anos. G4 apresenta uma distribuição mais equitativa entre os sexos, sendo 56.52% do sexo masculino. Relativamente à composição do agregado familiar, todos residem com pelo menos um dos progenitores; em média o número de elementos do agregado é de 3.70 ($SD=0.93$, min=2, max=5). Todos são estudantes.

A principal implicação para o estudo decorrente das características da amostra é a impossibilidade de efectuar comparações tomando como variável independente o género, pois G1, G2 e G3 apresentam um número muito reduzido de sujeitos do sexo masculino.

3.6. ANÁLISE DA REDE SOCIAL

3.6.1. Características estruturais

As características estruturais avaliadas são (cf. Tabela 3.1.): tamanho da rede, heterogeneidade, durabilidade dos laços, frequência de contactos e dispersão, densidade, conflito, intimidade e reciprocidade. As médias de cada variável foram calculadas para cada subsistema geracional e submetidas a análise de variância para verificar a existência de diferenças significativas entre grupos (Tabela 3.2.).

Existem diferenças estatisticamente significativas em quase todas as variáveis e apenas a intimidade não difere significativamente entre os vários subsistemas geracionais. Em relação aos valores mínimos e máximos, o subsistema G1 apresenta as redes de menor tamanho e maior durabilidade, com menores níveis de heterogeneidade, frequência de contactos e conflito percebido. G4 revela os menores índices de dispersão e de densidade, assim como a maior frequência de contactos de todas as gerações.

Tabela 3.2. Variáveis estruturais da rede social segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)

Variáveis Estruturais	SUBSISTEMAS GERACIONAIS								F
	G1		G2		G3		G4		
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Tamanho	11,96	6,62	19,83	8,01	17,91	7,38	13,52	6,62	6,04***
Heterogeneidade	2,13	0,76	3,13	0,92	3,35	0,88	2,91	0,79	9,15***
Durabilidade (Estabilidade)	45,37	9,52	28,70	5,42	15,55	4,10	6,11	2,35	187,45***
Frequência de Contactos	2,48	0,63	2,17	0,39	2,14	0,51	1,72	2,78	9,01***
Dispersão	3,05	0,67	3,36	0,39	3,17	0,42	2,78	0,41	5,82***
Densidade	0,92	0,14	0,76	0,19	0,71	0,15	0,66	0,18	10,28***
Conflito	1,38	0,60	1,67	0,47	1,88	0,35	1,77	0,47	4,59**
Intimidade	3,69	0,63	3,50	0,57	3,49	0,36	3,84	0,69	1,61
Reciprocidade	2,02	0,52	2,35	0,32	2,18	0,20	2,20	0,40	2,83*

* $p \leq 0,05$

** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

Os subsistemas G2 e G3 apresentam as redes mais populosas, seguindo-se G4 e, por último, G1. Quanto à heterogeneidade, os três subsistemas mais jovens referem, em média, pessoas em três quadrantes, enquanto G1 refere pessoas em dois quadrantes. A frequência de contactos nas quatro gerações aproxima-se da opção de múltiplos contactos por semana, embora G1 tenda para um contacto por semana e G4 para o contacto diário. As redes mais dispersas geograficamente pertencem a G2, seguindo-se G3, G1 e G4, mas todas parecem ter como fronteira a localidade de residência. A densidade da rede aumenta na progressão da geração mais nova para a mais idosa. Os níveis de conflito são na globalidade baixos e a intimidade e reciprocidade apresentam valores

medianos, pelo que os sujeitos tendem a classificar as relações com elementos da rede entre o “mais ou menos íntimas” ou “muito íntimas”, e dotadas de alguma reciprocidade. Em resumo, os extremos geracionais parecem condensar as maiores disparidades estruturais, revelando-se maior “equilíbrio” nas gerações intermédias.

Para analisar as diferenças estruturais entre as redes sociais das várias gerações, foi aplicado o teste de comparações múltiplas de Scheffé, que examina a significância das diferenças intergrupais a um nível de $p < .05$ (Tabela 3.3.).

As redes sociais de G1 são significativamente mais homogêneas e densas, por comparação aos restantes subsistemas geracionais. Apenas os elementos de G4 apresentam maior frequência de contactos do que os elementos das outras gerações (que não diferem significativamente entre si). Em termos de dispersão, as diferenças significativas encontram-se entre o subsistema G4, com menor distância geográfica, e o subsistema G2, com maior distância geográfica. Outras diferenças estatisticamente significativas incluem: percepção de maior frequência de conflito em G3 por comparação a G1; diferenças na reciprocidade da rede entre G1 (menos recíproca) e G2 (mais recíproca); e a diminuição progressiva da durabilidade dos laços de G1 até G4. As diferenças ao nível da estrutura da rede parecem revelar-se maiores quando são comparadas as gerações limítrofes (G1 e G4) com as intermédias (G2 e G3). A única característica estrutural que parece distinguir as redes de G2 das redes de G3 é a durabilidade dos laços que, expectavelmente, perduram há mais tempo em G2.

Tabela 3.3. Diferenças estruturais entre os subsistemas geracionais (Teste de comparações múltiplas de Scheffé)

<i>Subsistemas Geracionais</i>	G2	G3	G4
G1	Tamanho Heterogeneidade Durabilidade (Estabilidade) Densidade Reciprocidade	Tamanho Heterogeneidade Durabilidade (Estabilidade) Densidade Conflito	Heterogeneidade Durabilidade (Estabilidade) Frequência de Contactos Densidade
G2	---	Durabilidade (Estabilidade)	Tamanho Durabilidade (Estabilidade) Frequência de Contactos Dispersão
G3	---	---	Durabilidade (Estabilidade) Frequência de Contactos

Também se analisou a composição da rede, que destacamos por esta característica ter sido descrita como uma variável que permite diferenciar tipos de rede, constituindo um ponto-chave na tipologia de redes divisada por Litwin (1995). Neste estudo, será útil, na diferenciação das redes dos inquiridos segundo o subsistema geracional, verificar se os vários quadrantes (família, amigos,

vizinhos, relações de estudo/trabalho, técnicos e instituições) apresentam pesos diferentes, consoante a geração de pertença dos sujeitos focais.

Em todas as gerações, as redes sociais dos inquiridos apresentam sempre como quadrante mais populoso a família. Contudo, o peso relativo atinge o mínimo em G4 e procede ganhando em preponderância ao longo das gerações. O quadrante das relações de amizade apresenta uma tendência inversa. As relações de trabalho e/ou estudo, revelam uma diminuição moderada de G3 para G2, e uma diminuição vincada na passagem de G2 para G1, momento associado à reforma ou aposentação. Esta diminuição é concomitante à diminuição do peso dos amigos em G1. Os quadrantes dos vizinhos e dos técnicos/instituições apresentam valores diminutos, quando comparados com os restantes quadrantes. Pode identificar-se um ligeiro aumento em G2 e G1, que pode ser explicado por: 1) efeitos do tempo social (os mais novos nasceram numa sociedade que valoriza a mobilidade da força de trabalho e em que ambos os elementos do casal podem ter uma vida profissional distante da morada da família); 2) efeitos do tempo familiar (as gerações mais novas saíram recentemente de casa dos pais para formar novas famílias, por vezes distantes geograficamente, cortando relações com os vizinhos de infância, adolescência e juventude, e ainda não tiveram tempo para formar vínculos com novos vizinhos); 3) efeitos do tempo individual (as gerações mais novas estão preocupadas em ganhar estatuto e autonomia profissional, focando os esforços numa esfera social distante do local onde vivem).

Tabela 3.4. Composição da rede social segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)

	SUBSISTEMAS GERACIONAIS								F
	G1		G2		G3		G4		
<i>Peso dos quadrantes na rede social pessoal</i>	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Família	0,78	0,18	0,60	0,19	0,53	0,17	0,47	0,14	14,25**
Amigos	0,14	0,17	0,21	0,14	0,25	0,14	0,31	0,22	4,22*
Vizinhos	0,04	0,07	0,04	0,10	0,02	0,05	0,03	0,06	0,44
Relações de trabalho/estudo	0,00	0,00	0,11	0,13	0,16	0,10	0,14	0,16	8,67**
Técnicos/instituições	0,03	0,07	0,02	0,04	0,04	0,06	0,04	0,07	0,28
<i>Peso dos subsistemas geracionais no quadrante familiar</i>									
G1	0,10	0,12	0,11	0,08	0,07	0,08	0,02	0,04	5,64**
G2	0,62	0,26	0,32	0,12	0,33	0,12	0,32	0,16	16,75**
G3	0,24	0,21	0,39	0,12	0,32	0,14	0,44	0,22	5,47*
G4	0,04	0,07	0,18	0,12	0,27	0,13	0,22	0,22	10,85**

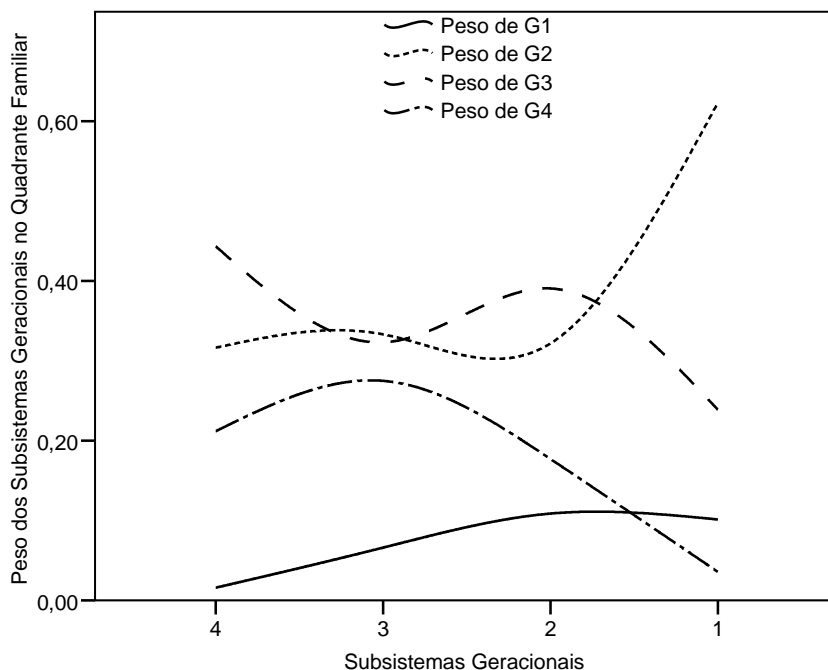
* $p \leq 0,01$

** $p \leq 0,001$

Uma das singularidades deste estudo consiste em discriminar o subsistema geracional a que pertencem os elementos da rede dos inquiridos, permitindo descortinar tendências evolutivas no quadrante familiar, ou seja, avaliar o peso dos diferentes quadrantes geracionais consoante a geração de pertença do sujeito focal. A figura 3.1. elucida essas variações, revelando que, apesar

da família permanecer um pilar das redes sociais em todas as gerações, a sua composição sofre mudanças quanto à pertença geracional dos sujeitos que dela fazem parte, consoante a posição geracional do respondente (Tabela 3.4.).

Figura 3.1. Peso relativo das várias gerações no quadrante familiar



Para a geração mais nova, o subsistema geracional G3 é o mais relevante, seguindo-se as relações com G2 e, depois, as relações intrageracionais com G4. Com um peso quase nulo, encontram-se as relações com o subsistema G1. Na geração que lhe antecede na família, existe um equilíbrio entre o peso de G2 e o peso das relações intrageracionais com G3. O subsistema G4 atinge em G3 o peso mais elevado, comparativamente ao que tem noutras gerações. Em G2, decresce o peso de G4, mas aumenta o peso de G1 e de G3. Em G1, assiste-se ao aumento da importância de G2 para o maior nível e à diminuição da importância das outras gerações.

3.6.2. Características funcionais

Foram avaliados os conteúdos funcionais da rede social pessoal do indivíduo, através de 8 tipos de apoio social, e elaborada uma medida de apoio global calculada a partir da média de suporte que uma rede faculta em todos os tipos de apoio (Tabela 3.5.).

G2 é a geração com redes menos suportivas, enquanto G4 é a geração que mais suporte recebe. O subsistema G2 apresenta os valores mais baixos de apoio emocional, instrumental, aconselhamento, acesso a novos contactos (conjuntamente com G1), companhia social e regulação social. G4 apresenta os valores mais elevados de apoio instrumental, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social; G3 detém os maiores índices de apoio emocional, apoio técnico e apoio financeiro (este a par com G2). No entanto, apesar destas

diferenças, constatou-se que alguns tipos de apoio, nomeadamente o emocional e o financeiro, não variam significativamente entre as gerações constituindo, em sintonia com a característica estrutural de intimidade, elementos transversais às redes sociais pessoais da amostra.

Tabela 3.5. Variáveis funcionais da rede social e apoio geral prestado por cada geração segundo subsistema geracional (Médias e Análises da Variância)

Variáveis Funcionais	SUBSISTEMAS GERACIONAIS								F
	G1		G2		G3		G4		
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Apoio Geral	1,38	0,25	1,31	0,13	1,49	0,17	1,63	0,37	7,31**
Apoio Emocional	1,92	0,52	1,68	0,29	1,82	0,37	1,76	0,52	1,25
Apoio Financeiro	1,13	0,24	1,26	0,29	1,26	0,22	a)	a)	2,15
Apoio Instrumental	1,56	0,56	1,25	0,18	1,50	0,35	1,66	0,41	4,36*
Apoio Técnico	1,04	0,07	1,09	0,14	1,29	0,24	1,04	0,09	13,96**
Aconselhamento	1,35	0,31	1,34	0,27	1,53	0,22	1,72	0,51	6,18**
Acesso a Novos Contactos	1,17	0,42	1,17	0,19	1,44	0,34	1,51	0,49	5,16*
Companhia	1,66	0,57	1,57	0,30	1,85	0,29	2,07	0,59	5,32*
Regulação Social	1,22	0,57	1,11	0,13	1,23	0,21	1,65	0,54	7,58**

* $p \leq 0,01$

** $p \leq 0,001$

a) Todos os elementos de G4 inquiridos são dependentes financeiramente.

De forma a melhor compreender a relação entre subsistema geracional e apoio prestado pela rede social, importa discriminar a natureza das diferenças estatisticamente significativas reveladas pela análise da variância (Tabela 3.6.).

Tabela 3.6. Diferenças funcionais entre os subsistemas geracionais (Teste de comparações múltiplas de Scheffé)

Subsistemas Geracionais	G2	G3	G4
G1	(Nenhuma)	Apoio Técnico	Apoio Geral Aconselhamento Acesso a Novos Contactos Companhia Regulação Social
G2	---	Apoio Técnico	Apoio Geral Apoio Instrumental Aconselhamento Acesso a Novos Contactos Companhia Regulação Social
G3	---	---	Apoio Técnico Regulação Social

Ao nível do suporte, as gerações mais velhas (G1 e G2) não se distinguem em nenhum tipo de apoio; G3 apenas se distingue das restantes por receber mais apoio técnico. O subsistema que se

distancia dos restantes, ao nível funcional, é G4 que apresenta: mais regulação social do que os restantes subsistemas; mais apoio instrumental do que G2; e mais apoio global, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social do que G1 e G2.

Tabela 3.7. Apoio geral facultado por cada subsistema geracional (Médias e Análise da Variância)

Variáveis Funcionais	SUBSISTEMAS GERACIONAIS								F
	G1		G2		G3		G4		
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Apoio Geral de G1	1,21	0,18	1,35	0,38	1,45	0,43	1,48	0,44	0,97
Apoio Geral de G2	1,49	0,27	1,39	0,29	1,65	0,32	1,61	0,52	2,46
Apoio Geral de G3	1,21	0,22	1,46	0,31	1,58	0,26	2,03	0,42	22,04**
Apoio Geral de G4	1,22	0,27	1,19	0,16	1,43	0,28	1,30	0,34	2,94*

* $p \leq .05$

** $p \leq .001$

Em termos de apoio prestado pelos diferentes subsistemas geracionais (Tabela 3.7.): o apoio geral providenciado por G1 e G2 não varia significativamente entre elementos de gerações diferentes, ou seja, independentemente do quadrante geracional do sujeito focal, o apoio prestado pelas duas gerações mais idosas da família é relativamente constante; o apoio que G3 providencia parece sobretudo reflectir-se na vivência da geração subsequente e o apoio que G4 facilita na geração antecedente. De assinalar que G4 apresenta o maior valor de apoio global proveniente de G1, o que significa que este subsistema geracional, raramente mencionado nas redes dos mais novos, quando é referido, detém algum tipo de conteúdo funcional relevante. G1 parece recolher a maior parte do apoio da geração G2 e esta recolhe-o sobretudo da geração G3. A geração G1 é aquela que menos suporte providencia às restantes gerações.

3.7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados apontam para um desenvolvimento da rede social, semelhante ao mapa evolutivo de Sluzki (1996): um aumento gradual do número e diversidade dos laços ao longo das primeiras fases do ciclo vital e posterior declínio nas fases finais da vida. Este movimento é sugerido pelas diferenças no tamanho da rede consoante as gerações e por outras características estruturais (heterogeneidade, densidade e, particularmente, a composição) que indicam que a organização dos laços difere significativamente entre as gerações intermédias e as gerações limítrofes. Provavelmente, os elementos de G4, antes de constituírem as redes heterogéneas reveladas nos dados, tiveram como rede social primordial nos primeiros anos das suas vidas os progenitores ou substitutos; posteriormente, surgiram na órbita relacional outros familiares, amigos, vizinhos e colegas da escola. Ou seja, a rede social é, na origem, um monólito homogéneo de relações sociais, evolui acompanhando o desenvolvimento físico e psicológico do sujeito, diversifica-se e sofre mutações com a entrada e saída de elementos, acabando, no final da vida, por recriar a homogeneidade dos primeiros anos, revolvendo em torno da relação entre pais (muito idosos) e

filhos (de meia idade ou idosos), sendo que os dados apoiam a relevância dos filhos na velhice avançada (Johnson & Barer, 1997). Nos idosos mais novos (entre os 60 e os 74 anos de idade, a que alguns elementos de G2 pertencem), os filhos não assumem necessariamente um papel central, pois existe um recurso aos amigos para recolher benefícios sociais e emocionais (Crohan & Antonucci, 1989). Com o decorrer dos anos, à medida que os amigos morrem ou se tornam incapacitados, o potencial para o seu envolvimento diminui e os filhos passam a assumir o papel de principal suporte instrumental e expressivo, como os pais o haviam sido em relação a eles quando nasceram. Tal como a hipótese da teoria da grande explosão e da grande contração, explicativa do nascimento e morte do universo que habitamos, também o universo relacional de um indivíduo parece emergir de um núcleo denso, na forma de um triângulo constituído por mãe, pai e filho, expandindo-se em alcance e diversidade ao longo dos anos, ao que se segue, no final da vida, um retorno à situação primordial da relação entre duas gerações contíguas. As relações intergeracionais entre pais e filhos parecem ser o alfa e ómega da rede social pessoal de um indivíduo, mas permanece a questão sobre a evolução do peso dos vários subsistemas geracionais que compõem a família.

Os dados relevam a contiguidade dos subsistemas geracionais e diminuição progressiva da importância das gerações com o aumento da distância que as separa (com as relações entre G1 e G4 a assumirem o lugar mais modesto entre as várias relações intergeracionais). Estes resultados reforçam os estudos sobre redes de entajuda e solidariedade em contexto europeu que atestam a importância da ascendência e descendência imediata (Vasconcelos, 2005). Em todas as gerações, o quadrante familiar constitui uma parte significativa das redes e, dentro do sistema familiar todas as gerações têm um papel importante e nenhuma parece estar desocupada de funções para as restantes, mas esta importância depende da proximidade geracional. Contudo, há que ponderar este dado, pois a análise detalhada das redes sociais pessoais de G1 (Vicente & Sousa, s/d) revelou que a inclusão de elementos de outras gerações para além de G2, particularmente de G3, significava redes maiores e menos dependentes de G2. Ou seja, apesar das normas sociais implicarem que o cuidado familiar é uma tarefa de pais e filhos (geralmente filhas), constatou-se que as outras gerações podem ter um papel relevante e enriquecedor no tecido social dos inquiridos. Importa sublinhar que neste estudo foram abordadas as relações entre subsistemas geracionais e não relações diádicas. A importância da contiguidade geracional não significa retirar importância a relações entre elementos de subsistemas geracionais não contíguos (como, por exemplo, relações entre avós e netos). Com efeito, o lugar dos avós e netos nas redes sociais de cada um permanece relevante, pois os dados revelam que: a) na subamostra G1, 65.22% dos sujeitos mencionaram um ou mais netos, com uma média de 2.30 netos por rede social ($SD=2.40$); b) 73.91% dos elementos de G2 referiram pelo menos um neto, com uma média de 1.74 netos por rede ($SD=1.39$); c) 56.52% da subamostra G3 referiu pelo menos um avô, com uma média de 0.65 avós por rede ($SD=0.65$); d) dos entrevistados mais jovens, pertencentes a G4, 86.96% referiu pelo menos um avô, com uma média de 2.17 avós por rede ($SD=1.37$). Estes dados apontam pistas para análises subsequentes aos dados recolhidos através do IARSP-R,

levantando questões sobre: a relação entre subsistemas de linhagem e subsistemas geracionais; o lugar de determinadas relações intergeracionais diádicas cuja importância pode ser obscurecida numa análise como a aqui apresentada.

Os dados apontam para uma variação estrutural, mas não funcional, nas redes sociais dos adultos independentes. Ou seja, a rede social apresenta praticamente as mesmas funções para todos os indivíduos, independentemente da geração de pertença, mas a forma como as relações se estruturam é significativamente diferente. A exceção ocorre em G4, que apresenta diferenças estruturais e funcionais (provavelmente por serem crianças/adolescentes e por isso dependentes da família de origem). As variações estruturais mais significativas entre adultos independentes verificam-se sobretudo quando são comparadas as gerações intermédias de G2 e G3 com a geração mais idosa de G1.

Os resultados indicam proximidade estrutural e funcional de G2 e G3, que poderia hipotetizar a não distinção destes subsistemas geracionais. Contudo, existem elementos diferenciadores, que não se encontram nas redes dos próprios mas nas redes dos outros, em particular no peso atribuído ao subsistema G2 pelos elementos de G1 e na quantidade de apoio prestado pelo subsistema geracional G3 ao G4.

Importa ainda mencionar um aspecto relativo às diferenças na frequência de conflito referidas pelas diferentes gerações e às semelhanças no grau de intimidade percebido. Em termos de conflito, apenas se diferenciaram significativamente G1 e G3, mas nota-se a evolução dos valores com a fase do ciclo vital. O subsistema geracional G3, que apresenta o valor mais elevado, encontra-se na fase da “família com filhos pequenos” ou “família com filhos adolescentes” (Carter & McGoldrick, 2005), implicando que esta geração ganhou independência em relação à família de origem há pouco tempo e está a definir as suas regras e hábitos, sendo provável que estes indivíduos suportem melhor as ambivalências dos laços da sua rede (Luescher & Pillemer, 1998) e tenham maior facilidade em identificar conflitos. G4 apresenta-se substancialmente dependente da geração que a antecede, e aqui os valores de conflito atingem um valor menor, que decresce quando abordamos G2, composta por pessoas (por vezes já reformadas) que terminaram recentemente a tarefa de lançar os filhos. O subsistema com valores mais baixos de conflito e maior peso do quadrante familiar é a geração mais idosa, dados que podem traduzir a integridade individual (Erikson, 1976) e a integridade das relações familiares (King & Wynne, 2004). O conflito faz parte das relações familiares, mas encontra-se geralmente restringido aos temas que não comprometem a relação (Troll, 1982), ou seja, o sentimento familiar que agrega membros de diferentes gerações induz um cuidadoso evitamento de temas fracturantes, o que parece reforçado pelos baixos valores de conflito percebido nos vários grupos. Os valores similares de intimidade percebida parecem remeter para a definição de rede social pessoal e para um melhor conhecimento do que o IARSP-R mede, ou seja, quando questionados acerca das pessoas mais significativas nas suas vidas, os sujeitos tendem a identificar elementos com os quais existe um grau de intimidade médio ou elevado, independentemente da geração.

Acresce um comentário sobre o papel do subsistema geracional G2, que emerge como o que mais suporte presta às gerações G1 e G3, e que corresponde à geração que se convencionou apelidar de “ensanduichada” (Chisholm, 1999). Está situada numa posição de cuidar dos seus pais muito idosos e prestar suporte aos filhos que, apesar de já terem constituído famílias nucleares independentes, parecem socorrer-se dos pais quando necessitam de apoio. A recomendação que aqui se veicula prende-se com a necessidade de divisar, seja através das instâncias governamentais ou do sector privado, apoios e serviços que permitam a esta geração cumprir as tarefas que lhe são incumbidas pelo sistema familiar multigeracional, de uma forma adequada aos sistemas de significados culturais atribuídos ao envelhecimento, às relações familiares do recipiente de apoio e prescrições, igualmente de ordem cultural, de auxílio aos pais que recaiam sobre o cuidador.

3.8. CONCLUSÕES

A inclusão de itens discriminatórios do parentesco e geração no instrumento de avaliação da rede social pessoal facilitou a análise das relações intergeracionais e intrageracionais no contexto familiar multigeracional, permitindo estudar a interacção entre subsistemas geracionais ao invés de díades relacionais. Partindo desta possibilidade fundamentou-se: a importância da contiguidade geracional; os diferenciais estruturais e funcionais nas redes sociais de indivíduos pertencentes a gerações distintas, nomeadamente da variação estrutural mas não funcional das redes sociais dos adultos independentes; a proximidade estrutural e funcional das gerações intermédias; a condensação de diferenças nos subsistemas geracionais limítrofes; as tendências evolutivas da rede social, reveladas em variáveis como o tamanho e extrapoladas através da comparação das redes avaliadas com as redes inferidas teoricamente dos primórdios da vida do ser humano.

Tratando-se de um estudo exploratório, foram relegadas para segundo plano as influências de variáveis demográficas, socioeconómicas e culturais, que estudos subsequentes deverão considerar. A caracterização e descrição das diferenças estruturais e funcionais das redes sociais pessoais seriam enriquecidas com a aplicação de testes correlacionais, para avaliar a relação entre variáveis estruturais e funcionais. Investigações futuras poderiam incluir uma medida de avaliação subjectiva do grau de satisfação pessoal com a rede social ou de um inventário breve de qualidade de vida, para correlacionar com as características estruturais e funcionais. Assim, poder-se-ia avaliar se as redes maiores e mais heterogéneas, com maior participação de todos os subsistemas geracionais da família multigeracional, confeririam maior qualidade de vida ou maior satisfação com a rede.

Rossi e Rossi (1990) argumentam que o tempo histórico marca a estrutura familiar, por isso o enfoque em aspectos desenvolvimentais exige lidar com uma complexa mistura de influências históricas e de *coorte* inerentes aos fenómenos maturacionais. Quando comparamos as redes sociais de indivíduos com mais de 75 anos de idade com as redes dos seus filhos adultos, ou entre estes e os seus netos em idade escolar, temos de ter presente que os anos formativos foram passados em circunstâncias distintas, onde se incluem características biográficas idiossincráticas,

a marca da *coorte* do indivíduo e os eventos históricos ocorridos durante os vários estádios de desenvolvimento pessoal. Este estudo consiste num corte transversal da realidade familiar multigeracional e traduz, numa fotografia instantânea com boa definição, o quadro relacional dos indivíduos imbuídos neste sistema, mas as reflexões e conclusões, em particular referentes às tendências evolutivas da rede social, devem ser devidamente contextualizadas.

3.9. BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Aldous, J. (1995). New views of grandparents in intergenerational context. *Journal of Family Issues*, 16 (1), 104-122.
- Bengtson, V. L., Lowenstein, A., Putney, N. M., & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein (Eds.) *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). New York: Aldine de Gruyter.
- Blieszner, R. & Bedford, V. H. (1995). The family context of aging: Trends and challenges. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of aging and the family* (pp. 3-12). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Botcheva, L. B. & Feldman, S. S. (2004). Grandparents as family stabilizers during economic hardship in Bulgaria. *International Journal of Psychology*, 39 (3), 157-168.
- Calouste Gulbenkian Foundation. (2008). *Intergenerational Relationships*. London: Calouste Gulbenkian Foundation.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon.
- Chisholm, J. F. (1999). The sandwich generation. *Journal of Social Distress and the Homeless*, 8 (3), 177-190.
- Crohan, S. E. & Antonucci, T. C. (1989). Friends as a source of social support in old age. In R. G. Adams e R. Blieszner (Eds.) *Older adult friendship: Structure and process*. London: Sage Publications.
- Durkheim, E. (1951). *Suicide*. New York: Free Press. (Obra original publicada em 1897).
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1963).
- Fine, M. & Norris, J. E. (1989). Intergenerational relations and family therapy research: What we can learn from other disciplines. *Family Process*, 28 (3), 301-315.
- Goodman, C. C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22 (5), 557-578.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Johnson, C. L. & Barer, B. M. (1997). *Life beyond 85: The aura of survivorship*. New York: Springer Publishing Company, Inc.
- King, D. A. & Wynne, L. C. (2004). The emergence of "family integrity" in later life. *Family Process*, 43 (1), 7-21.
- Kohli, M. (1985). The world we forgot: An historical review of the life course. In V. W. Marshall (Ed.) *Later life: The social psychology of aging*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.

- Litwin, H. (1995). *Uprooted in old age: Soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Litwin, H. (Ed.). (1996). *The social networks of older people: A cross-national analysis*. Westport, Connecticut: Praeger.
- Lowenstein, A. (1999). Intergenerational family relations and social support. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 32 (6), 398-406.
- Luescher, K. & Pillemer, K. (1998). Intergenerational ambivalence: A new approach to the study of parent-child relations in later life. *Journal of Marriage and Family*, 60 (2), 413-425.
- Mangen, D. J. (1995). Methods and analysis of family data. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of aging and the family* (pp. 149-177). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren: Implications for intervention and research. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 149-173.
- Reese, C. G. & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10 (4), 245-251.
- Rossi, A. S. & Rossi, P. H. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103 (2), 429-460.
- Sluzki, C. E. (1996). *La rede social: Frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Sousa, L. (2009). New themes on ageing families. In L. Sousa (Ed.) *Families in later life: Emerging themes and challenges* (p. 1-25). New York: Nova Science Publishers.
- Sussman, M. B. (1951). *Family continuity: A study of factors which affect relationships between families at generational levels*. Doctoral dissertation. New Haven: Yale University.
- Troll, L. E. (1982). Family life in middle and old age: The generation gap. *The Annals, American Academy of Political and Social Science*, 464, 38-46.
- Vasconcelos, P. (2005). Redes sociais de apoio. In K. Wall (org.) *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais* (pp. 599-631). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vicente, H. & Sousa, L. (2009). The multigenerational family and the elderly: A mutual or parasitical symbiotic relationship? In L. Sousa (Ed.) *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 27-48). New York: Nova Science Publishers.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Famílias multigeracionais: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psychologica*, 46, 143-166.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (s/d). Personal social networks of the eldest generations: The case of four generation families (submitted).

CAPÍTULO IV

“PERSONAL SOCIAL NETWORKS OF THE ELDEST GENERATIONS: THE CASE OF FOUR-GENERATION FAMILIES”⁸

Henrique Testa Vicente* e Liliana Sousa**

* PhD student at the University of Aveiro

Department of Health Sciences, University of Aveiro, 3810-193 Aveiro,
Portugal

henrique.vicente@cs.ua.pt

** PhD, Auxiliary Professor at the University of Aveiro

Department of Health Sciences, University of Aveiro, 3810-193 Aveiro,
Portugal

lilianax@ua.pt

Abstract

This study focuses on the personal social networks of the eldest generations of four-generation families. It provides an account of intergenerational and intragenerational relationships in multigenerational families but, unlike most studies on this topic, which rely on the evaluation of certain relationship dyads, the authors focus on the interaction between generational subsystems and other social systems, providing a new perspective on social relationships in old-old age. A personal social network questionnaire (IARSP-R) was administered to 23 subjects who belong to the oldest generation (G1) in four-generation families which questions individuals about whom they consider to be meaningful in their lives. The subjects revealed medium sized networks, structurally dense and homogeneous, centered on the family, with low support values. The contiguous generational subsystem (G2) provides most of the support but the emergence of other generational subsystems, in particular G3, and other relationships outside the family, is associated with larger and more heterogeneous networks, less dependent on the G2 subsystem.

Keywords: Multigenerational family; Personal social network; Intergenerational relations

⁸ Submetido a publicação em revista científica da especialidade

4.1. INTRODUCTION

The study of social networks of the eldest generations in four-generation families might shed some light on the dynamic nature of this social system, which is becoming increasingly common nowadays (Mietkiewicz & Jolliot, 2004) due to demographic and social factors which resulted in the verticalization of family relationships and the emergence of “beanpole” families (Bengtson et al., 2003). Social network analysis could unravel the relational structure and content between members of different generational subsystems, bringing a relevant contribution to the large body of literature on intergenerational and intragenerational relationships (e.g. Bengtson & Martin, 2001; Hogan, Eggebeen, & Clogg, 1993; Rossi & Rossi, 1990; Silverstein & Bengtson, 1997). In addition, social network analysis may provide a clearer understanding of old-old people’s (+75 years) social relationships, which assumes a significant importance due to this generation’s current weight and prevalence in the communities. The number of studies devoted to four-generation families in scientific literature is still very scant (an example of a case study may be found in: Richlin-Klonsky & Bengtson, 1996), significantly more so in Portugal, where few studies have been devoted to the social networks of older people, and none has focused exclusively on social networks of older people belonging to four-generation families.

Currently, there are many reasons to undertake the research of social ties in old age: for purposes of theoretical conceptualization, because such studies bring about empirical data regarding individual and family development in later life; for purposes of policy making and social intervention planning, because the expectation throughout Western countries is that the role of informal networks of assistance, as help providers to elderly people, will continue to increase in the near future (Melkas & Jyhlä, 1996).

4.2. ASSESSING SOCIAL NETWORKS

Network approaches have been implemented in numerous areas of scientific endeavor, especially in the fields of social sciences (Litwin, 1996), where this approach emerges “as a potentially useful theoretical model for the analysis and description of complex social systems and interactions, as well as for intervention” (Sousa, 2005: 160). A simple definition of social network could be provided by addressing its two basic components: nodes (usually individuals or organizations) and ties of interdependence (the relationships between the different actors involved in the network).

Parallel to the widespread dissemination of social network studies, Wellman (1996) highlighted a rather pertinent observation in the words of the postmodernist fictional character Humpty-Dumpty when the latter stated: “when I use a word, it means just what I choose it to mean” (Carroll, 1871). As Wellman went on to explain “there is no such thing as ‘the network’, although many of us persist in writing as if this were so (...) how we define the members and ties of the network strongly affect what we will find out about it” (1996: 347); or, in other words, when the researchers use the words “social network”, they mean just what he/she chooses it to mean. It is a fact that the perceived essence of the phenomena known as “social network” depends largely on the method by which it is measured (Litwin, 1996). For example, the variable of “network size” is determined largely by the

researcher's definition of network membership, the period of interest, and the method of eliciting this information, including the types and extents of questions used. These remarks also provide a crucial warning: every scholar must be aware of existing constraints when comparing studies.

Additionally, two basic methodologies might be identified in social network studies (Litwin, 1996): 1) "inferred network", in which the network concept is defined *a priori* data collecting procedures, therefore influencing the construction of the instrument used; 2) "derived network", in which the concept is defined *a posteriori*, by studying tendencies or redundancies found in a collection of data already in the hands of the researcher (e.g. the information contained in a vast population census).

Van der Poel (1993) identified four approaches to the theoretical conceptualization of network and measurement: a) "interaction approach" (focus on the contacts between network members); b) "role relation approach" (centered around the type of relationship of network members); c) "affective approach" (based upon subjective evaluations of the respondents on the topic of who they feel are the most important people to them); d) "exchange approach" (which values the exchange patterns between network members).

In this study, the instrument used – the IARSP-R (Alarcão & Sousa, 2007) – was constructed on the basis of the theoretical propositions presented by Sluzki (1996) which he coined as "personal social networks" or "meaningful social networks", therefore corresponding to an "inferred network" methodology. This instrument entails a mixture of the four approaches mentioned above, but with a particular emphasis on the "affective" dimension, since it requires that respondents identify those people who are meaningful to them.

Sluzki (1996) defines a "personal social network" as the sum of all the relationships that a specific individual perceives as meaningful or defines as differentiated from the anonymous mass of society. This network corresponds to an individual's interpersonal niche of social interactions, and significantly contributes to his/her self-image and sense of well-being. Personal networks are stable but evolving relationships made up of family members, friends and acquaintances, work and study associates, and community relationships that evolve out of participation in formal and informal organizations (Sluzki, 2000). The personal social network has the unique quality of being both centered on the individual and focused on relational systems: it is individual-centered because it is always based on a particular informant; and it is eco-systemic since its minimal unit includes the meaningful social environment as a whole (Sluzki, 1996, 2000).

Social network studies have favored the use of ego-centered approaches such as the IARSP-R; i.e. the production of data concerning a network results from the subjects' responses to specific questions, for example, whom do they value the most in their social milieu, or with whom have they been in contact with in the past few weeks. Litwin (1996:4) argues that the pervasiveness of ego-centered approaches is not a simple coincidence, as this network methodology combines "both qualitative and quantitative aspects of social network measurement and, as such, is considered to be the most comprehensive of the various approaches".

Numerous studies have been developed in Portugal that encompass the IARSP in their methodological design (Abreu, 2000; Gonçalves, 2003; Guerra, Vicente, Figueiredo & Sousa,

2008; Machado, 2008; Sousa, 2005; Sousa & Alarcão, 2007), with some variations. The availability of these previous studies provided a solid base of theoretical and practical experience, central to the refinement of the instrument used to achieve the objectives established in this paper.

4.3. THE SCOPE OF MULTIGENERATIONAL FAMILY STUDIES

Specialized literature highlights the role of elder generations in the family and, in particular, the importance of the grandparent-grandchild relationship. Grandparents may assume a preponderant role in family dynamics, for instance, by serving as a stabilizing factor in relationships between parents and children (Botcheva & Feldman, 2002) or being responsible for upbringing grandchildren when parents are unable to do so (Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003). Examples of topics addressed by research are: grandparenting styles (formal, fun seeker, surrogate parent, reservoir of wisdom, distant figure) (Neugarten & Weinstein, 1968); the meaning of grandparenthood (Kivnick, 1982); the role of a grandparent (family historian or link to the past, mentor and teacher, role model for the family and society, nurturer of emotional and physical well-being, playmate, wizard and magician providing imaginary experiences, hero who can be looked up to) (Kornhaber & Woodward, 1981); common and differing attitudes of parents and grandparents towards child care (Martin et al., 1991). However, the generational span of the previous studies only embraces three generations, neglecting the fourth generational subsystem, which is relevant when the scope of intergenerational relations within a given family expands.

Some studies have already addressed the great-grandparent and great-grandchild dyad. Reese and Murray (1996) emphasize the relationship between great-grandparent and great-grandchild as one of the possible paths for the experience of 'transcendence' (an individual's ability to project concerns onto objects that survive him; developmental task of later life) by the older generations. The authors also stated that: "the act of seeing a part of themselves live on in their great-grandchildren gave them [study sample / great-grandparents] a sense of having fulfilled one of life's purposes" (Reese & Murray, 1996: 248). Mietkiewicz and Jolliot (2004), when analyzing drawings from a sample of 90 youngsters that were asked to describe their grandparents, found that 13.3% included great-grandparents, including them in the same category as grandparents, but without mistaking their positions in the generational subsystems. The authors observe that the heterogeneous nature of the drawings (some included all four grandparents, others included deceased grandparents, others even omitted living grandparents) provide evidence of the difficulties presented to children facing the task of building complex relationships within the context of multiple family configurations.

According to Mietkiewicz and Jolliot (2004), contemporary organization of family relationships thus appears to be increasingly centered on the relational aspects (such as emotional closeness) that link family members, in detriment of institutional conventions. These findings provide guiding principles regarding the importance of taking into account the subjective nature of family relationships and of asking people about who they consider meaningful in their lives, instead of just

assuming that because different people or generations are structurally available, they must also be functionally active.

Literature review demonstrated that most studies which focus on multigenerational families do not distinguish between three or four (or more) generation families and, in addition, studies centered on the social networks of older people do not mention if individuals belong to a multigenerational family nor how many generations the family comprises. Moreover, although the cited studies indicate the importance of intergenerational relationships, the majority of the work undertaken in this area focuses on the interaction of specific dyads in the family, such as the grandparent-grandchild connection, and not on the interaction between generational subsystems that encompass a much greater diversity of ties. A generational subsystem is a social system within the family comprised of all the individuals that share the same generational position (Vicente & Sousa, 2007). Given that “beanpole” families are growingly more prevalent and four-generation families are more common, it is important to characterize the networks of the eldest generations in these families, describing the flow of resources amongst different generational subsystems.

4.4. SOCIAL NETWORKS IN OLD AGE

Sluzki (1996) describes social networks in later life by referencing three coexisting factors, which have cumulative effects: 1) social network size shrinks, whether due to death, migration or debilitation of its members; 2) opportunities to renew the social network, as well as the motivation of the focal person to do so, diminish progressively; 3) processes of network maintenance become more burdensome to the focal person, as the energy available to maintain the activity of establishing connections diminishes (greater efforts are required to achieve the same results as those achieved previously).

Sousa (2005: 171) provided the following description of senior citizen’s networks: “older people have personal networks characterized by lower relational proximity, especially due to the lack of friends, more cohesion, less geographical distance and lower reciprocity”. Elderly members reported receiving poorer support than the other younger subjects in the following areas: economic support, guidance, access to new contacts and social regulation. According to Litwin and Landau (2000), the social networks of old-old people are essentially of four different types: kin, family-intensive, friend-focused, and diffuse-ties networks. The two extended family-based network groupings, kin and diffuse-ties, were found to be the most supportive, a feature that highlights the centrality of family relationships to the provision of support in old age. Interestingly, family-intensive networks, i.e. those overwhelmingly comprised of adult children, were the less supportive and the most dense from the point of view of structure.

The aforementioned study clearly demonstrates that variety exists in the configuration of social networks in old age. However, death is unavoidable and with the disappearance of links with people of the same generation, many anchors of individual personal history vanish. Depressive disorders that occur frequently in old age seem to be related to the loss of roles, memories, functions, and identity processes that go hand-in-hand with social network depletion (Sluzki, 1996).

If we are to believe that “the ways in which people relate to those around them is vitally important to the quality of their lives” (Sousa, 2005: 159), and that an individual’s social network plays a fundamental role in any person’s life, then particular attention should be given to social networks in old age, especially because those functions include: protecting the individual from stress related to environmental pressure; attenuating, preventing or even collaborating in the treatment of physical diseases and emotional disorders; offering support in some life events and in social integration; promoting well-being; and, finally, it is one of the main keys of individual identity experience, contributing to self-recognition (Sousa, 2005). Indeed, studies show that the type of social network, the structure of one’s interpersonal milieu, is a significant predictor of social support, whereas personality factors alone are insufficient to explain support variation in old age (Litwin & Landau, 2000).

4.5. OBJECTIVES

This exploratory study aims at gaining a clearer understanding of the personal social networks of the eldest generations in multigenerational family systems, i.e. families with living members in four distinct generations. More specifically, the aim is: to identify their strengths and weaknesses, their distinctive and common features with the social networks of people with differing family relationships, to improve our knowledge of how family functions in later life, and also of intergenerational and intragenerational relationships. Portugal, like other developed countries, faces the challenges of an ageing population and the consequent emergence of new extended family dynamics, with increasing intergenerational relations and fewer intragenerational ones, areas which still lack extensive investigation.

4.6. METHOD

4.6.1. Procedures and instruments

Due to the unavailability of records or census data that allow instant identification of the sample population (Portuguese families with living members in four distinct generations) the researchers chose a “snow-ball” sampling procedure: following the identification of a family that met the eligibility criteria, their members were asked if they knew other families with the same characteristics, and if the response was positive, specific arrangements were made between interviewer and interviewee regarding the best way to establish a first contact with the newly identified family. This first contact always occurred with the presence of a member of the intermediate generations (G2 and G3), that functioned as “entry points” into the family system and were the object of a different interview, which focused on the research of multigenerational family structure (Vicente & Sousa, 2007) and multigenerational family roles (Vicente & Sousa, 2009a, 2009b). All the participants gave their informed consent, after the objectives and methodology of our study were presented, the assurance of anonymity of responses and the possibility of withdrawing their participation at any time. It should be noted that the study presented in this paper is part of more extensive research on multigenerational families, which required carrying out five

interviews per family (one genogram interview with G2 or G3, and four social network interviews with one element per generation in the family).

The original sample comprised 25 multigenerational families, but the final sample was restricted to 23 families due to experimental mortality (in the case of one of the families, the member of the eldest generation passed away during the period between the first contact and the interview and, in the other case, sudden health problems with the member of G1 made it impossible to adequately conduct the interview). The interviews were carried out personally, by the first author, in a place and time chosen by the interviewee (e.g. at home, in a coffee shop of their neighborhood, on the university campus).

Although the bulk of this cross-sectional survey was conducted during the years of 2007 and 2008, a small pre-test was carried out in 2006 with three multigenerational families (comprising 12 interviews, one per generation in each family) to evaluate the acceptability of the IARSP-R questionnaire. Some changes were made based on the pre-test results, namely: the Likert scales used in the social support questions were reduced from a 5-point scale to a 3-point numerical reference, because elements of the eldest (G1) and youngest (G4) generations reported difficulties in dealing with the former scale; alongside the name of each individual identified in the family quadrant, the nature of the family bond that the focal person maintained with him/her (e.g. father, cousin, grandmother) was registered and the corresponding generation that he/she belonged to within the family system (with G1 being the eldest generation and G4 the youngest); intimacy and conflict scales were added, as well as an item concerning the durability of relationships, which is a proxy measure of network stability. Table 4.1. describes the final interview and each of the variables, which started with the following invitation:

“Please identify all the people with whom you have been in contact with during the past six months that you consider being a significant individual in your life. Each person that you mention will be placed in one, and only one, of the following categories: family, friends, neighbors, co-workers / classmates, and professionals / institutions. The inclusion of a specific member in a specific category depends on how you characterize your relationship with him / her”

Table 4.1. Description of the interview and variables

<i>Question</i>	<i>Variable</i>	<i>Definition</i>
Dimension 1. Structure – basic morphological characteristics of the network		
<i>“List the names of all the most important people in your life during the last six months”</i>	Size	Total number of people listed by the subject
<i>“Identify each personal sector (family [G1, G2, G3, G4], friends, neighbors, workmates or services)”</i>	Composition	Proportion of the network members that are placed in each sector

	Heterogeneity	Number of quadrants with members
"Who knows who in the network?"	Density	Connection between the members, besides the focal person
"Specify the geographical distance between your residence and the residence of each member of your network" (1 – living in the same house; 2 – living in the same neighborhood; 3 – living in the same city or village; 4 – living up to 50 km away; 5 – living more than 50 km away)	Dispersion	Accessibility of network members
"What level of support is given by you?" (1 – none; 2 – moderate; 3 – much)	Reciprocity	If the focal person fulfils the same or equivalent functions in the network
"Specify the frequency of contacts with each member of the network" (1 – everyday; 2 – more than once a week; 3 – weekly; 4 – some times per month; 5 – some times per year)	Frequency of contacts	Accessibility of network members
"For how long have you maintained a relationship with this member?"	Durability (Stability)	Total duration of the relationship (in years)
"How do you characterize each relationship?" (5-point Likert scale ranging from 1 – "not close at all" to 5 – "very close")	Intimacy	Perceived degree of intimacy
"How often do you argue with each member?" (5-point Likert scale ranging from 1 – "never" to 5 – "always")	Conflict	Perceived frequency of conflict
Dimension 2. Functions – contents available and performed by the network		
"Specify the level of support received from each member in each of the following eight areas"	Overall support	Total support in all sectors
(1 – none; 2 – moderate; 3 – much)	Relational content	Contents or functions guaranteed by each quadrant

*Areas of support: *Emotional support* – any action that has the purpose of assisting the focal person in achieving his/her personal goals or in dealing with the demands of any particular situation. *Guidance* – providing of information or supervision on how to achieve a certain goal or complete a particular task. *Social regulation* – any interactions that remind and reaffirm the focal person's responsibilities and roles, avoiding deviations from social expectancies. *Instrumental assistance* – any action in the form of material assistance. *Financial assistance* – any action in the form of financial assistance. *Access to new contacts* – any interactions that have the purpose of assisting the focal person in establishing contact with new people. *Social company* – any relationship that involves carrying out joint activities. *Professional support* – based on technical/expert support services.

4.6.2. Sample

Respondents were identified according to age, gender, number of elements residing in the household and its composition (living alone, with a spouse, or with children), location of residence (rural/urban), academic and professional status. The age mean of the sample is 84.74 ($SD=5.41$), ranging from the age of 75 to 94. Males represent 13.04 % of the sample. On the subject of household composition, 47.8% of the respondents live alone, 34.8% live with their progeny, and 17.4% live with their spouses; in average, the number of elements in the household is 2.09 ($SD=1.41$), with a minimum of 1 (the focal person lives alone) and a maximum of 6; 52.2% reside in an urban environment. As for academic status, respondents have an average of 4.7 years of schooling ($SD=3.80$) and all are retired.

4.6.3. Data analysis

Concerning analysis procedures, social networks were viewed, first of all, in terms of their structural and functional characteristics using descriptive statistics. Then, Spearman's correlation tests were applied to gain a better perception of the existence of statistically significant relationships between the variables evaluated, and Mann-Whitney U tests were used to assess differences in mean scores. All of the statistical work was conducted by using the SPSS 15.0.

4.7. RESULTS

4.7.1. Size

The overall mean size of the social networks evaluated is of 11.96 ($SD=6.62$), ranging from 1 to 30 members. This variable was organized into three categories: small size (0-10) (47.83%); medium size (11-20 elements) (43.48%); large size (21-30 elements) (8.7% elements). The results thus show low percentages of large networks, and a predominance of small and medium sized networks.

Network size was compared by age, academic level, residence, marital status and household composition through the calculation of expected versus observed frequencies. No significant statistical differences were found. The number of elements living with the focal person was correlated with the network size ($r=-.114$, $p=.605$), showing a non-significant correlation. This suggests that participants do not confine their social relationships to the "walls" of their houses. As for gender, Stone and Rosenthal (1996: 85) consider it useful to "begin with the theory based notion that whether the focal point is an older man or an older woman will have a great bearing upon the nature of [network] structure that is likely to be observed". Unfortunately, the disproportion between male and female subjects in our sample, does not allow us to collate useful information concerning the influence of this variable on network structure and content.

On the topic of the generational subsystems, data suggests that the size of G1 ($r=.683$, $p<.01$) and G3 ($r=.588$, $p<.01$) holds a positive relationship with overall network size, meaning that the presence of members in these subsystems is associated with extended social networks.

4.7.2. Composition

Personal networks centered on one or two quadrants are usually less flexible and effective, with fewer options available than more heterogeneous ones (Sluzki, 1996). The composition of the networks in our sample was the following: 0, 4 and 5 sectors – 0%; 1 sector – 26.1%; 2 sectors – 39.1%; 3 sectors – 34.8%. Thus, the networks are essentially centered on a reduced number of quadrants (1 to 3). No significant statistical differences were found in age, marital status, education, residence, household composition, or number of elements in the household.

Heterogeneity of the network holds a positive correlation to the number of elements evoked ($r=.717, p<.01$). Subjects who mention elements in just one quadrant have significantly less people in their networks than those who mention two quadrants ($U=6.500, p<.05$) and three quadrants ($U=.000, p<.01$). There is no statistically significant difference in network size between networks that comprise two and three quadrants. On the other hand, networks also seem to be bigger when the size of certain quadrants is larger, namely family ($r=.850, p<.01$) and friends ($r=.712, p<.01$); but when the mean weight of family increases, i.e. the proportion of family *versus* other quadrants, the network becomes smaller ($r=-.623, p<.01$). Mean weight of friends has the opposite effect on overall size ($r=.547, p<.01$). Networks with a greater weight of friends also have a larger number of quadrants ($r=.670, p<.01$).

Due to the intergenerational nature of family relationships in later life, with less possibilities for intragenerational relationships, it is important to study the weight of each sector in the personal networks, but also the weight of each generation within the family and its relationship with other variables. Results show that family is the main group (Table 4.2.) with G2 assuming paramount relevance in the composition of the social networks. Of particular significance is the low weight of G1 and G4 generational subsystems. All the participants mentioned members belonging to G2, meaning that it was the only generational subsystem that was present in all the social networks. For the remaining generational subsystems, 15 subjects mentioned at least one element in G3 (65%), 12 included people from G1 (52%), and 5 identified elements belonging to G4 (22%). In the case of social network quadrants, family appears in all social networks, friends in 14 networks (61%), neighbors in 7 (30%), and co-workers never appear. The institutional/professional quadrant is mentioned by 5 respondents (22%).

Mean weight of the family quadrant shows a positive and significant correlation with the mean weight of G2, and a negative connection to that of friends. Mean weight of G2 is negatively correlated with mean weight of friends and G3, meaning that networks with more friends rely less on family, and those with more G3 elements rely less on G2 elements. The proportion of G2 elements is also negatively correlated to network size and number of quadrants, and positively related to durability, that is, the higher the weight of G2 the smaller, more homogeneous and more stable is the network over time (all correlations with $p<.01$).

Table 4.2. Network composition, dispersion and frequency of contacts (mean values)

	<i>Composition</i>		<i>Dispersion</i>		<i>Frequency of Contacts</i>	
	(mean weight of each sector; min=0 / max=1)		(min=1 closest to ego / max=5 farthest from ego)		(min=1 daily contact / max=5 yearly contact)	
	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
Total Network	-	-	3.05	.68	2.48	.63
Family	.78	.19	3.20	.78	2.57	.69
G1	.08	.09	2.95	1.32	2.86	1.28
G2	.49	.25	3.05	1.01	2.26	.82
G3	.18	.17	3.58	.60	2.82	.98
G4	.03	.06	3.90	.22	3.20	.91
Friends	.14	.17	2.99	.82	2.46	1.24
Neighbors	.04	.07	2.28	.40	2.05	.59
Co-workers / Schoolmates	.00	-	-	-	-	-
Professionals / Institutions	.03	.07	3.33	.47	3.03	1.53

4.7.3. Density

Density means the degree to which the members of a given network are connected between each other, regardless of the focal person, and was calculated based on the division of the number of existing links within a network by the number of possible links in the same network ($n(n-1)/2$, with n being the total number of members in the network). High levels of density (i.e. all the members of the network know each other; cohesive networks) facilitate conformity and promote passivity; low levels of density (dispersed networks) reduce the effectiveness of the network because the members of the network do not establish contact with each other; medium density (fragmented networks) promotes network efficacy, balancing the advantages and disadvantages of both cohesive and dispersed networks (Sluzki, 1996).

The results in our sample were as follows: cohesive (0.66-1) – 90.90%; fragmented (0.33-0.66) – 9.09%; dispersed (0-0.33) – 0%. These results are consistent with other studies that revealed higher density values with increasing age (Sousa, 2005). Also important to notice is that none of the networks fell into the “dispersed” category which compromises the efficiency of networks.

Density shows a positive correlation with family weight in the network ($r=.430$, $p<.05$), and negative correlations with the total number of friends ($r=-.455$, $p<.05$) and mean weight of friends in the network ($r=-.532$, $p<.05$). No significant correlations were found between density and the socio-demographic variables measured.

4.7.4. Dispersion

Dispersion indicates the geographical distance between each member and the focal person. Accessibility affects the network's sensibility to individual variations and its capacity to provide prompt and effective support in a crisis. When the distance between the focal person and the members of his/her network is high, the personal network reveals less sensitivity to the subject variations, so the reaction to a crisis is slower.

Results show an increase in geographical dispersion as one goes down the generational subsystems, from the closest G1 to the farthest G4 (Table 4.2.). People seem to be geographically closer to family members of the same generation, but this proximity fades away as the generational gap increases. The closest quadrant is in fact the one defined by its geographical proximity to the focal person: the neighbors; friends tend to live closer to the focal person than members of the youngest generations (G3 and G4) and approximately within the same distance of G1 and G2.

Dispersion is not affected by age, education, marital status, location of residence, or number of quadrants in the network, but has a significant negative correlation with the number of elements in the household ($r=-.420$, $p<.05$) (dispersion increases as the number of members in the household diminishes).

Regarding household composition, participants who live with children tend to have less dispersed networks than those who live alone ($U=16.000$, $p=.02$). However, there are no significant statistical differences between individuals who live with a spouse and those who live alone or with children.

Overall network dispersion shows a significant correlation with the dispersion of family ($r=.951$, $p<.01$), G2 ($r=.921$, $p<.01$) and G3 ($r=.515$, $p<.05$), but not with G1 and G4. So, family dispersion, especially G2 and G3 dispersion, is the connection that tends to determine overall dispersion.

Dispersion also has a positive and significant correlation with the weight of the institutional quadrant ($r=.605$, $p<.01$), and a negative one with family ($r=-.477$, $p<.05$). This means that more dispersed networks rely less on family and more on services and professionals. Size and mean weight of the various generational subsystems do not have significant correlations with dispersion.

4.7.5. Frequency of contacts

The mean value for frequency of contacts is 2.48 (Table 4.2.), which suggests that the oldest generations in multigenerational families have, at least, weekly contacts with members of their social networks. Contacts between the focal person and elements of G2 are more regular than those with the remaining generations (with G4 revealing the lowest value). Family and friend quadrants have similar frequencies, but it is the neighbor quadrant that reveals the highest frequency of contacts, although, as we saw earlier, only 30 % of the subjects identified a neighbor as a significant element in their lives.

Frequency of contact does not vary with age, academic level, or number of elements in the household. However, those who mention just one quadrant have a higher frequency of contacts ($M=2.15$, $SD=.81$) than those with two quadrants ($M=2.64$, $SD=.47$) and three quadrants ($M=2.54$, $SD=.62$); and people who live with children ($M=2.28$, $SD=.79$) also have more contacts with the

members they have established ties with than those who live alone ($M=2.53$, $SD=.59$) or with a spouse ($M=2.72$, $SD=.26$), but these differences are not statistically significant. Frequency of contacts is significantly affected by the location of residence: people who live in rural contexts have more contacts with network members than their urban counterparts ($U=31.000$, $p=.03$), with an average of 2.72 (generally weekly contact, $SD=.69$) for urban residents and 2.21 (in general, several contacts per week, $SD=.63$) for those living in rural areas. The frequency of contacts appears to be correlated with geographical distance ($r=.454$, $p<.05$): an increase in dispersion results in the diminishing of number of contacts. In terms of correlation to generational subsystems, overall frequency of contacts is significantly associated with G2 dispersion ($r=.414$, $p<.05$); if the latter increases the former decreases.

4.7.6. Overall support

The overall support represents the mean of all types of support guaranteed by all quadrants and generations (Tables 4.3. and 4.4.). The sample has a low level of overall support, with a global rate of 1.36 (on a scale ranging from 1 to 3). The family quadrant appears to be responsible for the majority of support received, superseded only by the institutional/professional quadrant that, despite infrequent (only five of the subjects identified people or institutions in this quadrant), provides plenty of support whenever mentioned. In terms of generational subsystems, G2 has the highest support values, followed by the remaining generations, which have similar values to one another.

Table 4.3. Levels of overall support (means and correlations)

Overall support from...	Mean	SD	1	2	2.1	2.2	2.3	2.4	3	4	5
1. Total Network	1.36	.23	1	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>N</i>			22	-	-	-	-	-	-	-	-
2. Family	1.37	.23	.94 **	1	-	-	-	-	-	-	-
<i>N</i>			22	22	-	-	-	-	-	-	-
2.1. G1	1.21	.18	.26	.23	1	-	-	-	-	-	-
<i>N</i>			11	11	11	-	-	-	-	-	-
2.2. G2	1.47	.26	.69 **	.78 **	.04	1	-	-	-	-	-
<i>N</i>			22	22	11	22	-	-	-	-	-
2.3. G3	1.21	.22	.74 **	.79 **	.38	.54 *	1	-	-	-	-
<i>N</i>			14	14	7	14	14	-	-	-	-
2.4. G4	1.22	.27	.98 **	.98 **	.87	.82	.98 **	1	-	-	-
<i>N</i>			5	5	3	5	5	5	-	-	-
3. Friends	1.25	.21	.72 **	.50	.81 *	.10	.37	.87	1	-	-
<i>N</i>			13	13	7	13	10	3	13	-	-

4. Neighbors	1.28	.17	.87*	.71	-.63	.46	.95*	.	.37	1	-
<i>N</i>			7	7	4	7	5	1	5	7	-
5. Co-workers	-	-
<i>N</i>			0	0	0	0	0	0	0	0	0
6. Institutions	1.45	.33	.80	-.20	-.50	-.63	-1.00	.	1.00**	.	.
<i>N</i>			4	4	3	4	2	1	2	0	0

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$

Socio-demographic variables, size of the network, composition, density, dispersion, and frequency of contacts do not have a statistically significant relationship to overall support.

Correlations (Table 4.3.) show that overall support is positively and significantly related with support stemming from family and from all the generations except G1, meaning that when people perceive that their relatives are supportive they also perceive the social network in which they are embedded as supportive. Formal support provided by institutions is not significantly related with overall support, but informal support from friends and neighbors seems to be significantly connected with the levels of support that a given network provides.

As for the relationship between generational subsystems, support from G1 does not show any significant link with the support provided by other generations. Overall support from G2 is associated with support from G3, and G3 support is associated with G4 support. However, G2 and G4 are not significantly correlated in terms of overall support, meaning that there is an intergenerational hierarchical path to family support. If support from G2 is available, then it is more likely that support from G3 is also present; however, if the latter does not exist, then support from G4 is less likely to happen.

4.7.7. Contents

Concerning the contents of the social networks studied, i.e. the functions performed in its nucleus, personal social networks in old-old age seem to provide essentially emotional support, companionship, and instrumental support (Table 4.4.). Of particular relevance are the low frequencies of social regulation (some people even consider it to be offensive to be told what to do or how to behave, given their age) and financial support (some people proudly state that even though their pensions are modest they nonetheless manage to live without receiving money from others) which stand out. Respondents associate a very negative image to receiving these supports, perceiving them as a sign of dependency, of being a burden to others, of decrepitude or decadence. Counseling, although not viewed in such a negative way, is perceived as being one of the supports that they provide to others, and not the other way around. Technical support has the lowest rates, mainly because their providers are usually found in the institutional/professional quadrant, which is rarely mentioned. Table 4.4. shows that few supports are significantly related.

Nevertheless, providing company to the focal person shows a significant positive correlation with emotional support and social regulation.

Table 4.4. Contents of the personal networks (means and correlations)

	Mean	Min	Max	SD	1	2	3	4	5	6	7
1. Emotional	1.92	1.17	3.00	.53	1	-	-	-	-	-	-
2. Financial	1.13	1.00	1.86	.25	.40	1	-	-	-	-	-
3. Instrumental	1.49	1.00	3.00	.47	.24	-.08	1	-	-	-	-
4. Technical	1.04	1.00	1.22	.07	.04	-.13	-.02	1	-	-	-
5. Counseling	1.36	1.00	1.89	.30	.34	.37	-.03	.31	1	-	-
6. New contacts	1.18	1.00	3.00	.43	.20	.19	-.03	-.19	-.38	1	-
7. Company	1.59	1.00	3.00	.50	.56 **	.04	.30	-.12	-.02	.29	1
8. Social regulation	1.18	1.00	3.00	.44	.14	-.24	.09	-.15	-.21	.31	.48 *

* $p \leq .05$

** $p \leq .01$

As for the relationship between the various subsystems of the network and the contents provided by them, Table 4.5. shows that there is a differential distribution of supports according to the quadrant or generation taken into account. For instance, neighbors provide plenty of emotional support but almost none instrumental support. This last dimension is reserved to the family quadrant, especially G2, and to the institutional quadrant. G2 has the higher mean average for provision of financial support, counseling, and company. G4, on the other hand, seems to provide the largest amount of access to new contacts, which is a function almost entirely absent in the social networks of very old people. This generation also seems to provide social regulation, alongside G2 and the institutions, which hold the higher average for this type of support.

Table 4.5. Contents provided by network quadrant and generation

	TYPES OF SUPPORT															
	Emotional		Financial		Instrumental		Technical		Counseling		New Contacts		Company		Social Regulation	
	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD
Family	1.95	.53	1.15	.29	1.47	.49	1.01	.05	1.43	.42	1.20	.44	1.52	.55	1.20	.45
G1	1.67	.65	1.10	.24	1.19	.44	1.00	.00	1.38	.64	1.02	.08	1.42	.80	1.00	.00
G2	2.08	.66	1.21	.38	1.63	.61	1.02	.06	1.61	.56	1.28	.49	1.69	.70	1.24	.48
G3	1.74	.72	1.00	.00	1.22	.36	1.00	.00	1.11	.29	1.20	.56	1.31	.44	1.11	.24
G4	1.60	.89	1.00	.00	1.00	.00	1.00	.00	1.00	.00	1.40	.89	1.60	.55	1.20	.45
Friends	1.61	.69	1.08	.28	1.44	.61	1.04	.09	1.14	.29	1.00	.00	1.65	.81	1.00	.00

Neighbours	2.24	.79	1.10	.25	1.05	.12	1.00	.00	1.24	.42	1.00	.00	1.64	.85	1.00	.00
Co-workers	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Institutions	1.33	.47	1.00	.00	1.83	1.00	2.08	1.07	1.33	.47	1.25	.50	1.50	.58	1.25	.50

4.7.8. Reciprocity

The global level of reciprocity is high ($M=2.02$, $SD=.53$), reaching its maximum value in the neighbors quadrant ($M=2.17$, $SD=.36$) followed by family ($M=2.12$, $SD=.61$), friends ($M=1.70$, $SD=.66$), and institutions ($M=1.17$, $SD=.34$). Socio-demographic variables do not seem to affect reciprocity. However, participants living in rural settings ($M=2.21$, $SD=.52$) reciprocate more than their urban counterparts ($M=1.81$, $SD=.49$), but this difference is not statistically significant ($U=34.00$, $p=.08$). Overall reciprocity in the network has a significant positive correlation with overall frequency of contacts ($r=-.58$, $p<.01$), frequency of contacts with family ($r=-.48$, $p<.05$), and frequency of contacts with G2 ($r=-.43$, $p<.05$).

Reciprocity also shows a positive significant correlation with the following contents: overall support from G3 ($r=.59$, $p<.05$); emotional support from friends ($r=.60$, $p<.05$); overall financial support ($r=.46$, $p<.05$); technical support from friends ($r=.62$, $p<.05$); counseling from friends ($r=.63$, $p<.05$).

4.7.9. Conflict / Intimacy

Conflict is practically absent from the social networks of G1 ($M=1.31$, $SD=.50$). However, the low values of conflict uphold certain tendencies which are worth mentioning: a) conflict reaches its maximum values in the family ($M=1.34$, $SD=.51$), followed closely by neighbors ($M=1.28$, $SD=.49$), and lastly by friends ($M=1.15$, $SD=.55$); b) conflict with members of the institutional/professional quadrant is nonexistent; c) within the multigenerational family system, conflict is higher with members of the same generational subsystem ($M=1.50$, $SD=.81$), and then the values decrease as we descend from G2 ($M=1.36$, $SD=.54$) to G3 ($M=1.25$, $SD=.43$) and G4 ($M=1.20$, $SD=.45$).

Intimacy shows different patterns: a) in the family, intimacy is higher with members of G3 ($M=3.95$, $SD=1.01$) followed by G2 ($M=3.90$, $SD=.78$) and G1 ($M=3.64$, $SD=1.25$); b) the lowest values for intimacy within the family quadrant are found in the G4 subsystem ($M=3.20$, $SD=1.48$); c) the subjects report higher degrees of intimacy with friends ($M=3.36$, $SD=.70$) than with G4, but when compared with the remaining three generations, friends are considerably less intimate than family.

Although no pattern of variation with changing socio-demographic variables was found, overall intimacy in the network is positively and significantly correlated with the following network characteristics: financial support stemming from G1 ($r=.67$, $p<.05$); overall instrumental support ($r=.52$, $p<.05$); instrumental support from G2 ($r=.53$, $p<.05$). Overall conflict, on the other hand, diminishes with increasing frequency of contact with friends ($r=.70$, $p<.01$).

4.7.10. Durability (stability)

G1 usually mention significant individuals with whom they have ties that endure throughout many years, i.e. long-term relationships. The average durability of relationship ties for our sample is

approximately 45 years ($SD=9.52$). This variable, although different from the concept of network stability, may be viewed as its proxy measure; therefore data suggests high stability in the personal social networks of G1. Family has the higher mean scores for the durability of relationship ties ($M=48.40$, $SD=9.70$). Durability decreases throughout the generations because when it comes to family, all the respondents identified the beginning of relationships with the date of birth of the element (if the focal person is older than the individual) or of the focal person (if focal person is younger than the individual). Durability of friendship ties is slightly lower, but has a greater variation than the remaining quadrants ($M=42.88$, $SD=24.15$). Participants identified friends with whom they maintain a relationship for only 4 years but they also mentioned lifelong friendships of 80 years. The lowest scores for durability were found in the institutional/professional quadrant ($M= 11.53$, $SD=10.32$). Given that the age average for our sample is of approximately 85, it seems that institutional relationships usually begin when individuals entered the old-old segment of the population (+75 years).

Durability of network ties is not significantly related to socio-demographic variables. Regarding network variables, specially its relationship with the generational subsystems, durability is positively and significantly correlated with the mean weight of G2 subsystem ($r=.67$, $p<.01$), and negatively with the size of G3 subsystem ($r=-.59$, $p<.01$), the mean weight of G3 ($r=-.51$, $p<.05$), the size of G4 ($r=-.45$, $p<.05$), the mean weight of G4 ($r=.42$, $p<.05$), the frequency of contacts with family ($r=-.47$, $p<.05$), and the frequency of contacts with G1 ($r=.62$; $p<.05$).

4.8. DISCUSSION

First of all, we would like to make some remarks concerning methodological limitations. In this study, data concerns only those ties considered “meaningful” for the participants (personal social networks), despite the significant differences concerning the actual “support networks” (all the people that provide support to the focal person) and “global social networks” (all social ties maintained by the focal person). Data analysis procedures make extensive use of average rates which, in some cases, might be misleading. Let us consider, for instance, the example of a very large network that includes a considerable number of secondary relationships. In such a situation, the average rate of support stemming from the overall network might be very small, and the major contributions of one or two very important elements might also be overlooked. Litwin (1995) also pointed out this limitation in his studies. Finally, the use of the IARSP might obscure the role of “weak-ties” in social networks, whose importance was highlighted by Granovetter (1973), as the research question specifically requires people to elicit the most significant people in their lives.

4.8.1. Defining features of social networks in old-old age

One of the most widespread views of social networks in old age is the progressive reduction of its size with the passing of the years. However, our data did not show the small networks expected, given the high age average of our sample group. One possible explanation is that numerous subjects elicited network members that serve no functional purpose in the network, but are

nonetheless considered “significant”. This fact also provides a way to understand the low levels of support found. Given that our support measures rely on the calculation of means, the inclusion of non-supportive elements in the network lowers support values and minimizes the contribution of the most functionally active elements. These findings also seem to state that respondents feel that there is more to their “personal social networks” than just the provision of support. Members of their interpersonal niches are chosen for a mixture of reasons, which are not always discernible, namely: close family bond (e.g. “she is my daughter”), social desirability (e.g. “if I mention my son I must also mention my daughter-in-law”), provision of support (e.g. “he/she helps me quite a lot”), significant past relationship (e.g. “he/she was a good friend although now I don’t see him/her as often as I did in the past”). This apparent lack of pragmatism in old-old peoples’ social networks does seem to echo Lars Tornstam’s theory of gerotranscendence (Tornstam, 1994, 1996a, 1996b, 1997, 1999), in which the individual experiences a redefinition of time, space, life, death, and the self, “a shift in meta-perspective, from a materialistic and pragmatic view of the world to a more cosmic and transcendent one” (Tornstam, 1997: 17), i.e., a more incorporeal one that is difficult to encompass with such a down-to-earth concept as social support.

Social networks in old-old age rely heavily on the family, both structurally and functionally, but this also translates into smaller/medium sized, structurally dense, homogeneous networks. Friends are associated with larger networks, less density, more heterogeneity, i.e. they constitute a positive destabilizing factor in essentially homogeneous and stagnated social relations. Community relationships, both with friends and neighbors, are intimately related with the supportiveness of the social network, contradicting common sense views of a lost community.

4.8.2. Social networks and generational subsystems

Social networks in our sample encompass a significant number of family relationships, but a closer analysis reveals that, within the family system, there are some intergenerational differences. By discriminating family members according to the generation they belong to, we found that G2 takes on a distinctive role in the networks of the elderly generations due to its weight and influence on a number of variables.

Data is generally in accordance with the network typology and with the main findings put forward by Litwin and Landau (2000) in their study of social networks in old-old age. In fact, networks that rely heavily on G2 links might be compared with the “family intensive” type (although we do not discriminate the nature of the bond in our analysis of the results, most G2 elements elicited are in fact adult-children); and those with G1, G3 and G4 ties could be associated with the “kin” or “diffuse ties” network types. Although the supportiveness of the network is intimately related to the supportiveness of the G2 generational subsystem (which might be accounted for by its weight in the social networks), and this subsystem has the highest scores for frequency of contacts, financial support, counseling and companionship, networks that rely heavily on G2 are smaller, more stable and less heterogeneous. G3 elements appear in over half the networks evaluated, and the presence of this generational subsystem is associated with larger networks, less focused on G2.

Given G2 and G3's prevalence, the geographical accessibility of the entire network depends on the proximity of the focal person to these two generations. The parsimonious influence of G1 and G4 subsystems on social network variables results from the following reasons: low weight in the networks and low frequency of contacts. Although these values might be partially explained by the fact that there are less relational possibilities within the family system with G1 and G4 simply because these subsystems are less populous than G2 and G3, it is also important to emphasize that all the subjects had at least one great-grandchild but only 22% mentioned them. The low values for intergenerational contact between G1 and G4 are actually consistent with the literature, and provide support to the general picture of greater extended family contact among never-married or childless women (Stone & Rosenthal, 1996). The subjects of our sample all have children, because our sampling procedures required that all four respondents of a family belong to the same lineage. Moreover, all are currently married or widowed, and most are women, characteristics that predict less extended family contact. Men seem to exhibit different relational patterns; however their relative absence in our sample does not allow us to draw conclusions.

Data also shows a subsystem specialization when it comes to providing social support. Although G2 excels in several types of support, neighbors present the highest rates of emotional support and G4 has the highest mean scores for access to new contacts. If we take into account that overall support from G4 is associated with support from G3, and the latter with support stemming from G2, access to new contacts therefore seems to be partially conditioned by the maintenance of an intergenerational dynamic that involves the mobilization of all the generations. However, from Tornstam's perspective, this might be of little use to individuals, because one of the defining features of gerotranscendence is a decrease in interest in superfluous social interaction, a loss of interest in establishing new acquaintances, stemming from a life-long experience that allowed the clear definition of needs and preferences, thus making selective social interaction more desirable.

4.8.3. Implications on network intervention

Network interventions (network therapy, mediation, construction or reinforcement) should consider the evaluation of the diverse subsystems present in a social network, its structure and function. Data shows that family, when present, provides most of the support that a given network facilitates, but also shows that different generations provide different types of support and that friends and neighbors are functionally active.

Litwin (1995: 155) emphasizes that "it is incumbent upon the network practitioner to avoid premature entry into well-functioning networks, to coordinate appropriate service utilization when the need arises, and to help the existing informal network to maximize its support potential in line with its own priorities and preferences". Data shows social networks characterized by homogeneity, stability and density, with a primordial role of family and G2 connections. This might put an individual in increased social risk, but might also be a conscious and deliberate choice. We have already mentioned Tornstam's theory of gerotranscendence, but there are others who emphasize withdrawal in old-old age, such as the "disengagement theory" (Cummings & Henry, 1961), which

focuses on the individual's withdrawal from major roles of life, while concomitantly society ceases to depend on him/her for the performance of those same roles, but also, most importantly, which states that there are behavioral changes that characterize the elderly, that should not be labeled pathological, but regarded as normal. Therefore, while the literature is unequivocal in assigning informal social networks the role of mitigating stress in a wide range of situations, it is only when the social network does not perform this function or when it transforms itself into an additional source of stress, that intervention is considered. For example, geographical dispersion might constrict an individual's network to close family relationships in a time when he/she still desires and is capable of maintaining extended family relationships, therefore justifying a network intervention. In addition, if a client emphasizes the small size of his/her network or the perceived lack of emotional support, efforts should be taken to maximize the role of friends and other generations apart from G2, for these subsystems are usually associated with larger more heterogeneous networks. Lost links with G1 generational subsystems might be worth recovering when family therapists are tackling family problems in the younger generations and seeking comprehension for present day issues whose origins could be found in the distant past. The same could be beneficial the other way around, for when therapists are providing counseling or applying life-review techniques to older people, the mending of cut-off relations with G3 and G4 might facilitate the search for meaning and the attainment of a sense of integrity in family relationships (King & Wynne, 2004).

These are all examples of arising problems and interventions defined at an individual level, but it is also important to take into account social networks in old-old age when considering the development of interventions focused on a broader social spectrum, such as a community or a residential area. For instance, if practitioners intend to implement intergenerational programs, as a means of fostering intergenerational exchange and support, they should consider the hierarchical path for family support and social contact found in our study. Data showed that in order to link G1 to G4, the former should also be linked to G2 and G3. In a study of social networks of three-generation families, Attias-Donfut and Rozenkier (1996) coined the middle generation as a "pivotal generation", the prime regulator of the extended network of exchange in which each generation serves simultaneously as helper and recipient, and this same function appears to be performed by G2 in the social networks of G1.

Neighborhood based community work, organization of instrumental and social gatherings in a variety of local settings, effective use of senior centers, recreational associations, or local sports clubs, and semiformal organizations that supply volunteer assistance or friendly visitors are all possible means of diversifying older people's networks, if that is their wish. Bearing this in mind, practitioners should also be aware that social networks evolve through time, and that trying to make an old persons' network resemble a young adult or middle-aged person's network, might be a vain and counterproductive effort.

4.9. CONCLUSIONS

This study is a somewhat modest contribution to two vast fields of scientific endeavor: intergenerational relations and social network studies. Due to the amount of research conducted on these topics, both separately and conjointly, it is difficult to assess the impact of our study in terms of confirming or infirming past theoretical proposals or empirical research. Being an exploratory study, considering the focus on “normal” multigenerational families, and taking into account the social sciences’ truism that family relations are influenced by social and historical variables, we might state that the data presented here provides a snapshot of present day personal social networks in old-old age, of its structural and functional components. We do not know if social networks in the past were different nor can we hypothesize the directions of the changes that will inevitably occur in the future, but we do know that, in the present, personal social networks in old-old age are similar to the descriptions here presented. By discriminating the generations of the family members listed in the networks, we were also able to provide a more in-depth account of intergenerational relations in the lives of old-old people, thus understanding the role of each generation, first within the family scenario, and then with the larger social network scenario.

4.10. BIBLIOGRAPHY

- Abreu, S. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade*. Dissertação de Mestrado em Família e Sistemas Sociais, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Miguel Torga.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Attias-Donfut, C. & Rozenkier, A. (1996). The lineage-structured social networks of older people in France. In H. Litwin (Ed.) *The social networks of older people: A cross-national analysis* (pp. 31-53). Westport, Connecticut: Praeger.
- Bengtson, V. L. & Martin, P. (2001). Families and intergenerational relationships in aging societies: comparing the United States with German-speaking countries. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 34 (3), 207-217.
- Bengtson, V. L., Lowenstein, A., Putney, N. M., & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein (Eds.) *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). New York: Aldine de Gruyter.
- Botcheva, L. B. & Feldman, S. S. (2004). Grandparents as family stabilizers during economic hardship in Bulgaria. *International Journal of Psychology*, 39 (3), 157-168.
- Carroll, L. (1871). *Through the looking-glass*. Retrieved from www.gutenberg.org.
- Cummings, E. & Henry, W. (1961). *Growing old: The process of disengagement*. New York: Basic Books.
- Gonçalves, M. (2003). *Vinculação, rede social pessoal e psicopatologia no primeiro ano do ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica do Desenvolvimento) apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Goodman, C. C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22 (5), 557-578.
- Granovetter (1973). The strenght of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78 (6), 1360-1380.
- Guerra, S., Vicente, H., Figueiredo, D. & Sousa, L. (2008). *Informal caregivers of elderly people: Social network and life satisfaction*. Poster presented at the XXIX International Congress of Psychology, Berlin, Germany, July 20-25.
- Hogan, D. P., Eggebeen, D. J., & Clogg, C. C. (1993). The structure of intergenerational exchanges in American families. *American Journal of Sociology*, 98 (6), 1428-1458.
- King, D. A. & Wynne, L. C. (2004). The emergence of "family integrity" in later life. *Family Process*, 43 (1), 7-21.
- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: An overview of meaning and mental health. *The Gerontologist*, 22, 59-66.
- Kornhaber, A. & Woodward, K. (1981). *Grandparents/grandchildren, the vital connection*. New York: Anchor Press/Doubleday.

- Litwin, H. (1995). *Uprooted in old age: Soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Litwin, H. (Ed.). (1996). *The social networks of older people: A cross-national analysis*. Westport, Connecticut: Praeger.
- Litwin, H. & Landau, R. (2000). Social network type and social support among the old-old. *Journal of Aging Studies*, 14 (2), 213-228.
- Machado, I. (2008). *Rede social pessoal em vítimas de violência conjugal: Transformações desejadas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Martin, P., Halverson, C., Wampler, K. & Hollett-Wright, N. (1991). Intergenerational differences in parenting styles and goals. *International Journal of Behavioral Development*, 14, 195-207.
- Melkas, T. & Jylhä M. (1996). Social network characteristics and social network types among elderly people in Finland. In H. Litwin (ed.) *The social networks of older people: A cross-national analysis* (pp. 99-116). Westport, Connecticut: Praeger.
- Mietkiewicz, M.-C. & Jolliot, C. (2004). Grands-parents, arrière et beaux grands-parents: les représentations de jeunes enfants. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 52, 330-336.
- Neugarten, B. & Weinstein, K. (1968). The changing American grandparent. In B. Neugarten (Ed.), *Middle age and aging*. London: University of Chicago Press.
- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren: Implications for intervention and research. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 149-173.
- Reese, C. G. & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10 (4), 245-251.
- Richlin-Klonsky, J. & Bengtson, V. L. (1996). Pulling together, drifting apart: A longitudinal case study of a four-generation family. *Journal of Aging Studies*, 10 (4), 255-279.
- Rossi, A. S. & Rossi, P. H. (1990). *On human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103 (2), 429-460.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Barcelona, Gedisa Editorial.
- Sluzki, C. E. (2000). Social network and the elderly. *Family Process*, 39 (3), 271-284.
- Sousa, L. & Alarcão, M. (2007). Quem apoia os imigrantes de leste em Portugal? Um estudo exploratório das suas redes sociais pessoais. *Psychologica*, 45, 171-194.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multi-problem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19 (2), 159-175.
- Stone, L. & Rosenthal, C. (1996). Profiles of the social networks of Canada's elderly: An analysis of 1990 General Social Survey Data. In H. Litwin (Ed.) *The social networks of older people: A cross-national analysis*. London: Praeger.

- Tornstam, L. (1994). Gerotranscendence: A theoretical and empirical exploration. In L. E. Thomas & S. A. Eisenhandler (Eds.) *Aging and the religious dimension*. Westport, CT: Auburn House.
- Tornstam, L. (1996a). Gerotranscendence: A theory about maturing in old age. *Journal of Aging and Identity*, 1, 37-50.
- Tornstam, L. (1996b). Caring for elderly: Introducing the theory of gerotranscendence as a supplementary frame of reference for the care of elderly. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 10, 144-150.
- Tornstam, L. (1997). Gerotranscendence in a broad cross-sectional perspective. *Journal of Aging and Identity*, 2, 17-36.
- Tornstam, L. (1999). Later-life transcendence: A new developmental perspective on aging. In L. E. Thomas & S. A. Eisenhandler (Eds.) *Religion, belief and spirituality in late life*. New York: Springer.
- Van der Poel, M. (1993). Delineating personal support networks. *Social Networks*, 15 (1), 49-70.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Famílias multigeracionais: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psychologica*, 46, 143-166.
- Vicente, H. (2009a). The multigenerational family and the elderly: A mutual or parasitical symbiotic relationship?. In L. Sousa (Ed.) *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 27-48). New York: Nova Science Publishers.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2009b). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica* (submitted).
- Wellman, B. (1996). Are personal communities local? A Dumptarian reconsideration. *Social Networks*, 18, 347-354.

CONCLUSÕES GERAIS

“CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA INVESTIGAÇÃO SOBRE FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS”

Conhecer o sistema familiar multigeracional, diferenciando-o de outros sistemas sociais e criando um modelo específico para a sua compreensão, enfatizando as relações intergeracionais e intrageracionais que se desenvolvem no seu interior, constituiu o principal objectivo desta investigação. Diversos factores teóricos e demográficos reflectem a importância de encetar pesquisas focadas no sistema social que, numa perspectiva hierárquica sistémica (Carter & McGoldrick, 2005), se situa entre a “família nuclear” e a “comunidade” (ou seja, a “família alargada” detentora de múltiplas gerações): o reconhecimento do papel fundamental da família no bem-estar dos indivíduos em todas as faixas etárias (Hughes & Waite, 2004); o envelhecimento populacional e o decréscimo das taxas de fertilidade que conduziram à verticalização das relações familiares (Bengtson, Lowenstein, Putney, & Gans, 2003); a manifesta preferência das famílias por agregados residenciais independentes associada ao facto de “as relações e as experiências familiares extravasarem sistematicamente o grupo doméstico” (Wall, 2005b: 556).

Como esta tese se encontra organizada em capítulos independentes, mas, sublinhe-se, interconectados, implica que cada um tenha as suas conclusões, por isso, neste último capítulo, optou-se por relevar as limitações inerentes ao estudo que, por si, abrem novas perspectivas de investigação. Nesse sentido, são abordados, primeiro, os aspectos inerentes à investigação global e, posteriormente, aqueles que dizem respeito respectivamente aos dois primeiros capítulos sobre estrutura e funções na família multigeracional, e aos dois últimos capítulos devotados à análise de redes sociais.

LIMITAÇÕES DO DESENHO METODOLÓGICO E PRINCIPAIS CONTRIBUTOS

A escolha de um desenho metodológico em detrimento de outro implica sempre uma ponderação dos custos e benefícios inerentes a cada um. Richlin-Klonsky e Bengtson (1996) referem que os estudos sobre famílias em fases avançadas do ciclo vital se encontram inúmeras vezes condicionadas por aspectos metodológicos e conceptuais relacionados com o nível de análise; por exemplo, quando recorrem a apenas um respondente por família (Mangen, 1995) ou se focam sobre padrões relacionais que ocultam a experiência subjectiva dos seus membros, sobrestimam as regularidades do sistema e obscurecem as suas particularidades. Para esses autores, o reconhecimento destas limitações consubstancia a necessidade de encetar estudos longitudinais e

análises qualitativas, encarando a família como um “todo”, ou seja, assinalam a importância de estudar a família multigeracional como totalidade sistêmica, uma premissa identificada durante o início do labor acadêmico, subscrita por outros autores (Mangen, 1995; Blieszner & Bedford, 1995), que percorreu toda a investigação e foi explanada na introdução desta tese.

Este é um estudo exploratório que visa conhecer um sistema social ainda pouco investigado como totalidade sistêmica, por isso, optou-se por um desenho misto que incluía metodologias qualitativas e quantitativas. A inclusão de diferentes tipos de dados provenientes de diversos métodos de recolha de informação facilitou o enfoque no sistema familiar multigeracional. Como exemplo, refira-se que o estudo qualitativo inicial de definição dos subsistemas na família multigeracional foi de magna importância para as análises quantitativas encetadas no estudo das redes sociais dos sujeitos. Permitiu ao investigador encarar as relações entre as gerações, não no sentido diádico (envolvendo subsistemas individuais), como é habitual na literatura (e.g. relações entre pais e filhos, avós e netos, bisavós e bisnetos), mas de forma a capturar as relações entre subsistemas geracionais, que incluem todos os indivíduos de uma família que partilham a mesma posição na estrutura geracional da família (e.g. relações entre G1 e G2, entre G3 e G4). Contudo, tal multiplicidade metodológica adveio com o custo de limitar o número de famílias participantes.

O tamanho da amostra limitou frequentemente a análise de variáveis tão relevantes como o género, raça ou estatuto socioeconómico e sociocultural. Esta limitação, segundo alguns autores (Jackson, Jayakody & Antonucci, 1996), constitui um dos *calcanhares de Aquiles* da investigação sobre relações intergeracionais, em particular quando versa as relações entre avós e netos (Aldous, 1995). Salvo raras exceções (Kornhaber & Woodward, 1981; Rossi & Rossi, 1991), e de forma similar ao nosso estudo, a investigação na área da intergeracionalidade utiliza pequenas amostras de conveniência, sem grupo de comparação ou controlo que possibilite a identificação de variáveis concorrentes (Aldous, 1995).

Independentemente de todas as vantagens e limitações associadas ao desenho de investigação misto escolhido, o principal contributo desta investigação consistiu na tentativa de conceptualizar e compreender a família multigeracional como sistema que contém e é contido por outros (sub)sistemas que se influenciam reciprocamente (capítulo 1), no interior do qual são desempenhadas funções que ganham sentido neste nível sistémico e que contribuem para o desenvolvimento familiar e individual (capítulo 2), e em facultar dois exemplos da aplicação dessa conceptualização e compreensão à análise das relações intergeracionais e intrageracionais (capítulo 3) e do contexto relacional das gerações mais idosas (capítulo 4).

OS CAPÍTULOS

Estrutura e funções na família multigeracional

Os elementos concernentes à estrutura da família multigeracional foram obtidos através da aplicação de uma entrevista de genograma a elementos de famílias multigeracionais e da revisão da literatura. Foram identificados cinco subsistemas na família multigeracional: indivíduo, núcleo familiar, composição familiar, geração e linhagem. A análise estrutural encetada no primeiro

capítulo permitiu ainda a elaboração de uma tipologia, com a definição de três categorias baseadas na interacção entre proximidade emocional e proximidade geográfica: unificada, dispersa e fragmentada. Embora se tenha argumentado que a organização estrutural da família tem efeitos nas dinâmicas relacionais dos seus membros, a tipologia familiar não voltou a ser utilizada, por exemplo através do cruzamento com os dados provenientes dos instrumentos de análise da rede social contemplados no terceiro e quarto capítulos, ou das informações referentes ao exercício de papéis constantes no segundo capítulo. Tal ocorreu porque a distância geográfica e emocional são variáveis contínuas e não discretas, pelo que definir o “ponto de corte” entre os vários tipos permanece uma questão em aberto que exigirá aprofundamento em futuras investigações.

O estudo de caso descrito por Richlin-Klonsky e Bengtson num artigo de 1996, intitulado *“Pulling together, drifting apart: A longitudinal case study of a four-generation family”*, debruça-se sobre o mesmo objecto de estudo de uma forma que os autores descrevem como “holística”, mas que poderia ser apelidada de “sistémica”, segundo a terminologia por nós adoptada, sendo, portanto, de uma riqueza inestimável para tecer reflexões sobre os resultados. Em relação à tipologia familiar divisada no primeiro capítulo e aos critérios que lhe estão subjacentes, também Richlin-Klonsky e Bengtson (1996) fazem referência à importância de separar “distância geográfica” e “distância relacional” (*“interpersonal distance”*, no original) no estudo e compreensão da vivência familiar multigeracional. A ênfase que colocam na distinção destas duas variáveis advém, muito provavelmente, do estudo de caso encetado versar sobre uma família que se pode enquadrar no tipo “fragmentado” (caracterizada por distância relacional e independência em relação à distância geográfica). Esses autores assinalam que *“we cannot assume a direct relationship between the amount of geographic distance separating family members and the interpersonal distance between them (...) although a few (...) family members use geographic distance as a barrier to family interactions, their closeness or disaffection cannot be predicted by geography alone”* (1996: 270-271). Estes elementos levantam questões agregadas ao intenso debate em gerontologia sobre os efeitos da distância geográfica no contacto intergeracional. Os resultados desses autores facultam evidências de que a distância geográfica não implica, por si, um decréscimo de apoio, e que a proximidade não conduz necessariamente a um aumento da frequência de contactos. Embora as conclusões do primeiro capítulo também se inclinem nesse sentido, ambos os estudos tornam, pelo menos, visível a complexidade da relação entre distância física e contacto familiar (Richlin-Klonsky & Bengtson, 1996).

Quanto à topologia estrutural e definição dos subsistemas que compõem o sistema familiar multigeracional, apenas um deles (“composição familiar”) não é abordado sobejas vezes em estudos sociológicos, antropológicos ou psicológicos da família. Os outros surgem diversas vezes na literatura, nomeadamente: os indivíduos, ou subsistemas individuais, são mencionados, por exemplo, nos estudos sobre avós e netos (e.g. Kemp, 2004); o impacto do subsistema “linhagem” é abordado na análise dos fenómenos de lateralização do apoio familiar (e.g. Vasconcelos, 2005); os subsistemas geracionais surgem em estudos sobre relações e apoios intergeracionais (e.g.

Rossi & Rossi, 1990); os núcleos familiares emergem, por exemplo, nos estudos da evolução dos padrões de co-residência (e.g. Wall, 2005b).

Em contrapartida, o subsistema “composição familiar” é um conceito ainda pouco debatido, pelo que merece alguma atenção adicional. Nesta investigação, definiu-se “composição familiar” como um subsistema constituído pela associação, aliança ou coligação de dois ou mais núcleos familiares, assemelhando-se a diferentes “famílias alargadas” dentro da “família alargada” (Vicente & Sousa, 2007). Também Richlin-Klonsky e Bengtson (1996) identificaram quatro grupos de familiares, claramente diferenciados no seio da família multigeracional alargada que analisaram, referindo que: *“when asked (...) about potential “good” and “bad” events that could happen to their family or about intergenerational relations, family members responded in terms of these smaller family groups rather than the totality researchers apparently envisioned as the extended, multigenerational [family] when the project was designed”* (1996: 261). Estes aspectos conferem suporte à relevância de definir um subsistema, situado entre o núcleo familiar, família nuclear ou arranjo residencial de coabitação, e a família multigeracional, como totalidade sistémica, para melhor caracterizar a sua estrutura e compreender as suas dinâmicas idiossincráticas. Estudos subsequentes sobre a formação e desenvolvimento das composições familiares e o seu impacto no bem-estar individual e familiar afiguram-se necessários. Contudo, importará referenciar as cautelas avançadas por White e Klein (2002: 123)⁹, quando salientam que os “sistemas” não são objectos reais, mas mecanismos de compreensão da realidade, e que, por isso, a definição de subsistemas facilita o entendimento do observador, mas deverá ser relativizada:

“It must be kept in mind, however, that subsystems, like systems, are intellectual ways of understanding and analyzing our world. There are many ways to conceptualize subsystems and systems in families, and some serve one purpose better than others, but none are “true”. They have heuristic value but no “ontological” reality” (White & Klein, 2002: 127)

O estudo dos papéis ou funções desempenhados no sistema familiar multigeracional, descrito no segundo capítulo, tal como a investigação descrita no primeiro capítulo, apresenta a limitação que Richlin-Klonsky e Bengtson (1996) denunciam, pois recorrem à visão de apenas um membro da família. Esta limitação metodológica poderá ser colmatada em estudos subsequentes (p. ex. através do questionamento de vários elementos, pertencentes a diferentes gerações, sobre o exercício de papéis na família multigeracional a que pertencem), mas as funções identificadas encontram suporte noutros trabalhos de investigação.

⁹ White e Klein (2002) identificam quatro assunções inerentes à abordagem sistémica da família, que servem de alicerces para a arquitectura dos seus conceitos e proposições: a) todas as partes de um sistema se encontram interconectadas; b) a compreensão do sistema apenas é possível através do enfoque no “todo”; c) o comportamento do sistema influencia e é influenciado pelo meio envolvente; d) os “sistemas” são heurísticas, e não objectos reais, ou seja, a teoria dos sistemas não é uma realidade, mas uma lente ou forma de conhecer algo.

Em relação ao “elo de ligação familiar”, também a família analisada longitudinalmente por Richlin-Klonsky e Bengtson (1996: 275) contém “*several members [that] take responsibility for maintaining family connections*”. Além disso, a função de suporte é enfatizada pelos participantes dessa família, que afirmam existir uma “equipa de suporte” responsável pela prestação de cuidados em momentos de necessidade. Embora se revele na pluralidade de uma equipa (nesta investigação também se dava a possibilidade de referirem mais do que uma pessoa para o desempenho de determinada função), a “equipa de suporte” parece aproximar-se da figura “pronto-socorro familiar” aqui aprofundada. Em relação ao papel “guardião das memórias familiares”, são de assinalar os pontos de contacto com o estádio de “guardião do significado”, inserido no esquema desenvolvimental gizado por Vaillant (2002), e com o processo de construção da integridade familiar das famílias envelhecidas avançado por King e Wynne (2004).

Ambos os estudos constantes no primeiro e segundo capítulo apresentam um forte pendor estruturalista e funcionalista. Com efeito, num outro estudo do autor, foi argumentado que o desempenho de funções no seio da família multigeracional contribui para o desenvolvimento familiar e individual (Vicente & Sousa, 2009). Deve, contudo, enfatizar-se que estes estudos apresentam hipóteses heurísticas e um modelo de compreensão, não devendo ser confundidas com a realidade em si mesma. Ou seja, são lentes para olhar e tentar compreender a realidade. É relevante salientar estas cautelas, de forma a evitar a reificação da família multigeracional nos estudos sobre intergeracionalidade, e, assim, fomentar a pesquisa de outras possibilidades, tanto ao nível estrutural (pela definição de outras tipologias familiares e topologias estruturais de maior poder compreensivo), como funcional (através da definição e investigação de outros papéis familiares no seio da família multigeracional).

Redes sociais pessoais e família multigeracional

Nos dois primeiros capítulos, procurou distinguir-se o sistema familiar multigeracional ou família alargada detentora de múltiplas gerações dos sistemas “família nuclear” e “comunidade”, assumindo-se que as fronteiras entre estes sistemas sociais são permeáveis e, por isso, não faria sentido estudar um ignorando os restantes. Assim, o estudo das redes sociais pessoais, como foram definidas por Sluzki (1996), mostrava-se consonante com o objectivo de conhecer as dinâmicas familiares intergeracionais: em primeiro lugar, porque não limitava o espectro da pesquisa do quadrante familiar ao grupo doméstico de co-residência, permitindo às pessoas assinalar elementos da família dispersos geograficamente e/ou com pouca frequência de contactos; em segundo lugar, porque permitia a análise de outros contextos relacionais exteriores à família, como as amizades e as vizinhanças; e, em terceiro, porque não limitava o alcance da pesquisa ao suporte e apoio prestados, permitindo descortinar a existência de relações valorizadas, mas desprovidas de conteúdo funcional. Tal afigurava-se particularmente relevante para as relações entre bisavós e bisnetos, que muitas vezes são importantes mas desprovidas de conteúdo funcional (Johnson & Barer, 1997). Em suma, permitia analisar a matriz relacional da família multigeracional, tanto numa lógica interna de intercâmbio entre subsistemas geracionais,

como numa lógica externa, incluindo a influência das relações com outros sistemas sociais situados para além do meio familiar.

Contudo, também a opção pelo Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal – versão revista (Alarcão & Sousa, 2007), baseado nas conceptualizações teóricas de Sluzki (1996), adveio com benefícios e custos. Entre as limitações inerentes às abordagens de análise das redes sociais centradas num sujeito focal, alguns críticos argumentam que, na melhor das hipóteses, o investigador lida com “percepções” acerca das relações, ao invés das próprias relações (McCarty, 2002). Esta questão pode, contudo, ser amenizada pois, embora permaneça o debate acerca do valor diferencial entre mensuração da percepção social e mensuração de relações observáveis, pelo menos uma parte do comportamento é motivado pelas percepções do sujeito; assim, o relato sobre os seus laços reflecte uma parte substantiva do meio social envolvente (McCarty, 2002). Existe, efectivamente, a possibilidade de ocorrência de um efeito projectivo nas respostas durante a administração de um instrumento como o IARSP-R, que se debruça sobre as percepções de quem o sujeito focal considera “significativo”.

Os habitantes do norte da Europa, embora tenham menor número de contactos (aspectos relacionais observáveis) com os seus familiares, consideram-se menos sozinhos e isolados (aspectos da percepção social) do que os seus comparsas do sul, o que reflecte não tanto um problema de isolamento, distanciamento, fragmentação ou corte relacional na família do sul da Europa mas uma maior expectativa dos últimos em relação ao contacto familiar, ou seja, uma discrepância superior entre a frequência de contactos idealizada e a frequência de contactos real (Andersson & Sundström, 1996). Neste caso particular, a simples análise da “percepção social” dos inquiridos poderia induzir o investigador a tecer, precipitadamente, conclusões acerca do tecido familiar em cada uma das zonas geográficas em apreço. Os resultados obtidos através do IARSP-R colocam a ênfase na percepção da significância que os indivíduos atribuem às pessoas que os rodeiam e secundarizam elementos concretos, como a frequência de contactos. Relembre-se que a questão inicial colocada aos inquiridos pedia que elencassem as pessoas com quem, objectivamente, “*esteve em contacto nos últimos 6 meses*”, mas que, subjectivamente, “*sejam significativos na sua vida*”. Um exemplo claro do desfazamento que se poderá dar foi um caso em que o sujeito assinalou um número muito pequeno de pessoas durante uma entrevista que foi constantemente interrompida por um rodopio de pessoas, familiares, amigos e vizinhos, que entravam e saíam da sua casa, mas que não considerava significativos. Alguém que brevemente observasse a folha de resposta do IARSP-R suporia que este inquirido vivia num isolamento marcado e preocupante. A observação do meio concreto revelava uma outra faceta. De qualquer maneira, e evitando cair num empirismo radical que ignora a importância da subjectividade na pesquisa científica, em particular numa área em que esta se revela tão fundamental como as ciências sociais, é de referir que os resultados traduzem um quadro relativamente fidedigno da valorização diferencial que os sujeitos fazem dos vários (sub)sistemas de que fazem parte.

Um dos resultados mais substantivos foi a identificação de variação estrutural mas não funcional entre as redes sociais dos adultos independentes (G1, G2 e G3) e a condensação das maiores

diferenças entre as redes do grupo de subsistemas geracionais limítrofes (G1 e G4) e as do grupo intermédio (G2 e G3). A magnitude ou amplitude das diferenças estruturais pode, contudo, estar a ser subestimada ou sobrestimada por razões inerentes ao instrumento de medida, mais uma vez, pelo facto de se solicitar aos sujeitos que mencionem apenas os elementos da rede social significativos, o que resulta em números relativamente reduzidos de membros, por comparação a metodologias que requerem, por exemplo, todas as pessoas com quem alguém se relaciona. Como refere McCarty (2002) *“with a relatively small number of network members who tend to be close friends and family, there is very little structural variation to explain”*. Desde a sua origem, os estudos realizados com o IARSP-R em Portugal, com amostras de adultos da população em geral, têm revelado tamanhos que variam entre os 13 e os 20 elementos (Alarcão & Sousa, 2007; Abreu, 2000), e esta investigação revelou redes sociais que oscilam entre os 12 elementos, no caso de G1, e os 20 elementos, no caso de G2, e é sobre este número relativamente exíguo de pessoas que são analisadas variáveis estruturais, como a homogeneidade / heterogeneidade ou a dispersão. No caso particular da densidade da rede, que foi tomada em linha de conta no presente estudo, McCarty (2002) assinala:

“Personal network researchers usually do not ask respondents to evaluate the existence of a tie between network members. Those who have asked such questions limit them to a small set of core network members who, as core members, often have a high degree of interaction. Because of this close interaction, the analysis of structure among core network members demonstrates little variance between respondents”

Estes elementos permitem contextualizar os dados do terceiro e quarto capítulos, tomando em consideração aquilo que é efectivamente mensurado através do IARSP-R, e evitando, dessa forma, ilações abusivas dos resultados. O que aqui se analisou foram experiências subjectivas do meio social, pelo que uma rede que apresente um grau de suporte reduzido pode-se dever, tanto à inexistência desse suporte, como ao não reconhecimento por parte do sujeito de um apoio que tem existência real.

Em relação aos resultados, importa assinalar que o estudo das redes sociais pessoais de indivíduos pertencentes a famílias com quatro gerações vivas, providenciam suporte à perspectiva que enfatiza a conexão intergeracional e a importância do contexto familiar alargado (não limitado à coabitação). Hareven (1996) assinala um mito acerca do apoio familiar no passado, segundo o qual existiria uma época de ouro da velhice num tempo longínquo, em que as gerações mais idosas residiam com os filhos e outros familiares, e por eles eram valorizadas e apoiadas. Como responsáveis pela erosão desta estrutura familiar e das relações intergeracionais subjacentes, os proponentes desta visão identificam os modernos fenómenos de industrialização e urbanização. As redes sociais dos inquiridos reforçam a qualidade “mitológica” dessa perspectiva, particularmente quanto à desconexão intergeracional, pois, em relação à composição dos agregados familiares, e como refere Wall (2005a: 35): “pela história (...) percebia-se que, tal como

no resto da Europa, os grupos domésticos de família alargada e múltipla não tinham sido majoritários na sociedade portuguesa, predominando, pelo contrário, a família simples do casal com filhos”.

Em termos de relações intergeracionais, a importância da contiguidade geracional encontra eco nas conclusões de Vasconcelos (2005: 630): “as redes de apoio familiar no respeitante à sua tipologia (...) são preponderantemente redes de parentesco directo”, ou seja, embora algumas relações intergeracionais entre indivíduos situados em subsistemas geracionais não contíguos se possam revestir de carácter essencial para o desenvolvimento individual e familiar, no quadro geral das relações intergeracionais, as que têm maior peso são aquelas mantidas com a geração antecedente ou subsequente.

O estudo das relações entre subsistemas geracionais, tomado isoladamente, faculta uma visão bastante espalhada da realidade familiar multigeracional, pois é nos intercâmbios e dinâmicas relacionais entre numerosos subsistemas que a vida familiar multigeracional ocorre. Assim, afigura-se relevante conduzir investigações sobre: a) relações entre subsistemas de linhagem; b) relações entre subsistemas individuais; c) relações entre núcleos e composições familiares. Estas pesquisas podem ser realizadas com base nos dados recolhidos nesta investigação.

No que respeita às relações entre subsistemas de linhagem, importa referir que alguns estudos as tomam em linha de conta como, por exemplo, aquele realizado por Vasconcelos (2005) sobre redes sociais de apoio. Segundo este autor, “a rede de apoio familiar é, de facto e em grande medida, uma rede de entreajuda feminina”, e esta feminização da rede de suporte deve ser perspectivada pelo duplo prisma de “preponderância dos apoios por parte da família da mulher do casal e preponderância de apoios prestados por mulheres” (Vasconcelos, 2005: 628).

Na ausência de dados que permitam comentar as conclusões de Vasconcelos (2005), em primeiro lugar, pela não inclusão da variável “linhagem”, que permitiria aferir a lateralização dos suportes, e, em segundo lugar, pela não inclusão da variável “género” (neste caso, “género do sujeito focal” e “género dos elementos que compõem as redes”), que permitiria aferir a gendrificação do apoio, resta referir um dado que embora colateral, porque associado às características da amostra, poderá igualmente estar carregado de significado: o facto da maior parte dos respondentes ou sujeitos inquiridos pertencer ao sexo feminino, tanto na geração mais idosa, para a qual o diferencial de expectativa de vida entre homens e mulheres poderia explicar a discrepância, como nas duas gerações intermédias, para as quais não existe uma possibilidade explicativa tão linear, e que poderá, efectivamente, indiciar um maior protagonismo feminino na “comunicação e mediação entre grupos domésticos de parentela” (Vasconcelos, 2005: 630).

Reservas sejam no entanto feitas a esta ilação. No *University of Michigan Three-Generation Family Study* (Jackson, Jayakody, & Antonucci, 1996), e de forma similar ao presente estudo, as amostras das duas gerações mais idosas apresentavam uma proporção mais elevada de elementos do sexo feminino, ao passo que a geração mais nova revelava uma distribuição substantivamente equilibrada, mas os autores consideraram que tal se devera a diferenças de

género na mortalidade atribuível a todas as causas de morte possíveis e, num menor grau, a factores de selecção da amostra.

As relações entre subsistemas individuais (tais como a relação entre avós e netos cuja relevância é extensamente reconhecida na literatura) ficam obscurecidas pela ênfase nas relações entre subsistemas geracionais. Em 1965, Hader considerava que os avós desempenhavam um papel no desenvolvimento familiar e individual para além do mero substituto (em caso de indisponibilidade parental) ou de figura subsidiária das personagens principais da família nuclear, afirmando que a ausência dos avós pode ter efeitos deletérios no desenvolvimento dos netos. A experiência de “ser avô” passou a ser uma parte expectável no ciclo vital das pessoas (Hagestad & Burton, 1986), e vários estudos recentes sublinham a importância dos avós na dinâmica familiar (e.g. Botcheva & Feldman, 2004; Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003). Mas, os nossos resultados não se centram sobre a importância da relação entre avós e netos ou bisavós e bisnetos. Esta investigação faculta *um outro olhar* que recontextualiza os estudos existentes sobre as relações intergeracionais. Ou seja: avós e netos são de importância fundamental mútua, como as redes sociais de G1, G2, G3 e G4 atestam (capítulo 3); no entanto, o intercâmbio entre as gerações em posições contíguas apresenta maior relevância e peso nas redes sociais.

As conclusões relativas à evolução da rede social ao longo do tempo e das gerações e o contributo que facultam para a psicologia desenvolvimental do ciclo de vida são consequência daquilo a que Birren e Cunningham (1985 *in* Fonseca, 2005) apelidam “abordagem desenvolvimental estática”, pois baseiam-se nas características das redes de indivíduos pertencentes a quatro grupos geracionais distintos, estudados num mesmo momento do tempo. Neste sentido, seria interessante adoptar uma “abordagem desenvolvimental dinâmica”, acompanhando um grupo de sujeitos pertencentes a famílias multigeracionais durante um longo período de tempo para melhor “compreender os processos de mudança, ou seja, compreender como é que as pessoas se desenvolvem, o que caracteriza essa mudança desenvolvimental e como é que ela acontece” (Fonseca, 2005: 29), quer em termos das relações intrageracionais e intergeracionais desenvolvidas no contexto familiar multigeracional, quer no intercâmbio deste com outros sistemas sociais.

O estudo das redes sociais da geração mais idosa permitiu analisar de forma mais detalhada dados que já haviam sido utilizados no capítulo anterior, facultando um contributo mais específico para o estudo do envelhecimento e do desenvolvimento nas fases finais do ciclo vital individual e familiar. Tal como nas restantes gerações, mas de forma mais acentuada, a família desempenha um papel fundamental no tecido social significativo da pessoa idosa, em particular o subsistema G2, no qual se encontram os filhos. Contudo, a heterogeneidade da rede, quer ao nível familiar, através da inclusão de elementos de outros subsistemas geracionais, como ao nível social, através da inclusão de amigos, está associada a redes maiores, menos dependentes de um único (sub)sistema. Estes resultados vão ao encontro da literatura, particularmente à tipologia de redes sociais avançada por Litwin (1995), em que as “redes de parentela” (focadas na família extensa) seriam maiores do que as “redes familiares intensivas” (focadas nos filhos), veiculando, ao mesmo

tempo, um grau de intimidade e suporte similares, senão mesmo superior (Litwin & Landau, 2000). Para todos os efeitos, apesar de um (sub)sistema individual ou geracional, poder isoladamente providenciar todo o apoio de que a pessoa necessita, levanta-se a dupla questão da sobrecarga do (sub)sistema cuidador e do risco associado em caso de indisponibilidade súbita do mesmo, podendo-se, assim, concluir que uma rede heterogênea constitui um factor protector nos últimos estádios do ciclo vital.

O apoio emocional, a companhia e o apoio instrumental no quotidiano são os principais conteúdos funcionais das redes sociais na velhice. Tal significa que, em caso de indisponibilidade da rede, carências nesta área podem emergir e reflectir-se no bem-estar da pessoa. Serviços divisados para colmatar insuficiências na rede social devem, portanto, ter presente a sua dupla função pragmática, de “alimento para o corpo”, e intangível, de “alimento para a alma”.

O *Family Environment Context Model* (Jackson, Jayakody, & Antonucci, 1996) é um modelo baseado na hipótese de que a família multigeracional constitui um meio social, psicológico e físico, distinto dos restantes, devido ao seu idiossincrático arranjo estrutural e às interacções sociais subjacentes. Um estudo realizado como uma amostra de famílias trigeracionais norte-americanas facultou evidências de que variáveis associadas ao meio familiar alargado, como a satisfação familiar, explicavam uma proporção mais significativa da variância em apoio recebido do que variáveis individuais como a idade ou o género (Jackson, Jayakody, & Antonucci, 1996). Também neste estudo se verificou que inúmeras variáveis da rede, como o tamanho ou a frequência de contactos, não eram influenciadas por variáveis individuais, como a idade, mas por outras, como a composição do meio social. A conceptualização ecológica ou ecossistémica da família que a investigação apresentada nesta tese partilha com o modelo supracitado fica, então, reforçada, tanto para prática quotidiana dos técnicos que com elas lidam, como para futuras investigações na área da família, no geral, e do envelhecimento, em particular.

NOTAS FINAIS

Considerar a família multigeracional, retirando do pedestal objectos de estudo mais comuns, como família nuclear e o indivíduo, permitiu analisar as relações intergeracionais e intrageracionais, providenciando um enquadramento que agrega desenvolvimento familiar e individual.

A adopção de metodologias transversais, como a utilizada nesta tese, tem levantado algumas reservas. Vandenplas-Holper (1998, *in* Fonseca, 2005) considera que os dados provenientes de estudos transversais são sempre difíceis de interpretar segundo o prisma desenvolvimental. De facto, diferenças entre sujeitos podem ser devidas à idade, mas igualmente a alterações da personalidade ou mudanças biológicas, e as técnicas utilizadas para mensurá-las podem carecer de validade ecológica. Além disso, os estudos transversais dificultam a destrição entre efeitos da idade cronológica e os efeitos da *coorte* (Baltes, 1987 *in* Fonseca, 2005). No caso desta investigação, os indivíduos do mesmo subsistema geracional podem pertencer a *coortes* distintas; por exemplo: a subamostra G1 apresenta uma amplitude de idades entre os 75 e os 94 anos de idade, ou seja, quando o sujeito mais novo desta geração estava a nascer, o sujeito mais velho já

era maior de idade. Sublinha-se, assim, a dificuldade em separar os efeitos decorrentes da geração, idade e *coorte* (Thorton & Rodgers, 1987 *in* Jackson, Jayakody & Antonucci, 1996), que devem ser considerados em análises subseqüentes.

Para colmatar as limitações elencadas, poderia ser utilizado um desenho sequencial para o estudo das várias gerações, como meio de analisar o desenvolvimento da rede social e das relações intergeracionais, controlando os efeitos da *coorte* de pertença dos indivíduos, da idade, e do momento de avaliação. Se bem que este acréscimo de interesse, derivado da possibilidade de melhor compreender a natureza do desenvolvimento através da supressão das limitações inerentes à pesquisa transversal, se associará, inevitavelmente, a um acréscimo substancial dos custos da investigação. No entanto, os desenhos longitudinais e sequenciais não são isentos de limitações e não devem, portanto, ser considerados a panaceia universal para todos os constrangimentos metodológicos com que se depara o investigador, particularmente no campo dos estudos sobre famílias e envelhecimento (Mangen, 1995). As diferentes metodologias acabam por ser complementares para aprofundar cada vez mais o conhecimento sobre um determinado fenómeno e para desenvolver a confirmação de conclusões. Como tal, nestes últimos parágrafos, foram abordadas as limitações deste estudo, não tanto com o objectivo de minimizar os resultados apresentados ou o trabalho desenvolvido, mas como forma de moderar as interpretações que futuros leitores façam do que nesta tese foi exposto e incentivar a pesquisa na área. O desenho de investigação constituiu um dos maiores desafios desta investigação, com o qual estudos subseqüentes sobre a mesma temática eventualmente batalharão, na senda por modelos compreensivos de complexidade e poder explicativo cada vez mais abrangente.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, S. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade*. Dissertação de Mestrado em Família e Sistemas Sociais, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Miguel Torga.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Aldous, J. (1995). New Views of Grandparents in Intergenerational Context. *Journal of Family Issues*, 16 (1), 104-122.
- Andersson, L. & Sundström, G. (1996). The social networks of elderly people in Sweden. In H. Litwin (Ed.) *The social networks of older people. A cross-national analysis* (pp. 15-29). London: Praeger.
- Bengtson, V. L., Lowenstein, A., Putney, N. M., & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein (Eds.) *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). New York: Aldine de Gruyter.
- Blieszner, R. & Bedford, V. H. (1995). The Family Context of Aging: Trends and Challenges. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of Aging and the Family* (pp. 3-12). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Botcheva, L. B. & Feldman, S. S. (2004). Grandparents as family stabilizers during economic hardship in Bulgaria. *International Journal of Psychology*, 39 (3), 157-168.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Goodman, C. C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22 (5), 557-578.
- Hader, M. (1965). The importance of grandparents in family life. *Family Process*, 4, 228-240.
- Hagestad, G. O. & Burton, L. M. (1986). Grandparenthood, life context, and family development. *American Behavioral Scientist*, 29 (4), 471-484.
- Hareven, T. K. (Ed.) (1996). *Aging and generational relations: Life-course and cross-cultural perspectives*. New York: Aldine de Gruyter.
- Hughes, M. E. & Waite, L. (2004). The American family as a context for healthy ageing. In S. Harper (Ed.) *Families in ageing societies: A multi-disciplinary approach* (pp. 176-189). Oxford: Oxford University Press.
- Jackson, J. S., Jayakody, R., & Antonucci, T. C. (1996). Exchanges within American three-generation families: The family environment context model. In T. K. Hareven (Ed.) *Aging and generational relations: Life-course and cross-cultural perspectives*. New York: Aldine de Gruyter.
- Johnson, C. L. & Barer, B. M. (1997). *Life Beyond 85: The Aura of Survivorship*. New York: Springer Publishing Company, Inc.

- Kemp, C. L. (2004). "Grand" expectations: The experience of grandparents and adult grandchildren. *Canadian Journal of Sociology*, 29 (4), 499-525.
- King, D. A. & Wynne, L. C. (2004). The emergence of "family integrity" in later life. *Family Process*, 43 (1), 7-21.
- Kornhaber, A. & Woodward, K. (1981). *Grandparents/grandchildren, the vital connection*. New York: Anchor Press/Doubleday.
- Litwin, H. (1995). *Uprooted in old age: Soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Litwin, H. & Landau, R. (2000). Social network type and social support among the old-old. *Journal of Aging Studies*, 14 (2), 213-228.
- Mangen, D. J. (1995). Methods and Analysis of Family Data. In R. Blieszner & V. H. Bedford (Eds.) *Handbook of Aging and the Family* (pp. 148-177). Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- McCarty, C. (2002). Structure in personal networks. *Journal of Social Structure*, 3 (1). Retrieved from <http://www.cmu.edu/joss/index.html>
- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren: Implications for intervention and research. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 149-173.
- Richlin-Klonsky, J. & Bengtson, V. L. (1996). Pulling together, drifting apart: A longitudinal case study of a four-generation family. *Journal of Aging Studies*, 10 (4), 255-279.
- Rossi, A. S. & Rossi, P. H. (1990). *On human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistemica*. Barcelona, Gedisa Editorial.
- Vaillant, G. E. (2002). *Aging well: Surprising guideposts to a happier life from the landmark Harvard Study of Adult Development*. Boston: Little, Brown and Company.
- Vasconcelos, P. (2005). Redes sociais de apoio. In K. Wall (Org.) *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais* (pp. 599-631). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vicente, H. & Sousa, L. (2009). The multigenerational family and the elderly: A mutual or parasitical symbiotic relationship? In L. Sousa (Ed.) *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 27-48). New York: Nova Science Publishers.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Família multigeracional: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psychologica*, 46, 143-166.
- Wall, K. (Org.) (2005a). *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Wall, K. (2005b). Os grupos domésticos de co-residência. In K. Wall (Org.) *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais* (pp. 553-597). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- White, J. M. & Klein, D. M. (2002). *Family theories*. London: Sage Publications Ltd..

CONCLUSÕES GERAIS